

LETÍCIA DE ALMEIDA BARBOSA SANTOS

**O USO DE VERBOS COGNITIVOS EM
CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS
EPISTÊMICAS:
UMA ABORDAGEM DO PONTO DE VISTA DA
GRAMATICALIZAÇÃO**

**TRÊS LAGOAS - MS
Março/2019**

LETÍCIA DE ALMEIDA BARBOSA SANTOS

**O USO DE VERBOS COGNITIVOS EM
CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS
EPISTÊMICAS:
UMA ABORDAGEM DO PONTO DE VISTA DA
GRAMATICALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos) do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. **Solange de Carvalho Fortilli**

TRÊS LAGOAS - MS
Março/2019

LETÍCIA DE ALMEIDA BARBOSA SANTOS

**O USO DE VERBOS COGNITIVOS EM CONSTRUÇÕES
PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS:
UMA ABORDAGEM DO PONTO DE VISTA DA
GRAMATICALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos) do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Solange de Carvalho Fortilli
(orientadora)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul -
UFMS

Prof^ª. Dra. Taísa Peres de Oliveira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul -
UFMS

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Universidade Estadual Paulista – UNESP

Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes (suplente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul -
UFMS

Três Lagoas, 08 de Março de 2019.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por capacitar-me e permitir que eu vivencie experiências únicas e enriquecedoras.

À Profa. Dra. Solange de Carvalho Fortilli, que me acolheu como orientanda e, mais do que abrir os caminhos, tem me ensinado a percorrê-los. A sua presença em minha formação tem sido (e continuará a ser) singular.

À Profa. Dra. Taísa Peres de Oliveira, por todo ensinamento, apoio e incentivo nos últimos sete anos.

Ao Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes, por compartilhar seus conhecimentos em cada reunião de grupo e por ter sido banca de qualificação.

A cada membro do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas, pelas trocas de conhecimentos, dúvidas e desafios compartilhados.

A todos os meus professores da UFMS/CPTL, por contribuírem em minha formação docente, e por despertarem em mim um olhar crítico acerca do mundo e da pesquisa.

Ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, da UNESP de São José do Rio Preto, por aceitar estar presente nesse momento tão único, apresentando seu olhar crítico acerca dessa pesquisa e acolhendo-me como orientanda de doutorado pelos próximos anos.

Aos meus pais, Clarindo e Olívia, por transferirem princípios e valores humanos que me permitiram chegar até aqui. Às minhas irmãs, Tamires e Aline, pelo carinho e cumplicidade em cada momento.

Ao meu esposo, Julio César, por acompanhar-me desde o início desta caminhada com amor, paciência e compreensão, incentivando-me nos momentos mais difíceis.

À minha querida amiga Aline da Silva Rodrigues, por apoiar-me e ensinar-me que a vida é mais simples do que se imagina. E, claro, aos meus amigos Raul Leme Medeiros e José Emanuel Rodrigues pelas histórias e pela amizade sempre presentes.

Ao meu irmão acadêmico, Lucas Borel Cristiano, pelas discussões e contribuições acerca deste objeto de pesquisa.

Às meninas, Kátia Roberta Rodrigues Pinto e Arielly Berlandi, pela amizade e companheirismo de sempre.

À Capes, pela bolsa de estudos,
meus agradecimentos.

*A linguagem é a ponta visível do iceberg da construção invisível do significado
(FAUCONNIER, 1991, p. 1).*

BARBOSA-SANTOS, Leticia de Almeida. **O uso de verbos cognitivos em construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem do ponto de vista da gramaticalização**. Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2019, 110 p. (Dissertação de Mestrado)

RESUMO

O presente estudo toma como objeto de pesquisa os verbos cognitivos, que expressam processos mentais mais e menos abstratos, tais como raciocínios, produção de conhecimentos, crenças, julgamentos e posicionamentos do falante diante de um conteúdo. São verbos como *crer*, *achar*, *pensar*, *acreditar*, *imaginar*, *supor*, *deduzir* e outros, que são, muitas vezes, encaixadores de orações, as quais tem estatuto de argumento interno. Apesar de seu estatuto típico, o de predicado, eles podem atuar como unidades textuais independentes da estrutura básica da sentença, tendo como domínio o enunciado todo ou parte dele. Por serem extraoracionais e suspenderem o tópico em desenvolvimento, para dar lugar a uma atitude do falante, podem ser chamados de parentéticos. Considerando que muitos verbos cognitivos expressam, além de atividades de raciocínio e conhecimentos, os posicionamentos do falante diante da proposição, analisam-se, nesse trabalho, as acepções de um pequeno conjunto de verbos cognitivos, para captar nuances que proporcionam um intercâmbio entre a da cognição e a modalidade epistêmica, via que fortalece a expressão de atitude e crença em alguns contextos. Ao considerar que estes verbos tendem a se aproximar do eixo modal epistêmico, assume-se, aqui, a gramaticalização no sentido mais amplo, como consideram Hopper; Traugott (1993) e Himmelmann (2004), autores que não apontam a mudança de categoria como mudança preponderante, privilegiando alterações de comportamento e expansão semântico-pragmática. Ao analisar as acepções dos verbos *crer*, *acreditar*, *supor*, *pensar*, *achar*, *imaginar*, *deduzir* e *calcular*, foi possível observar a atuação de mecanismos sintáticos e, sobretudo, semânticos na trajetória de abstratização. Nesta perspectiva, cumpre-se a identificação dos mecanismos de gramaticalização que proporcionam usos mais abstratos, sob a hipótese de que, quando parentetizado, há mais visibilidade de seu caráter subjetivo, visto que o falante lança uma afirmação e, em seguida, uma ressalva, relativizando a veracidade do conteúdo afirmado e evidenciando como se relaciona com a proposição. Na análise, tomam-se como base estudos como os de Traugott; Dasher (2001); Thompsom; Mulac (1991); Gonçalves (2003; 2004; 2007); Casseb-Galvão (2004) e Fortilli (2013). Para análise e interpretação dos resultados foram coletados dados entre os séculos XIX, XX e XXI, no corpus do português, disponível online. Assim, para além do processo de abstratização, foi possível observar o aumento da frequência de ocorrências com verbos cognitivos parentetizados no português.

Palavras-chave: Verbo cognitivo; gramaticalização; acepções.

BARBOSA-SANTOS, Leticia de Almeida. **O uso de verbos cognitivos em construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem do ponto de vista da gramaticalização**. Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2019, 110 p. (Dissertação de Mestrado)

ABSTRACT

This study takes cognitive verbs as the object of research, which express more and less specific mental processes, such as reasoning, knowledge, beliefs, judgments and positioning of the speaker with respect to a content. They are verbs as *crer*, *achar*, *pensar*, *acreditar*, *imaginar*, *supor*, *deduzir* and others, which are often clause-embedding verbs, in clauses in internal argument position. Despite its typical functioning, as a predicate, they can act as independent textual units of the sentence's basic structure, having as domain the whole enunciation or part of it. Because they are extracausal and suspend the developing topic, to give rise to a speaker's attitude, they can be called parenthetical. Considering that, many cognitive verbs express, in addition to activities of reasoning and knowledge, the speaker's positioning towards the proposition, the senses of a small set of cognitive verbs are analyzed in this work, in order to capture nuances that provide an exchange between the field of cognitive and the field of epistemic modality, which strengthens the expression of attitude and belief in some contexts. In considering that these verbs tend to approach the epistemic modality field, grammaticalization here is understood in the wider sense, as stated by Hopper; Traugott (1993) and Himmelmann (2004), authors who do not point the change of category as a preponderant change, favouring changes of semantic-pragmatic behavior and expansion. By analyzing the semantic senses of the verbs *crer*, *acreditar*, *supor*, *pensar*, *achar*, *imaginar*, *deduzir* and *calcular*, it was possible to observe the performance of syntactic mechanisms but, above all, semantic mechanisms in the trajectory of abstratization. From this perspective, the identification of grammaticalization mechanisms that provide more abstract uses, under the assumption that, when parentheticalized, there is more visibility of its modalizator character, due to the fact that the speaker launches a statement and then a proviso, relativising the veracity of the content stated and highlighting how it relates to the proposition. In the analysis, studies such as Traugott; Dasher (2001); Thompsom; Mulac (1991); Gonçalves (2003; 2004; 2007); Casseb-Galvão (2004) and Fortilli (2013) have been used as a basis. For analysis and interpretation of the results, data from the 19th, 20th and 21st centuries were collected from the Portuguese corpus, which is available online. Thus, in addition to the abstratization process, it was possible to observe the increase in the frequency of occurrence with parentheticalized cognitive verbs in Portuguese.

Keywords: Cognitive verb; grammaticalization; meaning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Aumento das ocorrências com verbos cognitivos parentéticos	98
Figura 2. Quantidade de ocorrências de cada verbo cognitivo parentético entre os séculos XIX, XX e XXI, no Corpus do Português.....	99
Figura 3. Porcentagens de ocorrências de cada verbo por volta do século XIX	100
Figura 4. Porcentagens de ocorrências de cada verbo por volta do século XX.....	100
Figura 5. Porcentagens de ocorrências de cada verbo por volta do século XXI	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Traço de significado e processo mental.....	95
Tabela 2. Presença ou ausência de uma das quatro acepções semânticas que sustentam a expressão de atitude do falante.....	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Tipologia das modalidades segundo Hengeveld	31
Quadro 2. Entrecruzamento dos valores modais entre o certo e o possível	33
Quadro 3. Aspectos gerais da gramaticalização de <i>achar</i> e <i>parecer</i>	38
Quadro 4. A generalização do verbo <i>can</i> no inglês	53
Quadro 5. Presença ou ausência de uma das quatro acepções que sustentam a expressão de postura do locutor	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	16
1. O FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO	16
1.1 A PERSPECTIVA FUNCIONALISTA DA LINGUAGEM.....	16
1.2 O FUNCIONALISMO E O COGNITIVISMO	17
1.3 O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO	20
CAPÍTULO II	26
2. A PARENTETIZAÇÃO.....	26
2.1 A MODALIZAÇÃO	30
2.2 A MODALIZAÇÃO E A PARENTETIZAÇÃO	34
CAPÍTULO III	42
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
3.1 O CORPUS.....	42
3.2 DA PROCEDÊNCIA DOS DADOS.....	43
3.3 HIPÓTESE E OBJETIVOS	43
3.3.1 OS PARÂMETROS DE ANÁLISE	44
CAPÍTULO IV.....	45
4. ANÁLISE DE DADOS.....	45
4.1 ASPECTOS FORMAIS DOS VERBOS COGNITIVOS PARENTÉTICOS EPISTÊMICOS	45
4.2 MECANISMOS SINTÁTICOS, SEMÂNTICOS E PRAGMÁTICOS DA MUDANÇA POR GRAMATICALIZAÇÃO.....	48
4.2.1 O VERBO <i>CRER</i>	49
4.2.2 O VERBO <i>ACREDITAR</i>	54
4.2.3 O VERBO <i>SUPOR</i>	57
4.2.4 O VERBO <i>PENSAR</i>	61
4.2.5 O VERBO <i>IMAGINAR</i>	65
4.2.6 O VERBO <i>ACHAR</i>	69
4.2.7 O VERBO <i>DEDUZIR</i>	76
4.2.8 O VERBO <i>CALCULAR</i>	80
4.3 UMA COMPARAÇÃO DAS ACEPÇÕES DOS VERBOS COGNITIVOS PARENTÉTICOS EPISTÊMICOS.....	87
4.4 UMA ANÁLISE DA FREQUÊNCIA DOS USOS COM VERBOS COGNITIVOS PARENTETIZADOS ENTRE OS SÉCULOS XIX, XX E XXI.....	98
CONCLUSÕES.....	103
REFERÊNCIAS	105

INTRODUÇÃO

Diferentes subclasses podem ser apontadas dentre os verbos, de acordo com suas características semânticas. Com base em Halliday (1985), nota-se que os verbos de cognição fazem parte de um dos subtipos de processos mentais caracterizados como *pensar*, *sentir* e *ver*, que, por desempenharem a ação na mente, não apresentam evidência no mundo biofísico.

Considerando que o grupo de verbos cognitivos, segundo Halliday (1985), encontra-se subdividido em: de processos mentais de percepção, expressos por verbos como *ouvir*, *ver*, *sentir*; de processos mentais de afeição, expresso por verbos como *amar* e *gostar*; e de processos mentais de cognição, em que se alocam verbos como *entender*, *pensar*, *lembrar*, *esquecer* e *planejar*, intimamente ligados à crença e à memória, neste estudo, serão analisados os verbos que se enquadram no terceiro conjunto. Entende-se que nele cabem verbos como *crer*, *acreditar*, *supor*, *achar*, *pensar*, *imaginar*, *deduzir* e *calcular*, que apresentam, para além de seu uso como predicado, usos como parentéticos epistêmicos.

Schlesinger (1995, p. 181), ao caracterizar os predicados verbais, organiza-os hierarquicamente, considerando as nuances semânticas que expressam, o que reflete o grau de atividade mental que desempenham. Assim, apresenta algumas categorias que distinguem tais verbos, elencando que os verbos de atividade mais específica são os que dão origem a uma imagem relativamente concreta, devido às suas acepções estarem ligadas ao mundo biofísico. Outra categoria explicitada pelo autor é a de cognição e percepção, que abarca os verbos de estímulo mental, cujo sujeito da oração serve de estímulo para outro, e os verbos de experimentação mental, cujo sujeito da oração é o próprio falante, os quais foram distinguidos por Tavares (2003) como verbos de atenuação, por revelarem o comprometimento do falante com o conteúdo veiculado. São exemplos os predicados *crer* e *pensar*.

Sintaticamente, verbos como *achar*, *pensar*, *crer* e *supor* são considerados encaixadores de orações completivas em posição de objeto, que fazem parte, tradicionalmente, das orações subordinadas substantivas. De acordo com Gonçalves (2006), o predicado complementado por argumentos é, tradicionalmente, chamado de predicado matriz e a oração que contém esse predicado como núcleo é a oração matriz.

Para além do uso prototípico como encaixador, nota-se, em contextos reais de comunicação, que tais verbos têm apresentado outro funcionamento, pois passam de predicados matrizes a parentéticos epistêmicos, caracterizados como unidades independentes da sentença, que têm como domínio o enunciado como um todo ou parte dele e, funcionalmente, um valor mais subjetivo.

Segundo Schneider (2007, p. 2), expressões parentéticas podem ser consideradas como “cláusulas parentéticas reduzidas, pois não são nem a cláusula principal nem uma cláusula subordinada, mas inserções anexadas ao final da frase, de maneira semelhante aos advérbios”. Essa consideração permite entender que, ao se parentetizar, o item torna mais salientada sua função como modalizador, fortalecendo a marcação de atitude e crença do falante diante de um conteúdo proposicional.

Além da dessentencialização da oração matriz, quando parentetizados, tais verbos “perdem” a variabilidade de tempo, modo, número e pessoa, fixando-se na primeira pessoa do singular no presente do indicativo, fato que atesta o processo de gramaticalização. Ainda no contexto da parentetização, o verbo passa a se comportar mais abstratamente, como se vê abaixo:

- (1) O medo da solidão é de facto uma coisa perigosa, bem o vi em histórias conhecidas de emparelhamentos que o tiveram exactamente como factor impulsionador; elas meramente contentadas com os cortes de cabelos foleiros e piadas sem piada. É lixado, **calculo**. (...realidadequotidiana.blogspot.com)
- (2) A maioria de vocês, **imagino**, estuda ou trabalha em áreas em que as pessoas primam por escrever com clareza. (arake.com.br)¹

Por meio das ocorrências em (1) e (2), comprova-se que o uso parentético dos verbos cognitivos, neste estudo, especializa-se na 1ª pessoa do singular, enquanto o uso como encaixador permite a conjugação em qualquer das pessoas do discurso e em qualquer tempo. Essa discrepância é indicativa de que o fenômeno da parentetização leva o elemento à expressividade de um maior grau de subjetividade, já que sua ocorrência é própria das situações em que as opiniões, crenças e valores veiculados são inerentes à pessoa que fala. Sendo assim, a parentetização com modalização não se aplica a casos em que o enunciador está apresentando uma visão de mundo que não seja sua. Não se encontra, portanto, dados como o que se vê abaixo (exemplo criado):

- (i) vai chover, José *acredita*.

Considerando que o uso em (i) encontra-se na terceira pessoa do singular, nota-se a impossibilidade de ocorrer a expressão da modalidade epistêmica, uma vez que a marca de crença e subjetividade do falante é expressa em usos de primeira pessoa.

¹ A oscilação nas referências é típica dos dados catalogados entre os séculos XVIII ao XXI, no corpus do português (DAVIES; FERREIRA, 2006).

Em configuração parentética, há saliência da aceção modal, que se considera presente nesses verbos. Sob a ótica da pragmática, tendo em vista que tais verbos estão ligados ao grau de certeza do falante sobre o conteúdo de sua fala, ou seja, sobre seu conhecimento acerca da verdade de determinada proposição, constata-se também sua natureza epistêmica.

Considera-se, neste trabalho, a possibilidade de relacionar a configuração parentética à modalidade epistêmica, pois, na medida em que o falante utiliza verbos cognitivos parentéticos, tais como *acho*, *deduzo* e *calculo*, são evidenciadas algumas nuances epistêmicas, por meio de conhecimentos que resultam da experiência do falante com o conteúdo que está sendo afirmado. Em Thompson e Mulac (1991) é analisada a parentetização de *I think* como resultante de GR de expressões encaixadoras, visto que, ao perder o complementizador *that*, passam a se comportar como um acréscimo, um parêntese, a fim de marcar a opinião do falante diante do que foi dito, o que é ilustrado por meio da ocorrência abaixo:

- (i) It's just your point of view, you know what you like to do in your spare time, I *think*.
(Thompson e Mulac, 1991)

De acordo com os autores, a utilização da construção [sujeito+verbo] sem o complementizador *que*, permite identificar maior liberdade sintática, visto que o item passa a funcionar de forma semelhante a outras expressões epistêmicas, como *maybe*, que, em muitos casos, aparece parentetizado.

A hipótese é que alguns verbos cognitivos se aproximam mais da modalidade epistêmica pelo fato de possuírem aceções semânticas que favorecem o intercâmbio entre o a cognição e o campo da atitude e do posicionamento do falante, enquanto outros, devido à especificidade do processo que codificam, mostram-se mais distantes da expressão de modalidades. Nota-se que, no processo de gramaticalização, há a atuação de mecanismos como metaforização, generalização, subjetivação e abstratização, que ocorrem conjuntamente na trajetória de mudança.

Tendo em vista tais considerações, por meio de um levantamento de ocorrências com verbos cognitivos parentéticos entre os séculos XIX e XXI, no *Corpus do Português*, este trabalho busca apresentar uma investigação que contemple os aspectos que aproximam esses verbos à modalidade epistêmica; as aceções de sentido de cada verbo que os mantém arraigados ao eixo da cognição e as aceções que levam esses verbos na direção da modalidade epistêmica, sob a hipótese de que, além das questões sintáticas que levam esses

verbos a um comportamento adverbial, há, entre os verbos, ao menos uma acepção comum, que motiva a parentetização e, conjuntamente, a gramaticalização.

Parte-se da consideração de que a expressão modal epistêmica constitui um campo mais abstrato que a expressão de raciocínio mental, o que pode ser constatado por meio da etimologia e das acepções de significado presentes nos verbos em análise.

Assim, estipulam-se os seguintes objetivos:

Gerais: descrever um conjunto de verbos de cognição, considerando aspectos que fundamentam sua atuação como parentéticos, bem como questões de significado que os selecionam, dentre outros predicados, para a aquisição de expressividade da atitude e crença do falante.

Específicos:

1. Analisar o uso dos verbos cognitivos como parêntese sintática e textualmente;
2. Detalhar acepções de significado que favorecem ou desfavorecem a atuação dos verbos cognitivos como parentéticos modais;
3. Associar o perfil desses verbos parentéticos à gramaticalização, do ponto de vista das alterações categoriais e da abstratização de significados.

Nesse sentido, o trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta toda teoria funcionalista da linguagem, bem como a interface funcionalismo e cognitivismo e o processo de gramaticalização e as bases teóricas que sustentam a relação entre parentetização e modalização; o segundo capítulo apresenta os procedimentos metodológicos, as hipóteses e os objetivos da pesquisa; o terceiro capítulo pauta-se na análise e interpretações dos resultados, bem como a frequência dos usos com verbos cognitivos parentetizados entre os séculos XIX, XX e XXI e, por fim, as conclusões acerca da investigação e análise dos dados.

CAPÍTULO I

1. O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

Essa dissertação assenta-se nos pressupostos funcionalistas, que consideram a língua como um instrumento de interação social com o objetivo principal de estabelecer relações comunicativas entre os seres humanos (DIK, 1989). Nesse sentido, o fenômeno relacionado à gramaticalização dos verbos cognitivos toma por base contextos gerados em situações reais de comunicação.

1.1 A PERSPECTIVA FUNCIONALISTA DA LINGUAGEM

A partir do avanço dos estudos funcionalistas, muitas vertentes foram desenvolvidas e, embora existam vários pontos em comum entre elas, é possível afirmar que o paradigma funcional caracteriza-se pela concepção de língua como instrumento de interação, concepção que permite à língua(gem) ser analisada e descrita com base em fatores intra e extralinguísticos. Nas palavras de Neves (1994), trata-se de uma vertente teórica que visa apresentar uma explicação capaz de considerar aspectos cognitivistas, visto que, para além do conhecimento de formas e estruturas, o interlocutor desenvolve outros processos que proporcionam o uso efetivo da linguagem.

Para situar o Funcionalismo em linguística, é importante considerar os aspectos que caracterizam a visão funcionalista da linguagem, bem como fatores relacionados a não autonomia da sintaxe em relação aos outros níveis linguísticos e às pressões advindas do uso que são comumente analisados para fins descritivos.

De acordo com Neves (1997):

uma teoria da linguagem não deve se contentar em apresentar as regras e princípios que estão subjacentes à construção das expressões linguísticas, mas deve tentar, dentro do possível, explicar essas regras e princípios em termos de sua funcionalidade em relação aos modos de uso das expressões (NEVES, 1997, p. 78).

Para a autora, explicar o funcionamento da linguagem consiste em observar, investigar e analisar as diferentes funcionalidades dos elementos linguísticos, com intuito de descrever as escolhas do falante por meio de situações reais de interação, associando parâmetros de organização às funções cumpridas pelas sentenças.

A mudança é característica intrínseca da língua e está sempre a serviço da interação e maior expressividade por parte do locutor. A concepção de que “a gramática é sempre emergente, mas nunca presente”, encontrada em Hopper (1987), ressalta o caráter maleável da língua, que, por não constituir um sistema autônomo, encontra-se em constante variação e mudança.

Neste sentido, a gramática é vista como uma construção tripartite, como afirma Neves (1997, p. 81): “(i) com um modelo de produção (um “gerador”, em termos computacionais); (i) um modelo de interpretação; (iii) um estoque de elementos e princípios usados tanto em (i) como em (ii)”. Tais premissas podem ser relacionadas às abordagens teóricas cognitivistas observadas em Langacker (1987) e em Lakoff e Johnson (1987), ainda que essas não sejam as bases teóricas primordiais do trabalho.

Com base nessas asserções, nota-se a possibilidade de descrever os usos dos verbos cognitivos a partir dessa perspectiva, pois se percebe, por meio de dados reais de interação, um processo que leva o predicado verbal a se tornar um elemento mais externo de avaliação do conteúdo da sentença, fato que atesta uma mudança no funcionamento da categoria verbo, visto que um pequeno conjunto passa a não ser núcleo, atingindo um funcionamento de advérbio modalizador.

Assim, a seção a seguir apresentará as relações entre o funcionalismo e o cognitivismo na descrição de línguas naturais, já que o fenômeno aqui investigado envolve aspectos de mudança linguística e o intercâmbio entre o campo da cognição e o campo da modalidade epistêmica, trânsito que se dá por fatores cognitivos, como a metaforização e abstratização.

1.2 O FUNCIONALISMO E O COGNITIVISMO

Relacionar o estudo dos aspectos sintáticos aos estudos dos aspectos semânticos e pragmáticos tem sido premissa básica para o funcionalismo. Em linhas teóricas mais recentes, percebe-se uma guinada de estudos voltados à relação entre forma e significado. Por volta dos anos 1980, estudos como os de Lakoff (1987) e Langacker (1987) constituíram um conjunto de abordagens que possibilitaram uma ampliação de pressupostos teóricos aos estudos funcionalistas, por preverem, além da não modularidade da língua, que não teria um módulo ligado somente à gramática, a atuação de princípios cognitivos gerais consolidados na linguagem e a interação entre a estrutura linguística e o conteúdo conceptual.

De acordo com Ferrari (2016):

a Linguística Cognitiva defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Assim, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. (FERRARI, 2016, p.14)

A partir do perfil da Linguística Cognitiva, entende-se que o modo como o funcionamento da língua passa a ser descrito mostra um forte interesse em compreender os processos cognitivos de domínio geral que embasam processos ligados ao uso linguístico. Embora seja fácil identificar a abordagem cognitiva dentro do funcionalismo, há princípios que diferenciam a abordagem funcional da uma abordagem cognitivista. De acordo com Nuyts (2007), aceitar uma orientação cognitiva na pesquisa da linguagem significa adotar um objetivo específico voltado à investigação e organização dos princípios que são implementados no cérebro humano.

Segundo Van Valin (1991):

O cognitivismo e o funcionalismo representam abordagens complementares para o estudo da linguagem, no entanto, cada um com um foco diferente, pois, embora todos estejam preocupados com o impacto da pragmática na gramática, os cognitivistas, além de tal preocupação, buscam mostrar que os fenômenos gramaticais são reflexos da cognição e de processos conceptuais (VAN VALIN, 1991, p. 6, tradução nossa)²

Ao buscar caracterizar a linguística cognitiva (doravante LC), Nuyts (2007, p. 549) apresenta, como premissa básica a forte orientação para fenômenos semânticos, como categorização, esquematização e conceptualização de mundo. Seguindo tais premissas, compreende-se que os princípios inerentes à linguagem são assumidos como instâncias de princípios cognitivos mais gerais, e a gramática é vista totalmente interligada e sintonizada com outras dimensões do funcionamento cognitivo, incluindo os sistemas conceptuais. O comportamento linguístico passa a ser tratado como resultado da atuação de diferentes mecanismos desenvolvidos na memória do falante.

A LC considera a linguagem como uma capacidade cognitiva que se relaciona com as demais capacidades, pois, contrário à teoria gerativista, a mente não possui, de nenhum modo, módulos rigidamente separados. Ferrari (2009) mostra que a LC atribui maior importância a questões que envolvem categorização e processos de projeção de significado entre domínios conceptuais, sendo a categorização um processo cognitivo que possibilita o agrupamento de

² Cognitivism and functionalism represent complementary approaches to the study of language, each with a rather different focus: all functionalists are concerned with the impact of pragmatics (however it is conceived) on grammar, while cognitivists strive to show that grammatical phenomena are reflections of deeper cognitive and conceptual processes (VAN VALIN, 1991, p. 6)

entidades, objetos, ações e qualidades, ou seja, permite ao indivíduo estabelecer graus de semelhança entre diferentes grupos.

Herdada da visão aristotélica, a possibilidade de categorização era bastante limitada, pois os elementos só poderiam ser agrupados quando possuísem todas as características do protótipo. No entanto, por surgirem vários questionamentos acerca de tais ideias, estudos em psicologia cognitiva, tais como os de Rosh (1978) chegaram a um novo modelo de categorização. Baseado na Teoria dos Protótipos, tais estudos passaram a defender o fato de que as categorias são organizadas em torno de um prototípico e, não necessariamente, os elementos organizados em torno deste núcleo precisam apresentar todos os traços definidores da categoria.

Considerando a possibilidade de agrupar elementos com base na similaridade entre os seus traços definidores, nota-se a extensão de esquemas mais específicos para representação de esquemas mais abstratos. Para Bybee (2016):

Categorias de exemplares, construídas por meio da experiência (em vários domínios), exibem efeitos prototípicos, os quais derivam de pertencimento graduado a uma categoria: alguns exemplares são membros centrais da categoria enquanto outros são mais marginais. (BYBEE, 2016, p. 131).

Com base na asserção acima, compreende-se que, ao categorizar, a mente do falante aciona uma série de traços que assimilam ou descartam membros de determinada categoria. Quando o novo elemento é categorizado, ele pode entrar em posição central ou marginal, a depender das especificidades de seus traços e o quanto definem o núcleo prototípico.

Segundo Bybee (2016), que também considera processos cognitivos de domínio geral, a categorização é um dos mecanismos capazes de gerar estruturas linguísticas. Para além da categorização, Bybee se aprofunda em outros quatro processos: chunking, que consiste em um processo pelo qual sequências de unidades simples, quando combinadas, tornam-se mais complexas, atingindo um maior nível de abstratização, uma vez que perdem composicionalidade semântica; memória enriquecida, que, segundo Bybee (2010), “se refere à estocagem mental de detalhes da experiência com a língua, incluindo detalhes fonéticos para palavras, sintagmas, contextos de uso, significados e inferências associadas a enunciados”; analogia, que é caracterizada como a base da capacidade humana para criar novos enunciados, pois a partir de uma atração por formas já existentes estendidas para diversos contextos de uso, diferentes itens passam a desempenhar semelhantes funções. A analogia parece representar um ponto importante neste trabalho, uma vez que há uma variedade de verbos cognitivos para a mesma expressão de atitude, via parentetização; o último processo de

domínio geral postulado em Bybee (2016) diz respeito à associação transmodal, relacionada a experiências coocorrentes que tendem a se manter associadas cognitivamente, por meio de elos simbólicos. Os demais conceitos elencados por Bybee e mencionados aqui ajudam na compreensão ampla de como a LC entende o funcionamento da língua, embora não sejam decisivos para a explicação do fenômeno alvo dessa pesquisa.

Retomando Lakoff e Johnson (1980), salienta-se outra atividade, além do processamento analógico: a metaforização. A partir da Teoria da Metáfora Conceptual, o conceito de metáfora foi transferido de livros literários para a explanação e conceitualização do sistema linguístico. Tomando a metáfora para explicar a maneira como percebemos e concebemos o mundo e as coisas ao nosso redor, foi possível explicar a cognição humana como uma experiência corporificada. Compreendendo que a essência da metáfora é a experimentação de uma coisa em termos de outra (LAKOFF; JOHNSON, 1986), é possível afirmar que todo o sistema conceptual humano é, por natureza, metafórico, uma vez que, com base em domínios cognitivos mais concretos, o falante estende conceitos a domínios cognitivos mais abstratos.

O processo de metaforização ajuda a explicar o caráter mutável das línguas, pois, ao considerar que o sistema linguístico está em constante transformação e mudança, entende-se que mecanismos cognitivos atuam, inclusive, nas diversas trajetórias do *continuum* léxico-gramática. Os mecanismos supracitados permeiam a trajetória de mudança e abstratização de diferentes significados. Sendo assim, considerando que abstratizações metafóricas, e outros princípios, são muito presentes no fenômeno da gramaticalização, a seção a seguir trará explicações que relacionam o processo de mudança por gramaticalização a mudanças centradas na semântica e na cognição.

1.3 O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Considerando o conjunto de verbos cognitivos *crer*, *acreditar*, *supor*, *achar*, *pensar*, *imaginar*, *deduzir* e *calcular*, espera-se que possa ser observado um processo de abstratização, à medida que esses elementos tornam-se menos associados a processos mentais específicos que lhes deram origem e passam a conferir ao discurso funções mais relacionadas à atitude do locutor diante do que é dito, o que os aloca no campo da modalidade epistêmica. Além dessas mudanças semântico-pragmáticas, a trajetória apresentada por esses verbos mostra que eles se desvinculam da oração antes encaixada e passam a funcionar como parentéticos epistêmicos, com evidente “soltura” sintática em relação à oração hospedeira.

Nessa condição, os verbos passam a atuar como uma “ressalva” que relativiza a verdade do conteúdo afirmado. Nota-se que tanto o caminho que leva a tonificação da nuance epistêmica nesses verbos como aquele que os leva a se comportar como parênteses assemelhados a advérbios de sentença (CASTILHO, 2011), alinham-se ao processo de gramaticalização.

O fenômeno se alinha a afirmações como as de Hopper (1985), para quem “a gramática é um sistema adaptativo”, uma vez que atesta a instabilidade da gramática e a atuação de diversos mecanismos de ordem cognitiva que desencadeiam diferentes usos e extensões semânticas na língua.

A Gramaticalização (doravante GR) permite que itens lexicais passem, com o tempo, a desempenhar funções gramaticais e, itens gramaticais, aumentem ainda mais a sua gramaticalidade (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Para revisar a literatura sobre o tema, elegeram-se alguns estudos, tais como os de Hopper e Traugott (1993), Heine (1991), Neves (1997), Gonçalves *et al* (2007), dentre outros.

No processo de gramaticalização, percebe-se que a trajetória se dá de forma unidirecional, pois itens lexicais tornam-se mais gramaticais, e não o contrário. Para Heine *et al* (1991), existe uma ordenação das categorias cognitivas, sendo que aquelas mais à esquerda são materializadas por itens lexicais e as mais à direita, por itens mais gramaticais. Assim, ocorre o processo de abstratização, sempre da esquerda para direita, pois um elemento mais lexical passa a ser usado para consolidar, na língua, uma ideia mais abstrata:

PESSOA > OBJETO > PROCESSO > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Por situar-se no mundo biossocial, o falante tende a se valer de elementos concretos (lexicais), que referenciam entidades, ações e qualidades, para representar elementos gramaticais, que fogem à concretude de significado, ou seja, termos abstratos e, conseqüentemente, menos plenos de sentido. Heine *et al* (1991) consideram GR um processo que consiste na ampliação do funcionamento de elementos linguísticos que avançam de um valor mais concreto (lexical) para um menos concreto (gramatical), o que justifica a formulação de Givón (1971) para quem “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, o que posteriormente é afirmado como: “o discurso pragmático de ontem é a sintaxe de hoje” (GIVÓN, 1979).

Associada à mudança metafórica, a unidirecionalidade pode ser compreendida em termos de abstração de significados, pois, por meio de mecanismos cognitivos e por um processo gradual, a forma fonte pode perder acepções semânticas de origem, passando a

atingir um domínio conceptual mais abstrato. Ao caracterizar o termo, Neves (1997, p. 121) define unidirecionalidade como característica básica ao processo de GR, pois “uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida”. Para Hopper (1998) a mudança, via GR, pode ser representada pela fórmula: $A > A/B > B$, que referencia um processo gradual, uma vez que o estágio A/B evidencia a não existência de momentos totalmente delimitados, mas de estágios intermediários, em que há a coexistência de dois ou mais usos em competição, fato que pode ser explicado pela metaforização.

Conforme nossa hipótese, mecanismos de natureza cognitiva são muito relevantes para o fenômeno observado, visto que abstratização, metaforização e generalização de significados parecem proporcionar, aos verbos em análise, a expressividade de noções menos concretas do que aquelas presentes em suas acepções etimológicas. Dentre os mecanismos citados, será enfatizado o mecanismo da abstratização, sendo os demais coadjuvantes nos casos em tela. Ao observar a trajetória dos verbos selecionados, deve-se atestar também para sua mudança sintática: ao se parentetizarem, os verbos sofrem certa descategorialização, ou seja, não têm mais todos os privilégios da classe que, originalmente, compõem. Por descategorialização, entende-se, com base em Hopper (1991, p. 22) a ocorrência de um processo pelo qual “formas em curso tendem a perder ou neutralizar privilégios sintáticos e marcas morfológicas características de categorias como as de substantivo e verbo, passando a assumir características de categorias secundárias”³. Para o autor, o processo de GR pode envolver perdas de especificidades da forma fonte, como se observa na parentetização dos verbos analisados neste trabalho, uma vez que, de verbos plenos e selecionadores de argumentos, quando parentetizados, apresentam perfil semelhante ao dos advérbios, não nucleando mais os termos oracionais. Ainda segundo Heine *et al* (1991) as obras⁴ que tratam deste mecanismo concebem o significado da perspectiva de origem e chegada da forma em GR, pois relacionam o significado pleno ao conceito fonte, enquanto o significado mais esvaziado é comumente relacionado à saída. Tais concepções levam-nos a um dos processos que permite a emergência de novos funcionamentos: a metaforização.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), o sistema conceptual humano é, em maior parte, metafórico, o que pode ser observado por meio da utilização de conceitos concretos para

³ Segundo Hopper (1991, p. 22), “Forms undergoing grammaticalization tend to lose or neutralize the morphological markers and syntactic privileges characteristic of the full categories Noun and Verb, and to assume attributes characteristic of secondary categories such as Adjective, Participle, Preposition, etc.”

⁴ Para Heine (1991, p. 155-156) “In a number of works, grammaticalization has been described under labels like “semantic bleaching” (Givón, 1975; Lord 1976:183-189), “semantic depletion” (Lehman, 1982:127), “semantic weakening” (Guillaume, 1964:73-86; Guimier, 1985:158), “desemanticization” (Heine and Reh, 1984) or “generalization or weakening of semantic content” (Bybee and Pagliuca, 1985:59/63).

compreensão de fenômenos menos concretos. Neste sentido, “entidades claramente delineadas são recrutadas para conceitualização de entidades menos estruturadas, e experiências não físicas são entendidas por meio de experiências físicas, tempo em termos de espaço, causa em termos de tempo etc.” (HEINE *ET AL*, 1991). De acordo com Traugott e Heine (1991), a relação entre os diferentes domínios se dá de forma metafórica, isto é, qualquer um dos domínios à esquerda pode servir de base para conceituar qualquer outro à sua direita.

Ao observar alguns casos propostos em Lakoff e Johnson (1980), percebe-se que grande parte das representações mentais apresentam projeção metafórica, pois os conceitos espaciais se aplicam de modo natural às expressões linguísticas. Notam-se que muitos processos metafóricos são originados das experiências físicas, corporais e espaciais. Heine *et al* (1991, p. 157) apresentam as metáforas ESPAÇO É OBJETO e TEMPO É ESPAÇO, exemplificando que em algumas línguas a parte do corpo “costas” é utilizada para representar um conceito espacial “atrás”, como em expressões: *algum tempo atrás*, referindo-se ao tempo passado, e *falou dela pelas costas*, que se refere a *falou dela em sua ausência*.

De acordo com Votre (1996):

Os usuários da língua se valem de um número relativamente pequeno de formas para exporem suas idéias e sentimentos. Nesse processo, utilizam-se de velhas formas e de velhas construções para darem conta de novos contextos. Implementa-se um processo de transferência semântica, pelo qual a cada forma ou construção passa a corresponder a múltiplas funções (VOTRE, 1996, p. 71).

Considerando que o sistema conceptual humano é de base metafórica, tudo ou quase tudo pode ser depreendido por meio de metáforas, pois o falante se vale das experiências corporais, mentais e emocionais para conceber a realidade a sua volta. A este processo metafórico subjaz um mapeamento conceptual que é desenvolvido durante o uso da língua. Tal mapeamento faz com que conceitos de um domínio cognitivo sejam estendidos, via metaforização, a outros domínios. Um exemplo clássico é a metáfora TEMPO É DINHEIRO, cujas representações para tempo, que constitui um domínio altamente abstrato, são atribuídas de acordo com a nossa experiência com o dinheiro, cuja conceituação é mais concreta. Assim, falamos em *perder tempo*, *ganhar tempo*, *gastar tempo*, *fazer render o tempo*, *economizar tempo*, *poupar tempo*, etc.

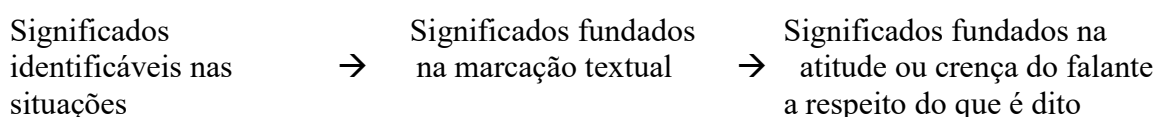
Observando as questões pontuadas até aqui, percebe-se que, ao ocorrer abstratização por metaforização, a palavra passa a atingir mais contextos de uso, pois ampliam-se as funções, o que permite sua atuação em diferentes domínios.

Genetti (1991, p. 248) (apud Neves 1997, p. 133) especifica ainda mais as operações metafóricas dentro da GR, nos seguintes termos:

(1) os significados baseados na situação externa passa a significados baseados na situação interna (avaliativa, perceptual, cognitiva); (2) os significados baseados na situação externa ou interna passam a significados baseados na situação textual (=coesiva); (3) os significados tendem a tornar-se cada vez mais baseados na atitude subjetiva do falante diante da situação (GENETTI, 1991, p.148) (apud NEVES, 1997, p. 133).

Observa-se que o aumento de expressividade no que diz respeito à atitude subjetiva do falante constitui o ápice do processo de GR para Genetti (1991), o que reforça a validade de se observar os verbos cognitivos parentetizados nos quadros desse fenômeno, pois a explicação possível é que as mudanças ocorram para que tais verbos, quando portadores do estatuto de parênteses, veiculem exclusivamente modalidade epistêmica.

Também propondo certas “etapas”, tem-se o trabalho de Traugott e König (1991) que mostram o *cline* abaixo:



Para os autores, os significados tendem a seguir uma trajetória de abstratização, pois de acepções identificáveis nas situações extralinguísticas, passam a expressar significados baseados na marcação textual e, posteriormente, começam a expressar atitude e crença do falante diante de um conteúdo.

Voltando-se a abstratização, trata-se de um processo cognitivo que proporciona amenização de especificidades semânticas, o que desemboca na fluidez das acepções do item. Em Heine *et al* (1991, p.156), observa-se o termo abstratização caracterizado em três tipos: i. abstratização generalizante, que proporciona diminuição dos nuances semânticas de um dado conceito; ii. abstração isoladora, que delimita uma acepção particular, não constituindo a característica central do conceito e iii. abstração metafórica, que pode ser compreendida por meio do mapeamento de domínios conceptuais concretos a domínios conceptuais mais abstratos. Esses tipos são bastante recorrentes em mudanças via GR, pois, ao ocorrer o processo, o item lexical passa a adquirir traços mais abstratos, na medida em que perde características semânticas específicas.

Se a GR pode pressupor que “os significados tendem a tornar-se cada vez mais baseados na atitude subjetiva do falante”, convém definir subjetivação ou subjetivização. Nos termos de Traugott (2003), é um processo semasiológico por meio do qual os usuários da língua, no curso do tempo, desenvolvem significados novos para formas já existentes,

passando a codificar perspectivas e atitudes baseadas nas características do evento comunicativo e não do evento do mundo real.

Para associar abstratização e subjetivização, pode-se retomar que o processo de abstratização atribui a determinado elemento linguístico a possibilidade de expressar significados mais gramaticais. Junto a isso, ocorre um alcance maior em termos de dimensão contextual. Nos casos a serem analisados, a abstratização parece convergir para uma expressividade maior da atitude epistêmica do falante, o que toca o fenômeno da subjetivização. Além disso, como já se anunciou, há mudanças de estatuto sintático, que ajudam a sustentar a presença da GR.

CAPÍTULO II

2. A PARENTETIZAÇÃO

Neste capítulo serão apresentados alguns traços definidores do fenômeno da parentetização. No caso dos verbos *crer*, *acreditar*, *supor*, *pensar*, *imaginar*, *achar*, *deduzir* e *calcular*, investigados nesse trabalho, importa, também, relacionar a parentetização à expressão de modalidade epistêmica. Para explicação a respeito das unidades parentéticas, esta pesquisa apóia-se em estudos como os de Jubran (2006), Scheiner (2007), Thompson e Mulac (1991), Traugott e Dasher (2001).

De acordo com Jubran (2006), na identificação das inserções parentéticas deve-se levar em consideração o conceito de centração, que constitui um dos traços básicos do tópico discursivo e, como traço básico, ela é “a propriedade de concentração da interação verbal em um determinado conjunto de referentes concernentes entre si” (JUBRAN, 2006, p. 302).

Para Jubran (2006b), no processo de construção do tópico discursivo, diversos elementos podem ser incluídos dentro dele, por meio de dois tipos de inserções: i. uma inserção de maior extensão textual e com estatuto tópico, já que instaura uma nova centração dentro do segmento tópico em que ocorre (tópico inserido) e ii. uma inserção de menor extensão textual, que não adquire o estatuto de tópico discursivo, por não projetar uma nova centração, não desenvolvendo, portanto, outro tópico discursivo dentro do primeiro que já estava sendo desenvolvido. Para a autora, “os parênteses integram-se nesse segundo grupo, constituindo-se como uma modalidade de inserção, definida como breves desvios de um tópico discursivo, que não afetam a coesão do segmento tópico dentro do qual ocorrem” (JUBRAN, 2006b, p. 303).

Em Traugott e Dasher (2001), é estudada a construção com o verbo *promise*, como em *I promise you*, do inglês atual. Tal expressão, por não estar comprometida com o tempo futuro, marca o grau de certeza do enunciador, em qualquer tempo que seja utilizado, assim, além de apresentar marcas de subjetividade, traz, ainda, a intersubjetividade, visto que, ao utilizá-la, o locutor sugere que o interlocutor possa ter dúvida acerca do conteúdo afirmado. Ainda em Traugott e Dasher (2001) encontra-se a seguinte ocorrência:

- (01) He is wasting his time badly here, *I promise*. (TRAUGOTT; DASHER, 2001, p. 207)
 ‘Ele desperdiça seu tempo aqui, *eu garanto*’

Em (01), a expressão *I promise* apresenta-se como um comentário, isto é, uma breve suspensão do tópico discursivo, que tonifica a subjetividade do locutor em relação ao conteúdo afirmado “*He is wasting his time badly here*”, o que o aproxima dos usos com adverbiais, como *com certeza*:

(02) *I promise you, you lie.* (TRAUGOTT; DASHER, 2001, p. 207)
 ‘*Com certeza, você mente*’

Embora Traugott e Dasher (2001) não definam o papel textual do parêntese, é interessante sua afirmação de que o locutor evidencia o aumento da subjetivação, pois deixa marcas de seu posicionamento acerca da afirmativa. De acordo com os autores, o uso na primeira pessoa do singular introduzido por um complemento sentencial tem características visivelmente performativas que se desdobram no uso como parentético epistêmico dotado de intersubjetividade, pelo fato de expressar a preocupação do locutor em relação à interpretação do interlocutor, devido à veracidade da informação.

Para além da noção de desvio de tópico, primeira marca de inserção parentética defendida por Jubran (2006), nota-se que a parentetização constitui importante papel na construção do próprio significado, pois promove avaliações e comentários sobre o conteúdo informacional que foi dito, visto que as unidades parentéticas constituem, além da suspensão tópica, estratégias textuais de ordem pragmática. Ainda segundo Jubran (2006), as marcas formais da unidade parentética podem aparecer tanto no segmento parentético, quanto no segmento-contexto, que é a unidade anterior e posterior ao parêntese.

Em relação às marcas formais que aparecem no segmento parentético, pode-se observar ausência de conectores que estabelecem relações lógico-semânticas entre os parênteses e o segmento em curso e, ainda, marcas prosódicas, observadas pela “mudança na velocidade e na tessitura”, ou seja, alterações entoacionais dessas inserções. Quanto às marcas no segmento-contexto, podem se observar pausas não preenchidas, como interrupções com cortes sintáticos, suspensões de segmentos em processamento, hesitações ou marcas de reintrodução do tópico discursivo, por meio do uso de conectivos ou pronomes relativos que são capazes de retomarem a oração anterior aos parênteses (JUBRAN, 2006).

A suspensão do tópico/desvio tópico ou a própria quebra do segmento oracional é chamada por Schneider (2007) “de orações parentéticas reduzidas, pois não são nem a oração principal nem uma cláusula subordinada, mas inserções anexadas ao final da frase, de maneira

semelhante aos advérbios”⁵, o que evidencia possível transformação de seu estatuto categorial, assemelhando-se a um modificador de sentença.

Nesse sentido, os parentéticos se distribuem de duas formas: i. no meio da sentença hospedeira e ii. no final da sentença hospedeira, o que impossibilita sua observação no início da oração, visto que ela suscitaria o uso do complemento relativo *que*, para encaixe da subordinada. Abaixo, encontra-se um uso exemplar, com o verbo cognitivo *supor*, no português brasileiro:

- (1) Se acompanhasse Janio de Freitas desde antigamente, a leitora Maria Cecília de Arruda Navarro presenciaria artigos com críticas pesadas do colunista contra o PT e seus membros. A jovem (**suponho**) leitora morreria feliz por “presenciar esse milagre” e a biografia do jornalista estaria salva (FOLHA.COM - Colunistas, José Zimmermann Filho, São Paulo, 26/06/2017).

Observando a ocorrência acima, nota-se que, para evidenciar a oração caracterizada como subordinada, o locutor parentetiza o que seria uma possível oração matriz (*eu suponho que*), composta por “eu suponho”, utilizando-a como ressalva, o que revela processos ainda mais subjetivos.

Em (1), é possível notar uma desconexão e não linearidade, visto que o verbo parentetizado ocorre inserido entre os constituintes do SN “jovem leitora”, interrompendo a linearidade da oração hospedeira e causando uma suspensão do tópico em curso; percebe-se, também, a possibilidade de comprovar a parentetização por meio do nível retórico-textual, já que o verbo parentético aparece intercalado e dentro de um parêntese, funcionando como um simples comentário. No nível semântico-lexical, é possível observar a atuação do verbo cognitivo como um modalizador epistêmico, devido à sua capacidade de apresentar a subjetividade e crença do locutor, de modo a não se comprometer totalmente com o conteúdo afirmado. Já no nível prosódico, o locutor supostamente faria uma pausa, interrompendo o fluxo discursivo, o que, na escrita, levaria ao uso de pontos, vírgulas, ponto e vírgulas, parênteses, travessões ou dois pontos.

Em Jubran (2006, p. 310), os parênteses podem ser identificados por meio de marcas de interrupção do tópico discursivo, como i. pausas não preenchidas, ou preenchidas em menor escala, ii. suspensão de segmentos em processamento antes do parêntese e iii. interrupção de segmentos em processamento com cortes sintáticos.

⁵ “These expressions, which I call reduced parenthetical clauses (RPCs), are neither the main clause nor a subordinate clause, but are inserted into or adjoined to the end of the sentence in a way similar to sentence adverbs” (SHNEIDER, 2007, p. 2). Tradução nossa.

Percebe-se que todas estas marcas permitem identificar um elemento parentético, pois apresentam rompimento do tópico discursivo. De acordo com Jubran (2006), os parênteses se classificam do seguinte modo:

- i) de um lado, os parênteses são menos desviantes do tópico discursivo, quando pendem mais para o conteúdo dos enunciados de relevância tópica, esclarecendo-os e exemplificando-os, sem deixar de sinalizar demandas pragmáticas para a sua ocorrência;
- ii) por outro lado, os parênteses são mais desviantes do tópico, quando apresentam uma tendência mais acentuada para focalizarem o processo de enunciação, bem como circunstâncias da situação de comunicação, sem que, com isso, sejam anuladas as suas implicações no desenvolvimento do tópico ou na realização do ato comunicativo. Equivale a dizer que, quando quebram o fluxo temático para, no limite, enfocarem predominantemente o ato enunciativo, os parênteses, mesmo assim, repercutem no texto, por estarem indicando o espaço discursivo no qual se ancoram as significações textuais, ou mesmo por estarem perspectivando condições enunciativas necessárias à própria existência do evento comunicativo e, conseqüentemente, do texto (JUBRAN, 2006, p. 325).

Neste sentido, como é apresentado, em Jubran (2006, p. 326), há um contínuo entre quatro classes de parênteses: i. parênteses focalizadores da elaboração tópica do texto; ii. parênteses focalizadores do leitor; iii. parênteses focalizadores do interlocutor; iv. parênteses focalizadores do ato comunicativo. Para a autora, os parênteses focalizadores da elaboração tópica do texto apresentam maior proximidade do tópico discursivo, e menor explicitação verbal pragmática do texto, passando pelas classes intermediárias i. e ii., cuja presença dos participantes (locutor e interlocutor) ainda se mostra evidentes, por meio de ressalvas, justificativas e esclarecimentos, o que, segundo a autora, é menos operacional, visto que a inserção da unidade parentética ainda se relaciona com o tópico em curso.

Por outro lado, quando o foco da unidade parentética se concentra nos posicionamentos do locutor, ele é inserido no interior do texto, focalizando suas representações acerca de seu papel discursivo, e, quando o foco está no interlocutor, o parêntese materializa, no texto falado, a presença do interlocutor, fazendo referência a negociações interpessoais que se dão no discurso. No caso dos verbos parentetizados, há um seu direcionamento à forte expressão de atitudes do locutor, o que permite observar a saliência de significados cruciais para esse uso.

Considerando que a parentetização dos verbos cognitivos reforça a expressão da modalização epistêmica, a seção a seguir tratará, de modo geral, do conceito de modalidade.

2.1 A MODALIZAÇÃO

Para marcar a sua subjetividade, o locutor dispõe de vários elementos textuais que evidenciam suas percepções, crenças, posicionamentos e opiniões acerca de determinado conteúdo. A modalização pode ser caracterizada como um recurso que permite explicitar o (des)comprometimento do locutor com a verdade. De acordo com Neves (1996):

no extremo da certeza, o enunciador avalia como verdadeiro o seu enunciado, apresentando uma asseveração (afirmação ou negação), sem dar espaço para dúvida e sem relativização. Por outro lado, o falante pode utilizar os chamados “elementos de relativização”, por apresentar, ao lado de elementos que expressam certezas (asseveração), elementos que expressam a não-certeza (relativização), fazendo ressalvas e não perdendo, portanto, a credibilidade (NEVES, 1996, p. 174).

As estratégias de modalização, além de demonstrarem o relacionamento do locutor com o conteúdo proposicional, evidenciam a sua preocupação em relação à aceitabilidade, por parte do interlocutor, daquilo que está sendo dito, uma vez que o interlocutor pode ou não concordar com a afirmação apresentada pelo locutor.

Ao tratar da modalização, Palmer (1986), distingue para a ao tratar da modalidade epistêmica três tipos de julgamentos que são comuns na linguagem: um que expressa incerteza, um que indica inferência a partir de evidências observáveis e outro que indica inferência do que é geralmente conhecido, sendo estes caracterizados como especulativo, dedutivo e hipotético, como se vê abaixo:

- (2) i. John may be in his office
(John pode estar em seu escritório)
- ii. John must be in his office
(John deve estar em seu escritório)
- iii. John'll be in his office
(John estará em seu escritório)

Por meio das ocorrências em (2), Palmer (1986) explica a primeira indicação de incerteza do falante está marcada em 2.i, pois o verbo *may* indica a sua afirmação está entre o possível e o não possível. Com o uso do *must*, em 2.ii, o julgamento tomaria por base evidências disponíveis no contexto, como, por exemplo as luzes do escritório acesas permite inferir que John está em seu escritor. Já em 2.iii, ao dizer “John estará em casa”, o julgamento surge com base no que o falante conhece sobre John, seja pelo fato de ele sempre estar em seu escritório a partir das oito, etc. Para Palmer (1986), a distinção entre *may* e *must* se deve ao

fato de o primeiro, consistir no que é epistemicamente possível, e o segundo, no que é epistemicamente necessário.

Existem várias outras classificações explicativas das funções atribuídas à modalização, como, por exemplo, a de Hengeveld (1988). Observa-se o quadro elaborado por Dall’Aglio Hattnher (2001) a partir de Hengeveld:

Quadro 1: Tipologia das modalidades segundo Hengeveld.

MODALIDADE	FUNÇÃO	NÍVEL	EXPRESSÃO
Inerente	Caracterizar a relação entre um participante e um estado-de-coisas	Interno ao estado-de-coisas	Predicados
Objetiva	Avaliar a realidade de um estado-de-coisas	Predicação	Predicados encaixadores e operadores
Epistemológica	Expressar o comprometimento do falante com relação à verdade da proposição	Proposição	Predicados encaixadores, operadores e satélites

Fonte: Dall’Aglio Hattnher *et al*, 2001, p. 12.

Nota-se, por meio do quadro 1, que a modalidade inerente diz respeito a “todos os meios linguísticos pelo qual o falante pode se valer para caracterizar a relação entre um participante em um estado de coisas e a sua realização potencial”, o que vem expresso por relações ligadas à habilidade, permissão, obrigação e volição, sendo a última (volição) intimamente relacionada à intenção, vontade e desejo. Por outro lado, embora considerada parte da modalidade inerente, a modalidade objetiva pode ser entendida como os meios linguísticos utilizados pelo falante para avaliar uma realidade de um estado de coisas, considerando suas possibilidades.

Ao tratar do domínio da modalidade, Hengeveld (1988) considera, de um lado, o conhecimento e a concepção da realidade que proporciona reconhecer a possibilidade de algo ser verdadeiro e, de outro lado, conhecimentos e percepções de situações possíveis, proporcionadas por regras morais ou sociais, o que os definem como certo e obrigatório.

Adentrando o campo da modalidade epistemológica, observam-se todos os usos linguísticos que permitem ao falante expressar a sua percepção e comprometimento acerca da verdade de uma proposição (HENGEVELD, 1988, p. 233). O autor, ao caracterizar a modalidade epistemológica, a subdivide em subjetiva e evidencial, sendo a primeira composta

por diferentes nuances da modalidade epistêmica, e a segunda proporcionada via inferências e experiências com o mundo.

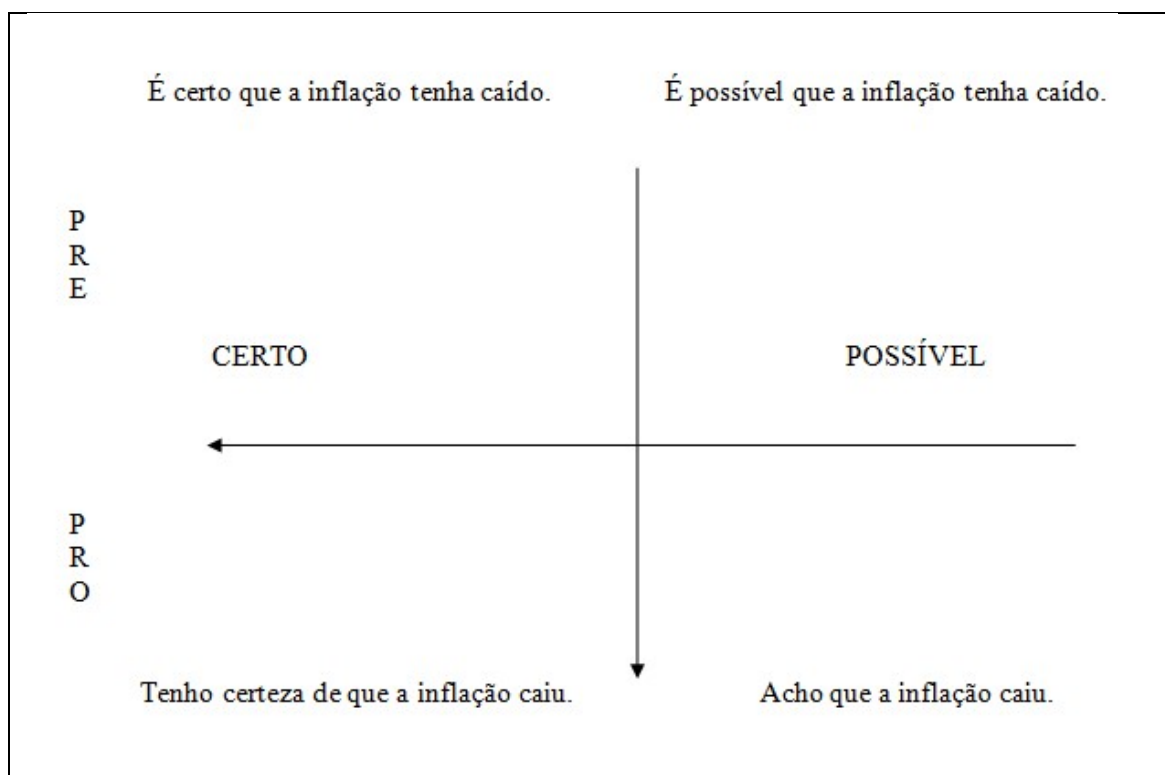
Ao observar a noção de modalidade a partir do quadro acima, a modalidade epistêmica é uma extensão da modalidade objetiva e da modalidade subjetiva, e o que as diferencia (objetiva vs. subjetiva) é a impossibilidade de questionamento do conteúdo proposicional, quando este vem modalizado subjetivamente.

Nota-se, em Dall’Aglio Hattner (1996, p. 154), que, na modalidade epistêmica objetiva, o locutor avalia o estatuto da realidade conforme as possibilidades de acontecimento. Já na modalidade subjetiva epistêmica, o locutor apresenta-se como fonte da informação, ou seja, o evento é um construto (pensamento, crença, fantasia) do próprio locutor, que é a fonte da informação. Segundo Gonçalves (2003, p. 75), ao modalizar subjetivamente um enunciado, o falante não se submete a riscos de questionamentos, pois se revela como fonte da informação, apresentando o seu próprio julgamento sobre o conteúdo proposicional.

Considerando a evidencialidade como outro domínio da modalidade, vemos em Nuyts (1993) o questionamento da distinção entre modalidade objetiva e subjetiva, pois, para o autor, “todo julgamento modal está baseado em uma evidência, o que pode variar é a qualidade da evidência que se tem, mas sem evidência, nenhuma avaliação de um EC é possível”. Embora haja a consideração de que a evidencialidade está acima da modalidade, sendo a fonte de evidência fator fundamental para a distinção entre modalidade objetiva e subjetiva, para este trabalho, será adotada a ideia de que o sentido instaurado nos dados com verbos cognitivos parentéticos é a modalização epistêmica, relacionada ao comprometimento do falante com a verdade da proposição, uma vez que consideramos a evidencialidade e a modalidade como dois eixos limítrofes, mas não análogos.

Segundo Dall’Aglio Hattner (1996, p. 163), “definindo o eixo epistêmico como um *continuum* entre o certo e o possível, verifica-se que a língua dispõe de meios para expressar uma gradação bastante sutil entre esses extremos”. Para a autora, a escolha do falante varia em uma progressão contínua, como pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 2: Entrecruzamento dos valores modais de certeza e possibilidade com o comprometimento do falante.



Fonte: Dall'aglio Hattnher, 1996, p. 163.

Observando o quadro acima, nota-se que há uma diferenciação, no que diz respeito às direções em que o certo e o possível se localizam. No sentido vertical, os dois quadrantes superiores estabelecem uma relação de oposição, visto que expressam a avaliação de um estado de coisas entre o que é considerado mais certo ou possível. Nos quadrantes inferiores, observa-se que ambos expressam a avaliação do falante em relação à verdade da proposição e, abaixo destes quadrantes, o eixo do comprometimento do falante, que se identifica por um movimento que se dá de forma crescente, de cima para baixo. Assim, Dall'Aglio Hattnher (1996) considera os modalizadores do lado esquerdo do eixo vertical como “modalizadores do certo”, e os que ocorrem ao lado direito, “modalizadores do possível”, sem desconsiderar a existência de diferentes graus de certeza e possibilidade.

Consoante às noções elencadas acima e considerando as funções da modalização epistêmica, Dall'Aglio Hattnher (1996) verifica que:

- i. por meio da modalização epistêmica, o falante avalia como certa ou possível a realidade de um EC (estado-de-coisas) ou a veracidade de uma proposição;
- ii. essa avaliação pode ser feita segundo um conhecimento que só o falante tem ou de um conhecimento que é comum, ou seja, segundo um saber que é pessoal ou partilhado;
- iii. segundo as intenções comunicativas do falante, ele pode escolher explicitar ou não a fonte do seu saber;
- iv. o grau de comprometimento do falante pode ser avaliado em correspondência com o nível da organização estrutural da frase em que atua o modalizador (DALL'AGLIO HATTNHER, 1996, p. 172).

Conforme estas considerações, entende-se que, ao modalizar determinado conteúdo, é possível que o falante faça uso de diferentes elementos gramaticais que expressem a sua avaliação, o grau de comprometimento e a sua percepção acerca de algo. Na próxima seção, serão apresentados alguns estudos que relacionam a modalização à parentetização, por meio de elementos que evidenciam o aumento da subjetividade, quando utilizados em configuração parentética. Nesse sentido, tais aspectos serão associados à mudança por GR, por considerarmos que, embora os verbos cognitivos, desde a sua origem, desenvolvam procedimentos abstratos, quando parentetizados, há um aumento de abstratização, devido ao novo processo envolvido: a modalização, que constitui nuances semânticas bem mais abstratas que o raciocínio mental.

2.2 MODALIZAÇÃO E PARENTETIZAÇÃO

A relação entre parentetização e modalização não é algo recente nas análises funcionalistas. Muitos trabalhos, tais como os de Thompson e Mulac (1991), Casseb-Galvão (1999), Gonçalves (2003) e Fortilli (2013) têm analisado seus objetos sob aspectos relacionados à GR e subjetivação, o que proporciona a observação de uma trajetória de mudança, na medida em que ocorre abstratização de significados e aumento de gramaticalidade.

Um dos trabalhos pioneiros que mostrou interesse em analisar expressões que marcam a subjetividade do falante em usos parentetizados é encontrado em Thompson e Mulac (1991), que analisam a parentetização de *I think* e *I guess* como resultante de GR de expressões epistêmicas. Para os autores, ao perder o complementizador *that*, esses verbos passam a se comportar como um acréscimo, um parêntese na oração, a fim de marcar a opinião do locutor diante do que tem a dizer. Observa-se a ocorrência em (3):

- (3) I think Ø, exercise is really beneficial, to anybody.
 ‘Eu acho, exercícios realmente são benéficos para todos.’

De acordo com Thompson e Mulac (1991), ao utilizar a construção [sujeito + verbo] sem o complementizador *that*, se identifica maior liberdade sintática da construção, visto que ela passa a funcionar de forma semelhante a outras expressões epistêmicas, como exemplo o elemento *maybe*, que goza de liberdade de posição no enunciado.

Em Casseb-Galvão (1999; 2000), são analisados os usos do verbo *achar* na perspectiva da gramaticalização, pois, de verbo pleno e codificador de um processo mental ligado ao ato de encontrar algo que se procura, o verbo passa por abstratização de significados, fato que o proporciona significados mais fluidos, ou seja, mais ligados à atitude do falante. Para Casseb-Galvão *achar*₁ é considerado um verbo pleno, pois mantém seu significado original de “encontrar algo”, *achar*₂, além de aceitar o apagamento do complementizador *que*, gera ambiguidade em alguns casos, o que o torna um pouco mais abstrato em relação ao primeiro uso. *Achar*₃ opera no nível proposicional, uma vez que a qualificação epistêmica incide sobre a proposição, apresentando uma opinião, e *achar*₄ apresenta um funcionamento de advérbio modalizador epistêmico quase-asseverativo, devido ao uso parentetizado. Consoante à Casseb-Galvão (2000, p. 54-55), observem-se os diferentes usos do verbo *achar*:

- a) ACHAR1: [SN *achar* SN]
 - (1) *Acha* o café pra mim, *acha* o açúcar (NS)
- b) ACHAR2: [[SN *achar*] [que S]]
 - Achar*₂ (apreciação)⁶
 - (2) *Olha eu acho* que a televisão nossa está se fazendo na medida...ah::justamente do que é a nossa sociedade (NURC)
 - Achar*₂' [SN *achar* O Sadj]
 - (3) (...) ali perto da praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô né? *Achei* horrível (NURC)
- c) ACHAR3 (palpite): [[SN *achar*] [que S]]
 - (4) não sei porque *acho* que aí quando se fala em desenvolvimento geralmente está se falando num plano material né? (NURC)
- d) ACHAR4: [S] [*achar*]
 - Achar* [S]
 - [S] [*achar*] [S]
 - (5) são:... tribos assim que têm mais ou menos a mesma estrutura...todos no Alto Xingu eu *acho*...Baixo não sei...e::: aí eu não entrei se tem algum sistema de hierarquia pajé é a mesma coisa? (NURC)
 - (6) eles não entende eles não sabe o que é isso uma família...eu sinto falta imagina eles né? Então a deles é diferente da minha *acho* ...a minha foi melhor porque é tão gostoso você ir pra ca'(sa) da vó ... (RD)

⁶ Segundo Casseb-Galvão (2000, p. 54) “a distinção *achar*₂ (apreciação e *achar*₂' não significa que se trata de dois verbos distintos, mas que estão em posições diferenciadas no *continuum* de GR”.

Nota-se que há uma escala de abstratização crescente, pois, de um sentido mais concreto, “encontrar”, *achar* passou a expressar a subjetividade do falante via modalidade epistêmica. Neste sentido, o verbo *achar* passou por um processo de gramaticalização, o que pode ser observado por meio de seus arranjos de usos.

Outro trabalho semelhante ao estudo de Casseb-Galvão (1999; 2000) é o de Gonçalves (2003), que analisa os diferentes usos do verbo *parecer* na perspectiva da gramaticalização. Ao investigar cinco usos (*parecer*₁ (predicado verbal); *parecer*₂ (suporte da predicação/operador modal); *parecer*₃ (predicado de atitude proposicional); *parecer*₄ (quase-satélite atitudinal); *parecer*₅ (satélite atitudinal)), Gonçalves apresenta a expressão da modalidade epistêmica e evidencialidade, pois ambas auxiliam na explicação de tais expressões. Observando usos de *parecer*₁, Gonçalves (2003, p.101) relata que esse primeiro tipo possui base evidencial (lato sensu), “pois parte de uma constatação e de um julgamento do falante acerca de estados de coisas observáveis no mundo”, como pode ser visto em (4):

- (4) Olhando assim, você não diz que [o bolo] é de cenoura, NE? Fica amarelinho. **Parece** até [bolo] de ovo caipira e **parece** assim também [bolo] de fubá, você olhando. (PEUL/CEN/E35) (GONÇALVES, 2003, p.101)

Ao observar a sua relação com o conteúdo proposicional, Gonçalves (2003, p. 103) identificou a expressão de modalidade epistêmica objetiva em *parecer*₂, na medida em que o EC por ele apresentado, ao mesmo tempo em que resulta de uma avaliação, apresenta também um valor descritivo”. Observe o exemplo abaixo:

- (5) Certas liberdades **pareciam** excessivas. (NURC/RJ/SET/71) (GONÇALVES, 2003, p. 101)

Em *parecer*₃, predicado encaixador de proposição, encontra-se expressa lexicalmente a modalidade epistemológica evidencial, que se refere à “atitude do falante em relação ao conteúdo da proposição” (GONÇALVES, 2003, p. 113), recuperada por meio da “preocupação do falante em especificar sua postura em relação à verdade da proposição que ele apresenta à consideração do ouvinte”. Com *parecer*₄ e *parecer*₅, notam-se as mesmas acepções semânticas de *parecer*₃, com exceção dos aspectos formais, pois, enquanto *parecer*₄ quase satélite rompe com a constituição da oração, não introduzindo mais um complemento oracional, o *parecer*₅, satélite atitudinal, “apresenta completa independência sintática no enunciado modalizado” (GONÇALVES, 2003, p. 125). As ocorrências a seguir mostram ambos os usos de *parecer* carregados de valores epistêmicos e evidenciais:

- (6) [o pedágio] passou para **parece que** setenta cruzeiro a partir do dia prime- depois de amanhã. (PEUL/CEN/E32) (GONÇALVES, 2003, p. 123)
- (7) naquele tempo não se tomava uísque tomava-se chope então tinha um barrilzinho de chope uns... uns sanduíches... naquele tempo devia ser presunto e queijo ... **parece** ... eu não me lembro bem ((risos)) mas devia ser assim. (NURC/RJ/SET/71) (GONÇALVES, 2003, p. 125).

Ao analisar os cinco diferentes usos do verbo em questão, Gonçalves (2003, p. 227) considera a existência de “uma hierarquização de aumento de gramaticalidade”, visto que em usos mais avançados, *parecer* coloca-se completamente fora da predicação, o que evidencia um “processo que, gradualmente, o distancia da categoria dos predicados verbais portadores de propriedades seletivas”. Nota-se que o quinto uso do verbo *parecer* encontra-se em configuração parentética, o que permite, ao autor, caracterizá-lo como satélite atitudinal.

Na busca por uma sistematização da mudança, e um possível *cline* de gramaticalização dos verbos *achar* e *parecer*, Casseb-Galvão e Gonçalves (2001) propõem o seguinte quadro:

Quadro 3: Aspectos gerais da gramaticalização de *achar* e *parecer*.

	CONTINUUM	FUNÇÃO	CONFIGURAÇÃO SINTÁTICA	EXEMPLOS
FORMA FONTE	Achar ₁	predicado	[SN] V [SN]	1) [Eles] não acham [um campo de trabalho] aí fora
	Parecer ₁		[SN] V [SN/SP]	2) [O menino] vai parecer [(com) o pai] quando crescer
USO AMBÍGUO	Achar ₂	predicado/ operador	[SN] V $\begin{bmatrix} SA \\ S \end{bmatrix}$	3) [Eu] acho [Maria cansada] (sempre que chego) 3a) [que Maria está cansada]
	Parecer ₂			4) [A cidade] parece [bairro] 4a) [que é bairro]
FORMA ALVO	Achar ₃	operador (modalizador epistêmico)	(SN _{tópico}) V [S]	5) (esse tipo) acho [que já se diluiu] 5a) Acho [que esse tipo já]
	Parecer ₃			6) (A mulher) parece que está tomando um lugar bem positivo 6a) Parece que [a mulher está tomando ...]
	Achar ₄	Satélite (parentético epistêmico adverbial)	(V) S (V) (S)	7) Até que eu compro bastante coisa ... eu acho 8) eu acho êh êh estamos vendo...a tentativa de um cinema mais expressivo
	Parecer ₄			9) nesse tempo meu genro era ... vereador parece 10) nessa época agora estão voltando parece com a ópera rock

Fonte: Casseb-Galvão e Gonçalves, 2001, p. 4.

De acordo com o *continuum* apresentado acima, observa-se que tanto *achar* quanto *parecer* passaram de um uso mais concreto para um uso mais abstrato, via processo de “abstratização de significados, os quais são estendidos para mapear conceitos de domínios mais gramaticais” (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 42).

Para atestar o processo de mudança por gramaticalização em usos dos verbos *achar* e *parecer*, Casseb-Galvão e Gonçalves (2001) optam por testar os cinco princípios propostos por Hopper (1991) identificadores da GR, considerando o fato de, em muitos casos, o elemento não atingir completa mudança categorial.

Em relação aos princípios, Hopper (1991) propõe como primeiro princípio, a estratificação, ou seja, a manifestação de uma mesma função codificada por mais de uma forma; o princípio da divergência, que refere-se à codificação de mais de uma função por uma mesma forma, reconhecendo-se que a função mais abstrata tem como fonte uma mais concreta; o princípio de especialização é observado via convencionalização de uma forma

para uma dada função, que se torna mais comuns em um determinado contexto; o princípio de persistência prevê a manutenção de alguns traços da forma fonte na forma gramaticalizada, e o princípio de descategorização consiste na perda de propriedades morfossintáticas da qual o verbo fazia parte originariamente, ou seja, quando uma forma perde as características de sua categoria inicial.

Ao aplicar tais princípios, Casseb-Galvão e Gonçalves (2001) constataram que ambos, *achar* e *parecer* constituem instanciações do primeiro princípio, pois, para além destes verbos, vários outros elementos, tais como advérbios, já eram utilizados para manifestar a modalidade epistêmica. Segundo os autores, “as formas *achar* e *parecer* com seus significados originais permanecem como itens lexicais autônomos, verbos plenos”, o que evidencia o princípio da divergência. *Achar*_{3,4} e *parecer*_{3,4} passam a ser mais utilizados na codificação da modalidade epistêmica, fato que está aliado ao princípio de especialização. Outro fato constatado pelos autores diz respeito às acepções semânticas que permanecem no uso mais gramaticalizado, como ilustra o princípio da persistência também notório, segundo Casseb-Galvão e Gonçalves (2001), na GR de *achar* e *parecer*:

*Achar*₁ é um verbo do tipo processo, cujo resultado, “o encontro”, independe da vontade do sujeito, [-controle] portanto. O traço [-controle] traz consigo uma carga semântica de incerteza, que parece persistir no significado de *achar*_{3,4}, de maneira mais abstrata (...) Quanto a *parecer*, o traço semântico presente nas diversas acepções é o de [comparação, avaliação], em algum nível (concreto x abstrato) (CASSEB-GALVÃO; GONÇALVES, 2001, p. 6)

Para além desses mecanismos, pode-se notar a atuação, ainda que incipiente, do mecanismo descategorização, visto que “ao longo do processo, fora observada alteração da função desses itens”:

as formas mais gramaticalizadas desses itens restringem variação de pessoa, número, tempo e modo: *achar* e *parecer* se cristalizam no presente do indicativo, singular, porém, este na 3ª pessoa do singular e aquele na 1ª. Outro fator que cabe mencionar para este princípio é a mudança de escopo dos itens em análise: (i) ambos, na forma fonte, têm como escopo a predicação; (ii) pelo caráter ambíguo do segundo estágio, ambos podem incidir tanto sobre a predicação (leitura próxima a do primeiro estágio) como sobre a proposição (leitura próxima ao estágio seguinte); (iii) ambos, quando adquirem status de modalizador epistêmico, tomam como escopo a proposição; e (iv) no último estágio do continuum, apresentam escopo variável, a exemplo dos advérbios modais, o que comprova seu caráter mais gramatical. (CASSEB-GALVÃO; GONÇALVES, 2001, p. 6).

Neste sentido, percebe-se que *achar* e *parecer* são duas instâncias em processo de GR, pois apresentam, em sua trajetória, a atuação dos princípios postulados por Hopper (1991).

Outro trabalho que corrobora os explicitados até aqui é o de Fortilli (2013), que tem como objetivo analisar os predicados matrizes adjetivais do português, tendo em vista a mudança observada pela dissolução da matriz com consequente parentetização. Ao observar as construções com orações subjetivas encaixadas em predicados adjetivais, foram analisadas a semântica dos adjetivos matriciais, a configuração modo-temporal, a colocação das orações, a atuação do complementarizador *que* e os traços prosódicos de tais sentenças. A seguir, uma representação dos dados analisados em Fortilli (2013):

- (8) a. *É* + *lógico* que depois de alguns meses a mãe dele descobriu (AC 55,88)
 b. *Lógico* que Deus escuta o que a gente pede (AC 51,489)
 c. *Lógico* // quem é RUIM... fez alguma maldade tem que pagar (AC 51,522)
 d. Aí a assistente social//*lógico*// chegou à conclusão que eu num seria uma boa mãe (AC 25,16)

Os dados em (8) revelam uma mudança em curso, visto que em (8.a) ainda é utilizado o padrão típico da oração completiva subjetiva (SER+ADJETIVO), e em (8.b) começa a aparecer pistas de uma mudança em curso, já que ocorre ausência do verbo *ser*, tanto em orações finitas, como em “*Lógico* que Deus escuta o que a gente pede”, quanto em orações infinitas, como “*Melhor* deixar do jeito que eu tava imaginando”. Em (8.c), para além da ausência da cópula, nota-se, também, a ausência do complementarizador *que*, elemento que permite a articulação entre as orações matriz e subordinada. Passando a (8.d), temos um adjetivo sem cópula, sem complementarizador e com status de modificador, seja da oração como um todo ou apenas parte dela, o que evidencia o seu comportamento como parentético epistêmico.

A mudança por GR defendida em Fortilli (2013) baseia-se na alternância entre as construções conservadoras [SER + ADJETIVO + ORAÇÃO SUBJETIVA] e as construções inovadoras, tais como as que aparecem sem cópula e sem complementarizador. Segundo a autora, considerando os mecanismos de gramaticalização propostos por Hopper (1991), é possível observar alguns nesse processo de mudança, pois os adjetivos *claro* e *lógico*, embora ainda apresentem significados mais lexicais (clareza e lógica), quando utilizados em configuração parentética, ganham acepções ligadas à modalização, o que atesta o princípio da divergência, uma vez que eles se afastam de suas idéias iniciais e ganham outras nuances de significado. Outro princípio identificado no processo é a especialização, pois ambos ocorrem muito mais na fala e na escrita que os demais adjetivos da mesma natureza semântica inicial.

Para Fortilli (2013, p. 154), além desses princípios, também se observa a divergência, “pois há, até certo ponto, manutenção de traços da forma fonte na forma gramaticalizada, já

que os dois adjetivos continuam ocorrendo como encaixadores da sentença, mantendo suas características de predicado”, fato que permite a convivência dos dois usos na língua.

Todos os trabalhos mencionados até aqui se alinham ao objetivo de observar os mecanismos sintático-semânticos na gramaticalização de itens parentéticos epistêmicos no português. Assim, considerando que a parentetização dos elementos supracitados está relacionada a uma crescente abstratização de significados, pelo fato de partirem de sentidos mais concretos e específicos e se enveredarem para o eixo da modalização, percebe-se um processo de GR em curso, uma vez que itens lexicais (plenos de sentido) estão apresentando um funcionamento mais abstrato. Associado a tal perfil, há o fato de esses elementos passarem a ter um comportamento de advérbio modalizador, com possibilidade de se alocar em diversas posições da sentença ou “extraoracionalmente”.

CAPÍTULO III

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 O *corpus*

Neste trabalho, parte-se do pressuposto de que os verbos cognitivos estão passando por gramaticalização, na medida em que tem enfraquecimento de significados de origem e passam a ser utilizados em um maior número de contextos. Esse comportamento alia-se à concepção defendida por Himmelmann (2004), para quem a gramaticalização pode ser compreendida como expansão, visto que se expandem os contextos semântico-pragmáticos, causando polissemias e aumento de possibilidades pragmáticas.

Para desenvolvimento desta pesquisa, optou-se por uma análise baseada em *corpora*, devido à natureza de nosso trabalho, o qual, por se aliar à vertente funcionalista de estudos da linguagem, impõe-nos a descrição da língua em uso real, tanto na fala quanto na escrita, modalidades que não se excluem, mas se completam, em um contínuo (KOCH, 2004).

Tendo em vista a necessidade de utilização de *corpora*, os dados serão coletados do *Corpus do Português* (cf. DAVIES; FERREIRA, 2006), disponível online em <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>, composto por mais de 45 milhões de palavras, apresentadas em milhares de enunciados de diferentes tipos de textos do português, representativos dos séculos XIV ao XXI; o corpus disponibiliza ao usuário a comparação da frequência das palavras; sua distribuição; registros de fala oral, jornalística, ficcional. Dessa forma, a investigação toma por base dados dos séculos XIX, XX e XXI. Para o século XXI, optou-se pela coleta das ocorrências encontradas nas vinte primeiras páginas, sendo selecionadas apenas as do português do Brasil e de Portugal.

Com base em pesquisas anteriores (BARBOSA, 2016), serão apresentados os critérios tempo, modo e posição do verbo na oração serão apresentados, para evidenciar o processo de descategorização dos verbos analisados, quando em contexto de parentetização. Por meio de uma análise quantitativa dos verbos parentetizados, a quantidade de dados coletados será representada em tabelas e gráficos contendo o número de ocorrências em cada período e o percentual de cada verbo cognitivo por século analisado. Em relação ao controle de ocorrências, não foi considerado, para esse trabalho, a análise do tipo de complemento

encaixador, uma vez que existem trabalhos como o de Fortilli (2013) que já controlam o tipo de elemento que encaixa em construções como essas.

Para coleta e análise das acepções de cada verbo, optou-se pelas obras de Borba (1990), Ferreira (2002), Michaelis (2008) e Cunha (2010). Borba (1990) apresenta registros das diferentes acepções de cada verbo, bem como uma classificação sintático-semântica que se caracteriza a partir da estruturação da frase, assim, parte-se do núcleo do predicado em torno do qual os demais componentes se arranjam em diferentes graus de coesão e dependência. Enquanto em Borba (1990), os verbos são subclassificados em quatro grupos: (i) ação, (ii) processo, (iii) ação-processo e (iv) estado, em Ferreira (2002) e Michaelis (2008), os registros se definem a partir da terminologia tradicional (transitivo, transitivo indireto). Cunha (2010), ao apresentar a etimologia dos vocábulos do português, indica uma data possível para o seu surgimento na língua, que ocorreu entre os séculos XIV e XX.

Para organização da análise, os verbos serão divididos em dois grupos, o primeiro composto de verbos que já apresentam acepção modal desde a etimologia e o segundo que não apresenta nuances de modalidade, mas, por meio de metaforização e abstratização, passou a integrar o conjunto de verbos utilizados em construções parentéticas epistêmicas. Acerca da elaboração das matrizes semânticas, partiremos das nuances expressas por cada verbo, uma vez que elas referenciam processos cognitivos mais e menos abstratos.

3.2 Da procedência dos dados

Para esta pesquisa, a procedência dos dados não parece ser decisiva para o fenômeno da parentetização, uma vez que verbos cognitivos parentéticos são encontrados tanto em dados orais como escritos, em ocorrências do português do Brasil e de Portugal. Assim, não parece haver relevância a diferenciação das duas variedades do português, visto que todos os dados encontrados parecem apontar para mecanismos idênticos: a metaforização, a abstratização e a descategorização, com consequente aumento da expressão de subjetividade.

3.3 Hipótese

A hipótese que fundamenta esta pesquisa assenta-se na possibilidade de que a especificidade do processo cognitivo expresso por alguns verbos “freie” sua trajetória rumo à maior expressividade de postura epistêmica do falante e à parentetização. Parece plausível que

alguns verbos de cognição aproximam-se mais do campo epistêmico, enquanto outros permanecem mais “conservadores”, mantendo a especificidade de exprimir um mecanismo mental. Além das questões sintáticas que levam esses verbos a um comportamento adverbial, perfil já mais bem elucidado por pesquisas anteriores, acredita-se que há, entre os verbos, ao menos uma acepção comum que motiva a parentetização e conjuntamente a gramaticalização.

3.3.1 Os parâmetros de análise:

- i. mecanismos de GR: analisam-se a abstratização, a generalização de significado e a metaforização, uma vez que a atuação de tais mecanismos permitem explicar o processo de abstratização e gramaticalização dos verbos em análise;
- ii. traços de significados de cada verbo: analisam-se, por meio de matrizes semânticas, os componentes do sentido dos verbos, investigando se alguns deles os mantêm mais arraigados à expressão de processos cognitivos e outros os levam na direção da modalidade. Presume-se a existência de acepções que favorecem ou desfavorecem a atuação do verbo enquanto parentético epistêmico;
- iii. frequência: analisa-se a possibilidade de que verbos mais distanciados de processos cognitivos muito específicos se submetem mais à parentetização, pelo fato de possuírem acepções menos abstratas e constituírem predicados específicos de uma atividade mental;
- iv. aspectos formais, já analisados em trabalho anterior que demonstram características das sentenças com os verbos selecionados: posição do verbo parentetizado e tempo verbal da oração escopada pelo parêntese. Por meio desse parâmetro, será possível evidenciar o processo de descategorização dos verbos cognitivos, uma vez que, ao deixarem propriedades de sua categoria fonte, passam a assumir um comportamento de advérbio modalizador.

CAPÍTULO IV

4. ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo apresenta a análise dos fenômenos que interferem em usos dos predicados selecionados, a fim de atestar a hipótese de que verbos cognitivos podem se aproximar mais do campo da modalidade epistêmica pelo fato de possuírem acepções mais gerais que favorecem o intercâmbio entre a expressão de um processo mental e o eixo da atitude e posicionamento do falante. Outros verbos, também cognitivos, devido à especificidade do processo que codificam, mostram-se mais distantes da expressão de modalidades.

De acordo com suas acepções, há dois conjuntos de verbos: o primeiro composto pelos verbos *crer*, *acreditar*, *supor*, *imaginar* e *pensar*, que já apresentam carga semântica modal desde a etimologia, e o segundo, composto pelos verbos *achar*, *deduzir* e *calcular* que, etimologicamente, não são modais, mas são recrutados para funcionamento parentético. Nesse sentido, será apresentada uma análise dos aspectos formais que atestam a mudança por gramaticalização do conjunto analisado. Posteriormente, serão apresentadas as análises semânticas de cada verbo e uma breve comparação semântica entre eles, a fim de observar quais traços de significado são compartilhados. Partindo disso, será apresentada uma análise da frequência de uso dos verbos provenientes de dados dos séculos XIX, XX e XXI.

4.1 Aspectos formais dos verbos cognitivos parentéticos epistêmicos

Ao observar as características formais assumidas pelos verbos cognitivos parentéticos, é possível notar algumas alterações no que diz respeito às propriedades sintáticas dos predicados selecionados. Em Barbosa (2016)⁷, constatou-se que os verbos parentetizados tendem a aparecer em posição medial e final, o que se diferencia do uso prototípico, uma vez que, de acordo com a tradição gramatical, tais predicadores verbais tendem a aparecer em posição inicial, funcionando como núcleo de uma oração matriz. Assim, um verbo parentético em posição inicial teria o mesmo efeito que sua contraparte encaixadora, apenas sem a presença do *que*.

⁷ Um estudo diacrônico dos verbos de atividade mental do português brasileiro - Relatório de iniciação científica. UFMS, 2016.

Os usos em (1) e (2) representam as ocorrências com o verbo achar em posição medial e final:

- (1) A organização propôs um recuo depois do seqüestro, só fazíamos panfletagem de propaganda, tínhamos ainda o dinheiro de um assalto que havíamos feito à casa de, **acho**, um candidato a vereador do MDB. ([19Or:Br:Intrv:ISP](#))
- (2) Pedro II foi o maior presidente que tivemos, **acho**. ([19Or:Br:Intrv:ISP](#))

Observa-se que, quando o predicado se gramaticaliza e a oração matriz perde suas propriedades de sentença é o conteúdo proposicional que fica na primeira posição. Para acentuar o conteúdo apresentado, o falante o posiciona antes da avaliação que irá fazer sobre ele, sugerindo que essa informação deve ser considerada como primordial na comunicação. Mesmo não lidando com orações subjetivas, é possível associar essas considerações de Neves (2000) à relevância do conteúdo proposicional, pois, quando não há encaixamento, surge uma estrutura parentética que funciona como modalizador.

Em relação à análise do tempo verbal da oração, Barbosa (2016) mostra que as orações submetidas aos verbos cognitivos parentetizados estão, majoritariamente, no presente do indicativo e no pretérito perfeito do indicativo, como se vê nas ocorrências a seguir:

- (3) A maioria das reclamações (**imagino** eu) fazem parte duma longa lista de ineficiências. ([labinov.blogspot.com](#))
- (4) Sigmund Freud morreu com uma dúvida que, **acredito** eu, não será respondida por nenhum ser humano. ([amelhordasintencoes.wordpress.com](#))

O verbo parentetizado é flexionado sempre na primeira pessoa do singular e no presente do indicativo, como foi possível constatar nos dados coletados dos séculos XIX, XX e XXI. A primeira pessoa do singular propicia a interpretação modal propriamente dita, uma vez que a própria natureza dessa construção é expressar atitude do falante. Dessa forma a avaliação do usuário sobre o conteúdo da oração encaixada se dá no tempo presente, como observa Gonçalves (2003, p. 72): “a evidência mais clara da subjetividade da ME (modalidade epistêmica) é o fato de os modais mais relevantes ocorrerem sempre no tempo presente, uma vez que o julgamento feito pelo falante ocorre simultaneamente ao ato de fala”.

Considerando que os verbos cognitivos, quando parentetizados, passam a apresentar algumas especificidades, como a maior mobilidade na sentença e a fixação na primeira pessoa do singular, observa-se a atuação do mecanismo de descategorização, uma vez que ocorre um distanciamento da atuação comum de um predicado verbal e aproximação de um comportamento adverbial. Para Thompson e Mulac (1991), parentéticos epistêmicos como *I think* e *I guess* no inglês, quando reanalisados como advérbios parentéticos (assim como *maybe*), devem ser tratados como uma subcategoria gramatical adverbial, pois adquirem funcionamento semelhante a *maybe*. Nesse sentido, percebe-se que a própria parentetização do predicado atesta o processo de gramaticalização, pois muda o seu estatuto de núcleo sentencial e passa a funcionar como um item extraoracional.

A atuação do princípio de descategorização, observada nos verbos cognitivos selecionados, mostra que de itens encaixadores e pertencentes a uma classe gramatical mais plena, esses predicados estão assumindo, em contextos de parentetização, um funcionamento mais abstrato, que se relaciona ao comportamento adverbial. Tal processo leva os verbos cognitivos a se distanciarem da categoria verbo e aproximarem da categoria de advérbio, uma vez que assumem função de modalizadores epistêmicos.

Com base nos princípios de Hopper (1991), é possível observar, dentre os verbos cognitivos parentéticos, a atuação do princípio estratificação, uma vez que surge a uma nova camada, composta por verbos parentéticos epistêmicos, no domínio da modalização. Nesse sentido, as expressões com verbos parentéticos, ao assumir o funcionamento de advérbios modalizadores, permitem ao falante uma nova forma de marcar opinião e crença acerca de um conteúdo proposicional. Para Hopper (1991), a estratificação permite a coexistência de formas para uma mesma expressão, podendo causar amontoamento de usos com nuances semelhantes, mas não análogas, o que pode ser visto entre os verbos cognitivos parentéticos e os advérbios modais *talvez* e *possivelmente*, uma vez que ambos permitem a expressão das crenças e julgamentos do falante acerca de um conteúdo proposicional.

Observa-se, para além da estratificação, a presença do princípio divergência, pois, embora os verbos cognitivos, quando parentetizados passem a funcionar como advérbios modalizadores, eles ainda mantêm seu funcionamento da categoria verbo pleno, possibilitando a coexistência de dois funcionamentos na língua: o uso enquanto encaixador de oração e o uso enquanto parentético epistêmico. Segundo Hopper (1991, p. 22), quando uma forma lexical sofre gramaticalização, a forma original pode permanecer como um elemento autônomo. Ainda para o autor, embora a divergência possa ser entendida como um caso de

estratificação, há algumas diferenças, pois a estratificação envolve diferentes graus de gramaticalização em domínios funcionais semelhantes, enquanto a divergência envolve casos em que um mesmo item lexical autônomo se torna gramaticalizado em um contexto e não em outro (HOPPER, 1991).

Com base na análise das acepções dos verbos *crer*, *acreditar*, *supor*, *pensar*, *imaginar*, *achar*, *deduzir* e *calcular* (cf. seção 4.2), percebeu-se que, embora cada verbo tenha se gramaticalizado, passando a desempenhar função mais abstrata, algumas acepções semânticas do uso fonte foram mantidas. Hopper (1991, p. 22) afirma que “quando uma forma sofre gramaticalização, passando de uma função lexical para gramatical, alguns traços de seus significados lexicais originais tendem a se fixar no novo uso⁸”, o que atesta a atuação do princípio de persistência no processo de gramaticalização dos verbos aqui analisados.

A trajetória de mudança dos verbos cognitivos selecionados atesta a presença de outro princípio postulado por Hopper (1991): a descategorização. Com base nos postulados de Hopper, “as formas em processo de gramaticalização tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e privilégios sintáticos das categorias plenas: substantivo e verbo, passando a assumir atributos característicos de categorias secundárias⁹”, o que vem sendo observado entre os verbos cognitivos parentéticos, que, em contextos de parentetização perdem propriedades morfológicas da categoria fonte, uma vez que restringem flexão de tempo, número e pessoa.

Nesse sentido, é possível considerar a existência de um conjunto de verbos cognitivos em processo de gramaticalização, pois, na medida em que os mecanismos sintático-semânticos atuam na trajetória desses predicados, ocorre mudança de estatuto categorial, fato que pode ser constatado por meio dos dois princípios aqui apresentados. Embora os verbos analisados apresentem-se como encaixador e parentético, é notória a descategorização, princípio que explica o funcionamento como advérbios modalizadores epistêmicos.

4.2 Mecanismos sintáticos, semânticos e pragmáticos da mudança

Consoante Bybee (2003, p. 145), “a gramática não é um sistema estático, fechado, ou autocontido, mas é altamente suscetível à mudança e altamente afetada pelo uso da

⁸ “When a form undergoes grammaticization from a lexical to a grammatical function, so long as it is grammatically viable some traces of its original lexical meanings tend to adhere to it (HOPPER, 1991, p. 22)” (tradução nossa)

⁹ De acordo com Hopper (1991, p. 22) “forms undergoing grammaticization tend to lose or neutralize the morphological markers and syntactic privileges characteristic of the full categories Noun and Verb, and to assume attributes characteristic of secondary categories such as Adjective, Participle, Preposition, etc.”

linguagem¹⁰”. Ao considerar os usos dos verbos cognitivos¹¹ aqui analisados, pode-se observar que os significados de cada verbo passam por um processo de metaforização, com consequente generalização, trajetória que, gradualmente, os levam a descategorização. A seguir, serão apresentadas as análises dos traços de significado de cada verbo, bem como a crescente abstratização sintático-semântica.

4.2.1 O verbo *crer*

Começando pela etimologia do verbo *crer*, do latim *crēdere*, notam-se os seguintes significados: “crença religiosa”, que encerra os antigos fundamentos da fé católica (1570); “garantir”, “segurar”, “dar crédito” no sentido comercial (1873); “acreditar”, “confiar”, “creditar”, “dar crédito a” (1899)¹². Por meio da etimologia desse verbo, é possível perceber que o significado inicial, de *crença religiosa* vai se generalizando, passando a ser utilizado em outros contextos, como o de transação comercial e expressão de atitudes do falante.

De acordo com Borba (1990), o verbo *crer* indica processo com sujeito experimentador, isto é, com complemento, apagável, da forma [em + nome de entidade fictícia/religiosa ou nome abstrato], nesses moldes, o verbo *crer* significa “ter fé ou crença”, “julgar como verdadeiro ou autêntico”, como em: “*Cristina pensava que os que não crêem em Deus são obrigados, às vezes, a crer no demônio*”. Por outro lado, o uso do verbo *crer*, com o complemento apagável, na forma [em + nome concreto ou objeto de ação], passa a significar “dar crédito a algo”, como em “José crê nos discursos do prefeito”, o que equivale a dizer “José dá créditos ao que diz o prefeito”. Borba (1990) considera, ainda, um outro sentido do verbo *crer*, que é explicado pela configuração sujeito agente¹³ e complemento expresso por [nome + predicativo ou oração conjuncional/infinitiva], como em “*Creio que o fiz feliz*”. Nota-se que essa configuração evidencia as acepções “supor” e “julgar”, pois marca a atitude/opinião do falante.

¹⁰ Segundo Bybee (2003, p. 145), “grammar is not a static, closed, or self-contained system, but is highly susceptible to change and highly affected by language use.” (tradução nossa)

¹¹ Em relação aos verbos analisados, embora sejam apresentadas as acepções desde a etimologia, todos os predicados são caracterizados como cognitivos, devido a consideração do estágio mais atual que se encontram.

¹² Datação. Para todos os vocábulos estudados foi indicado a data provável da sua primeira ocorrência no português brasileiro (CUNHA, 2010).

¹³ De acordo com Borba (1990), os verbos de ação apresentam uma atividade expressa pelo verbo e realizada pelo sujeito agente, enquanto verbos de ação-processo expressam uma ação realizada por um sujeito agente e/ou de uma causação levada por um sujeito causativo, que afetam um complemento. A ação-processo, para o autor, sempre atinge um complemento que expressa uma mudança de estado, de condição ou de posição. Cumpre dizer que, segundo Borba (1990), os verbos cognitivos são caracterizados, genericamente, como verbos de ação, uma vez que há algo realizado, mas sem haver mudança de estado do paciente.

Analisando as acepções presentes no verbo *crer*, é possível notar que existem sentidos que permitem uma maior abstratização do predicado, e outros que o mantém ligado tanto à expressão de crença religiosa, quanto a transações financeiras, ou, ainda, à expressão de atitude, ou seja, o posicionamento do falante. Com base em Ferreira (2002) e Michaelis (2008), seguem as matrizes semânticas do verbo *crer*, considerando, em sua organização, a especificidade e a fluidez de significados:

(i) *Crer* no âmbito da crença religiosa:

ter crença religiosa
ter fé
ter confiança (em)
ser crente
acreditar

(ii) *Crer* no âmbito das transações comerciais:

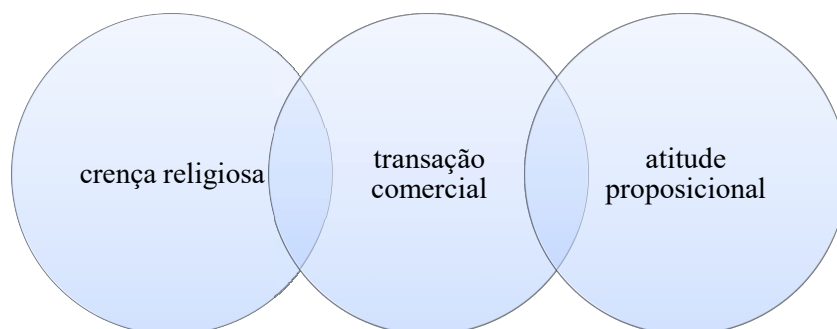
considerar íntegro
dar crédito (a)
fiar-se

(iii) *Crer* e a expressão de atitude proposicional:

ter como verdadeiro
julgar como verdadeiro/autêntico
presumir
tomar como provável
ter por certo
dar como verdadeiro
reputar
supor
achar
imaginar

Os diferentes significados do verbo *crer* permitem sua atuação em três diferentes campos semânticos: o campo da crença religiosa, a partir de acepções como “ter fé” e “ser crente”, o campo das transações comerciais, expresso por meio de acepções como “fiar-se” e “dar crédito (a)”, e âmbito das atitudes do falante, marcado por acepções como “presumir” e “supor”. O uso do verbo *crer* nos três diferentes contextos evidencia diferentes nuances, o que permite um aumento contextual, pois um mesmo verbo pode expressar usos distintos, como ocorre quando há a atuação no campo da crença religiosa, ou quando a nuance semântica referencia a expressão da opinião do falante.

De acordo com Bybee (2010), apesar da generalização de significados em determinados contextos, acepções mais específicas ainda podem ser invocadas em contextos particulares, o que pode ser visto nos usos com o verbo *crer*, pois, embora contenha acepções de significado bastante fluidas, que permitem, facilmente, a expressão do que é próprio de cada falante, também é possível notar um intercâmbio entre três diferentes campos semânticos, como se vê abaixo:



Segundo Lakoff e Johnson (2017, p. 91), a maior parte do sistema conceitual normal do ser humano está estruturado metaforicamente, pois a maioria dos conceitos se estende parcialmente em termos de outros conceitos, uma vez que a essência da metáfora é entender e experimentar uma coisa em termos de outra, fato que pode ser observado na presente análise.

Em (5) e (6), observam-se dois usos prototípicos do verbo *crer*, pois, além de funcionarem como núcleo da oração, apresentam uma estrutura argumental completa, enquanto no uso em (7), há uma desvinculação sintática do *que*, tradicionalmente, seria o argumento interno:

- (5) Sinto muito mas a resposta que você precisa você já a tem, “pare com isso, agora, já”. A resposta que você gostaria de ouvir, dos meus lábios, não ouvirás. Eu **creio** na família como um projeto de Deus, e aí daquele que destruir esse projeto. (...elhamentoparacasal.wordpress.com)¹⁴
- (6) **Creio** que a evolução da análise já permite fazer algumas considerações: não seria essa limitação também um exemplo das relações intrínsecas entre razão e emoção de que Maturana fala? Ou seja, no nível racional, os escritores propagam ideais democráticas e até defendem uma sociedade inclusiva, caracterizada pela pluralidade e pela diferença. (alb.com.br – Narrativas e a questão social na escola)
- (7) De uma certa forma a gente também tem que considerar que em determinadas fases da vida - você olha mais em termos mercenários mesmo - você é um mercenário - ah tudo - gira em função do - do vil metal né? tudo profissão o que for você procurará sempre - fazer algo que você ganhará mais - entende? hoje você está trabalhando como vendedor - amanhã te oferecem algo melhor você vai abandonar não terá não haverá dúvida, **creio**. (19Or:Br:LF:SP)

¹⁴ A oscilação nas referências das ocorrências é típica do *Corpus do Português*.

Em relação às ocorrências acima, nota-se que, em (5), além do verbo *crer*, sintaticamente, apresentar-se em sua forma prototípica de predador verbal de dois argumentos, semanticamente, faz referência a uma entidade, de natureza mais concreta, “*a família como um projeto de Deus*”. Nesse uso, o verbo apresenta dois argumentos explícitos, evidenciando acepções ligadas à crença religiosa, quando se refere à família como algo projetado por Deus. Entende-se que, em casos assim, o verbo é expressivo de uma atividade mental propriamente dita, pela qual o homem realiza operações mentais que o levam a interpretar o mundo de certa forma, o que compõe suas “crenças”.

O segundo uso do verbo *crer*, expresso em (6), relaciona-se à postura epistêmica do falante, pois marca, além da crença, a opinião, concordando que “*a evolução da análise já permite fazer algumas considerações (...)*”. Segundo Klinge (1996) (apud Neves 2013, p. 161), a modalidade epistêmica é a força com que o falante acredita na veracidade de uma proposição, como em *Acredito que p* e *Sei que p*, assim, os graus básicos de modalidade epistêmica são parafraseados como ‘necessário’ e ‘possível’.

Ao expressar nuances de modalidade epistêmica, *creio* tem reforçado seu potencial subjetivo, na medida em que, para além da expressão de crença religiosa, ocorre a possibilidade de expressar o posicionamento do falante diante de qualquer conteúdo proposicional não veiculado a ideais religiosos. A subjetivação é, de acordo com Traugott (2003), um processo semasiológico por meio do qual os usuários da língua, no curso do tempo, desenvolvem significados novos para formas já existentes, passando a codificar perspectivas e atitudes baseadas nas características do evento comunicativo e não do evento do mundo real. Nota-se que, em (5), *creio* codifica significados baseados na entidade família, enquanto em (6), a codificação de *creio* refere-se à evolução de uma análise, a uma proposição.

O uso mais abstrato do verbo *crer* evidencia outros mecanismos semânticos envolvidos no processo, pois a ampliação das possibilidades de utilização do item deve-se à generalização de significados, que permite a decodificação de opinião e posicionamento do falante diante de uma situação. O processo de generalização de significados é considerado por Bybee (1994, p. 289) como a perda de traços específicos de significados com consequente expansão de contextos de uso.¹⁵ Em Bybee (1988) (apud Bybee 1994, p. 290), é apresentada a generalização de significado do verbo *can*, no inglês, como se vê no quadro abaixo:

¹⁵ “Generalization is the loss of specific features of meaning with the consequent expansion of appropriate contexts of use for a gram” (BYBEE, 1994, p. 289).

Quadro 4: A generalização do verbo *can*.

<i>Can</i>	
mental ability (i)	mental enabling conditions exist in an agent for the completion of the predicate situation.
general ability (ii)	enabling conditions exist in an agent for the completion of the predicate situation.
root possibility (iii)	enabling conditions exist for the completion of the predicate situation.

Fonte: Bybee, 1994, p. 290.

De acordo com o esquema apresentado pela autora, o verbo *can*, do inglês antigo, passou de seu sentido inicial “entender e saber” à revelação da “capacidade mental do falante”, quando se encontra ligado a outro verbo. Após esse primeiro processo, o verbo generaliza-se novamente, passando a evidenciar uma possibilidade de raiz, expressando “condições gerais de habilidades”. Já no caso de *crer*, parte-se de um uso em que aquilo em que se poderia acreditar é menos abstrato rumo às amplas possibilidades que o uso modal traz.

Considerando tais aspectos, nota-se que, na terceira ocorrência com uso do verbo *crer* já parentetizado, há um grau mais alto do potencial de expressão da subjetividade, porque a configuração do verbo fica mais marcada e, conseqüentemente, mais evidente. Em relação a afirmação “*amanhã te oferecem algo melhor você vai abandonar não terá não haverá dívida, creio*”, pode-se notar que o verbo em análise revela sentidos ligados à atenuação, pois é capaz de relativizar o conteúdo que está sendo afirmado, evitando a perda da credibilidade do falante, caso o ouvinte não concorde com tal afirmação. Pode-se considerar que o uso parentético de *crer* reforça sua abstratização, pois há perda de propriedades sintáticas e ganhos em termos semântico-pragmáticos.

Quando parentetizado, o verbo *crer* passa a se fixar na primeira pessoa do singular e no presente do indicativo, deixando o complementarizador *que*, fato que permite a possibilidade de interpretá-lo como um advérbio modal epistêmico. O uso parentético de *crer* atesta o processo de descategorização, pois, ao deixar de encaixar oração completiva, o verbo passa a funcionar como uma construção independente, podendo aparecer em posição medial ou final, via suspensão do tópico discursivo.

4.2.2 O verbo *acreditar*

Originado do verbo *crer*, que apresenta uma etimologia com significados ligados à crença religiosa, o verbo *acreditar* apresenta-se, em Cunha (2010, p. 10), da seguinte forma: a.credit.ado, -ar, -ável: *crer*. Nota-se que, para identificar a etimologia desse verbo, é preciso direcionar-se à entrada do verbo *crer*, que indica o possível surgimento do predicado *acreditar* no século XVI, com a seguinte acepção definidora “que ou o que merece crédito”, inferindo, portanto, o sentido de *credibilidade*, também datado no século XVI. Observando os sentidos do verbo *acreditar*, a partir de Borba (1990), nota-se que *acreditar*, semanticamente, apresenta dois complementos, sendo um expresso por nome humano e outro da forma [junto de + nome humano], como em “*O governo brasileiro acreditou Celso Furtado junto à CEE*”. Outra possibilidade do verbo *acreditar* é a de indicar ação com [sujeito agente e com complemento expresso pelo nome + predicativo ou por oração conjuncional/infinitiva], expressando traços de significado como “supor” e “julgar”, o que pode ser visto no exemplo “*Era apenas uma vida que eu acreditava ser real*”.

Uma terceira configuração de *acreditar*, encontrada em Borba (1990), indica estado e apresenta complemento apagável, da forma [em + nome]. Esse uso expressa acepções como “Ter fé ou crença”, “ter como verdadeiro, real ou possível”, o que pode ser visto em contextos como “*Quanta ilusão em acreditar na felicidade dos outros*”. Para além desses significados, há, ainda, a expressão de “dar crédito a”, “confiar” e “ter confiança”. Tais acepções permitem a utilização do verbo em contextos mais generalizados, como se vê em “*Eles acreditam no casamento*”.

Sabendo que o verbo *acreditar* tem como etimologia o verbo *crer*, buscou-se mapear os significados do predicado, a fim de observar quais deles foram mantidos e quais se agregaram à nova significação, relacionada ao uso parentético. Assim, consoante Ferreira (2002) e Michaelis (2008), foi possível perceber que há dois conjuntos de acepções que permitem a atuação do verbo *acreditar* em três campos distintos: o campo semântico da transação comercial, o campo semântico da crença religiosa e o campo da atitude do falante diante da proposição.

- (i) *Acreditar* no âmbito das transações comerciais:
 - afiançar
 - dar ou estabelecer crédito
 - abonar
 - adquirir crédito
 - conferir poderes para representação de outrem

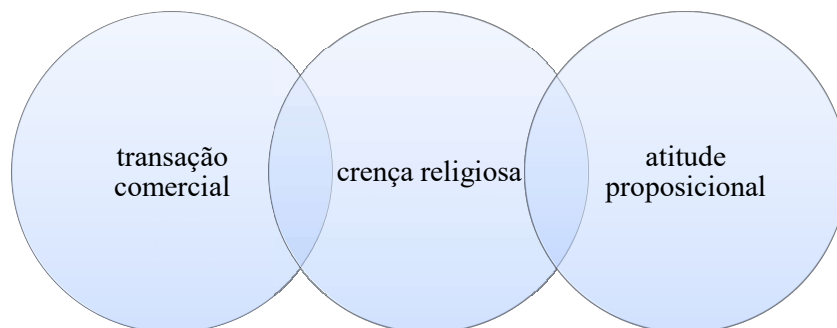
(ii) *Acreditar* no âmbito da crença religiosa:

ter fê ou crença
ter como verdadeiro ou provável

(iii) *Acreditar* e a expressão de atitude proposicional:

ter como verdadeiro
crer (se)
tornar-se confiável
ter confiança
confiar
julgar provável
ter convicção
julgar

Percebe-se que as três matrizes semânticas do verbo *acreditar* permitem a sua atuação em três campos: transação comercial, crença religiosa e atitude do falante, no entanto, diferentemente do verbo *crer*, o contexto de uso menos abstrato do verbo *acreditar* é a transação comercial. Nesse sentido, seguem os campos conceptuais que possibilitam o uso do verbo *acreditar*:



Nas ocorrências (8) e (9), há dois usos prototípicos do verbo *acreditar*. Contudo, embora apresentem uma estrutura argumental completa, semanticamente, é possível notar a ocorrência de processos metafóricos, pois são recuperadas tanto acepções como “afiançar” e “dar créditos”, que são ligadas à comercialização, quanto às acepções “ter como verdadeiro” e “julgar provável”, mais fluidas e ligadas à crença própria de cada falante.

- (8) Segundo relato de dois vigias aos senadores, no dia em que o BC anunciou a liquidação de 17 instituições (entre elas, a Split), os funcionários da Fast levaram arquivos e documentos da empresa. Tuma disse **acreditar** que os US\$ 1,3 milhão que estão no Banco Merrill Lynch, nos EUA, foram enviados por essa casa de câmbio. ([19N:Br:SCat](#))

Em (8), afirmar que “Tuma disse **acreditar** que os US\$ 1,3 milhão estão no Banco Merrill Lynch equivale a dizer que Tuma *dá créditos/tem como verdadeira* a existência dos US\$ 1,3 milhão no Banco Merrill. Em (9), pode-se observar a atuação do verbo *acreditar* em outro campo semântico, por evidenciar acepções ligadas à crença religiosa. Observa-se que o falante, ao dizer “nunca deixe de acreditar” e “nunca perca sua fé”, faz referência a sentidos como “ter fé” e “ter confiança”, que nucleiam o campo semântico da crença religiosa:

- (9) Que você possa aceitar que só quem soube da sombra, pode saber da luz...Porque parte de nós é angústia...Mas a outra parte é conforto...Que você nunca deixe de **acreditar**...Que nunca perca sua fé...Porque parte de Deus é amor...E a outra parte também! (anamgs.blogspot.com)

Nota-se, em (10), o mesmo processo, visto que há a saliência da crença em referentes como “amor” e “vontade de ser feliz”:

- (10) As cobranças de sucesso são grandes, o individualismo é a regra e os incentivos são mínimos. Mesmo assim escolhi ser mãe: quis trazer para o mundo uma criança, seguindo o meu desejo de criar um ser humano, por mais que isso soe uma ousadia. Trouxe porque **acredito** no amor e na vontade de ser feliz. (amanditas.wordpress.com)

Ao afirmar “*acredito no amor e na vontade de ser feliz*”, o locutor, em (10), evidencia a acepção “ter crença”, uma vez que “amor” e “vontade” são estado-de-coisas semanticamente abstratos e subjetivos. Embora haja evidência de crença e posicionamento do locutor, a acepção “dar crédito” ainda pode ser recuperada.

Em (11), (12) e (13), a preocupação consiste em relativizar a verdade do conteúdo, de forma que a afirmação não seja interpretada de forma inequívoca:

- (11) Arrisco a dizer que a assimetria de informações na telefonia, que depende fortemente de elementos tecnologicos no seu gerenciamento, é, **acredito**, insuperável. (brasil-economia-governo.org.br)
- (12) Vou abrir uma reticência de quatro linhas com umas dúvidas, que, **acredito**, você pode sanar:.... (ceticismoaberto.com)
- (13) O que nasceu como “mera” postagem na seção “Crônica” do blogue, transformou-se numa voz destoante do silêncio crítico que predomina sobre a música contemporânea de Pernambuco. Há mais exemplos que confirmam a regra. São diários. Basta abrir a seção de Cultura e perceber a apatia. Não faltam críticos, **acredito**. (outroscriticos.com)

O uso parentético expresso em (11), (12) e (13) permite que o verbo *acreditar* apresente um comportamento de advérbio modal epistêmico, uma vez que ocorre a perda de propriedades sintáticas, como seleção de segundo argumento, que seria expresso pelo complemento verbal ou, em alguns casos, a oração completiva em posição de objeto, e cristalização do verbo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Tais aspectos

permitem que o verbo *acreditar* comporte-se como um elemento extraoracional, uma vez que ele não se mostra como elemento componente da estrutura básica da sentença.

Na ocorrência em (11), a afirmação se resume em: “*a assimetria de informações na telefonia é insuperável*”; assim, com intuito de relativizar a veracidade da informação, o falante parentetiza o verbo *acreditar*, para marcar sua opinião e o seu posicionamento.

O mesmo ocorre em (12), uma vez que há a quebra sintática com consequente parentetização do verbo *acreditar*. Ao ocorrer parentetização, *acreditar* deixa de funcionar como núcleo da oração e passa a construção independente. Esse uso deixa o campo semântico de “transação comercial” e enfraquece a nuance “dar crédito”. Percebe-se que o uso parentético do verbo *acreditar* tonifica o terceiro campo semântico, que permite a expressão de posicionamento diante de uma proposição. Tal processo alia-se à descategorização, pois, uma vez parentetizado, o verbo passa a deixar alguns privilégios da categoria fonte, como a não flexão de número e pessoa, o que permite interpretá-lo como um advérbio, elemento invariável, nesse caso, de natureza modal. Na ocorrência em (13), nota-se que o locutor, ao invés de afirmar “Acredito que não faltam críticos”, faz a afirmação e, em seguida, parentetiza o verbo cognitivo, utilizando-o como uma ressalva que lhe permitirá resguardar-se caso haja discordância por parte do interlocutor.

As acepções do verbo *acreditar* permitem observar suas possibilidades de se relacionar tanto com entidades como com proposições, abrindo caminho para a atuação como forte sinalizador de atitudes epistêmicas do locutor. Além disso, por meio da descategorização, passa a se comportar como um advérbio modal epistêmico. Prova disso é que adquire maior mobilidade sintática, ocupando em posições medial e final.

4.2.3 O verbo *supor*

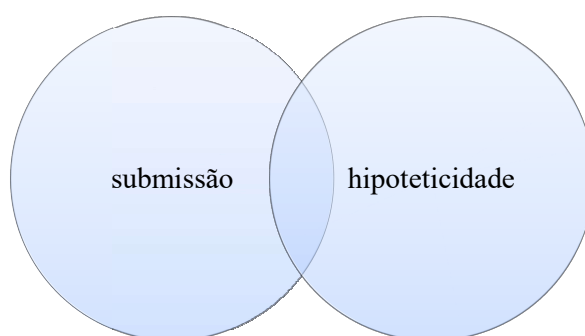
A etimologia do verbo *supor*, do latim *suppōnĕre*, século XVII¹⁶, mostra que os significados presentes no verbo são herdados dos vocábulos *supostício*, do latim *suppositīciŭs*, que apresenta as acepções “suposto”, “fingido” e “falso”, e *suposto*, do latim *suppōnĕre*, que apresenta como acepção de “hipoteticidade”. Observando a trajetória de *supor*, pode-se notar que, após o século XVI, *suppōnĕre* deu origem ao verbo *supor*, cujas acepções de origem eram: “colocar por baixo”, “submeter”, “substituir”, “alegar/estabelecer como hipótese”, “conjecturar” e “presumir”. Percebe-se que outras nuances de significado do

¹⁶ A oscilação na forma de datar os usos é característica do dicionário etimológico da língua portuguesa, de Cunha (2010).

verbo *supor* referenciam acepções ligadas a um campo cognitivo mais abstrato, no sentido de desenvolver uma atividade mental que referencia o ato de *pressupor*, *considerar* e *imaginar*.

Em relação à classificação semântica do verbo em análise, observa-se, de acordo com Borba (1990), que em uma primeira definição, o verbo *supor* apresenta complemento expresso por nome abstrato/oração conjuncional infinitiva ou por oração em discurso direto. Nota-se que, nesses moldes, *supor* expressa acepções ligadas a nuances como “imaginar”, “presumir” e “conjecturar”, como em “*Supondo que seu plano dê certo*”. Ainda segundo Borba (1990), existem outras duas configurações semânticas: uma com complemento expresso por nome ou oração infinitiva e com predicativo, *supor* significa considerar, como se vê em “*Ele já supunha impossível aquele trabalho*” e outra com indicação de estado com sujeito inativo e com complemento expresso por nome abstrato, relativo ao que é pressuposto, como em “*Uma prova objetiva supõe boa adaptabilidade*”.

Considerando os usos desenvolvidos a partir de *suppōnēre*, foi possível observar que a atuação do verbo *supor* ocorre com duas nuances semânticas distintas:



A partir das acepções semânticas analisadas, observa-se que o predicado *supor* tem potencial para atuar em dois campos diferentes, ora expressando sentidos ligados à submissão, “estar sob algo”, ora expressando aquilo que é hipotético, presumido ou conjecturado. Ambos os contextos são capazes de expressar diferentes nuances de significado.

Ao observar que o verbo cognitivo *supor*, etimologicamente, surgiu de *suppōnēre*, é possível compreender e explicar as origens das acepções que compõem a sua significação. Tomando como base Ferreira (2002) e Michaelis (2008), foi possível identificar as diferentes acepções do verbo cognitivo *supor*:

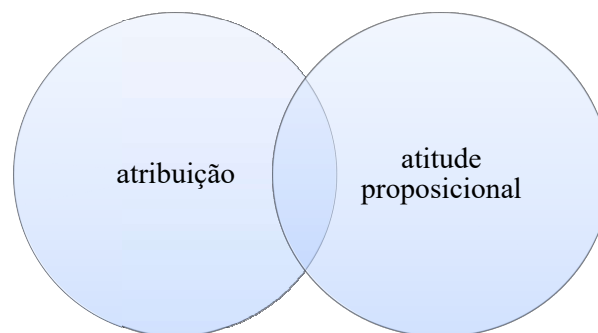
- (i) *Supor* no âmbito da atribuição:
 - ter algo em perspectiva
 - imputar/dar a responsabilidade a alguém
 - trazer a ideia
 - imaginar

atribuir

(ii) *Supor* e o posicionamento proposicional.

admitir como hipótese
alegar hipoteticamente
aceitar como verdadeiro
pressupor
imaginar
considerar
julgar
presumir
conjecturar

As acepções apresentadas acima possibilitam que o verbo *supor* atue em dois campos semânticos, uma vez que, no âmbito da atribuição, são evidenciadas acepções como “dar algo a alguém” e “atribuir”, e, no âmbito da crença, são evidenciadas nuances que permitem a expressão do posicionamento, crença e opinião do falante, na medida em que as acepções “conjecturar” e “presumir” tornam-se mais salientes. Segue, abaixo, a representação dos campos semânticos em que atua o verbo *supor* no português:



De um domínio menos abstrato, representado por acepções como “ter algo em perspectiva” e “atribuir”, o verbo *supor* passa a atuar em contextos mais abstratos, expressando posicionamento e revelando a subjetividade do falante. Considerando os usos (14), (15), (16) e (17), nota-se que o verbo *supor*, quando utilizado na primeira pessoa do singular no presente do indicativo, apresenta uma trajetória de abstratização, uma vez que passa a expressar a modalidade epistêmica:

- (14) Em vez de ir direito ao fim, quis antes sondá-lo a respeito do seu passado. Era a primeira vez que o moço tocava em tal. Meneses não desconfiou, mas estranhou; mas tal confiança tinha nele que não recusou nada. - Sempre imaginei, dissera-lhe Estevão, que há na sua vida um drama. E talvez engano meu, mas a verdade é que ainda não perdi a idéia. - Há, com efeito, um drama; mas

um drama pateado. Não sorria; é assim. Que supõe então? – Não **suponho** nada. ([18:Machado:Preto](#))

Na ocorrência em (14), é possível observar que *suponho* evidencia as acepções “ter algo em perspectiva” e “trazer a ideia”, pois quando o locutor afirma que não há nada a supor, significa que não pensa nada acerca do assunto, ou seja, a por em perspectiva a respeito do fato de que *há um drama pateado, e por isso não se deve sorrir*.

Em (15), embora semanticamente ocorra um processo semelhante, notam-se nuances que salientam traços de significado um pouco distintas, pois, ao afirmar “*me suponho incapaz de ser amado por uma moça*”, o falante evidencia nuances ligadas a “imaginar” e “considerar”, uma vez que ele não se considera um homem capaz de ser amado, ou seja, ele não se imagina sendo amado.

- (15) E já que te falei em amor, e também porque nisso me falaste em tua carta, sabe que essa adorável pessoa que se chama Maria Penha foi para mim a Nayade gentil, uma Vênus de hoje, que aos meus olhos não veio das espumas do Oceano como a outra da Grécia, mas que saiu armada com o seu sorriso branco e com o seu olhar azul das ondinas do Tejo, que lhe serviu de berço. Essa bela retardatária (retardatária para mim, que já me **suponho** incapaz de ser amado por uma moça), levei-a pela mão aos castelos do sonho. ([18:Azevedo:Touro](#))

A ocorrência (16) revela significados ligados mais ao domínio da modalidade, pois, quando o falante diz “*suponho que, sobre este ponto, não há contestação possível*”, acepções ligadas à opinião são evidenciadas, marcando, assim, o posicionamento do falante diante do conteúdo afirmado. Percebe-se que *suponho* referencia acepções como “conjecturar” e “presumir”, que se distanciam dos sentidos de origem: “colocar por baixo” ou “submeter”.

- (16) Quem ousará dizer que o homem é o responsável por este mal físico? Quem não compreende que se Deus criou o Universo, dotando-o com as formidáveis leis que o regem, o mal físico não é senão uma destas fatalidades que resultam de um jogo normal das forças da natureza? Quem não compreende que o autor responsável destas calamidades é, com toda a certeza, quem criou o Universo e quem o governa? **Suponho** que, sobre este ponto, não há contestação possível. Deus que governa o Universo é o responsável pelo mal físico. ([ateus.net](#))

Em (14), (15) e (16), sintaticamente, o verbo cognitivo *supor* comporta-se de forma análoga, uma vez que funciona como predicador verbal de dois argumentos (cf. Bechara, 2014).

Na ocorrência em (17), *suponho* deixa o argumento interno e passa a funcionar como um elemento extraoracional. O funcionamento parentético de *suponho* revela a exclusivização de traços relativos a “alegar hipoteticamente” e “presumir”, pois, ao afirmar “*seria adultério*

se fosse fora das quatro”, o falante faz uma ressalva, a fim de relativizar a verdade de sua afirmação.

- (17) Na pesquisa, apenas 12% dos católicos que vão a Igreja se sentem culpados por usar contraceptivos e apenas 57% se sentem culpados se cometerem adultério. 90% dos protestantes se sentem culpados se cometerem adultério e 70% dos muçulmanos (se bem que acho estranho isso, pois muçulmanos podem ter quatro esposas, mas seria adultério se fosse fora das quatro, **suponho**). (thyselfolord.blogspot.com)

Embora o verbo *supor* apresente acepções relacionadas à cognição, um domínio altamente abstrato, é possível perceber um processo de generalização de significados, o que proporciona a diluição dos sentidos iniciais, como “submeter”, “colocar por baixo”, “substituir” e “atribuir algo”, uma vez que tais significados já não são recuperados com o uso parentético. Percebe-se que, quando utilizado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, apenas acepções de *imaginação* e *subjetividade* são evidenciadas.

Segundo Bybee (2010), como a mudança de significado ocorre em pequenos incrementos e como os falantes são capazes de formar muitas generalizações locais, em muitos casos, significados menos abstratos são retidos no processo de gramaticalização.

Observa-se que a configuração parentética, nos casos em análise, é um sinal claro da GR, pois, ao ocorrer à parentetização do verbo, há perda do complementizador *que*, caracterizando um processo de dessentencialização. *Supor*, quando parentetizado, deixa propriedades da categoria fonte e passa a funcionar como um advérbio modalizador epistêmico.

O uso parentético de *suponho* mostra, pragmaticamente, a preocupação do ouvinte em deixar claro que é apenas o seu posicionamento, sua opinião, ou seja, aquilo em que ele acredita. Nesse sentido, o processo de abstratização do item em análise revela um intercâmbio entre dois domínios limítrofes: a cognição, mais ligado a um processamento mental de informação que leva a um raciocínio e o campo da modalidade epistêmica, ligado ao nível de conhecimento e certeza do falante sobre a proposição, o que se torna possível pela fluidez das acepções mais abstratas.

4.2.4 O verbo *pensar*

Pensar é quarto verbo do primeiro conjunto que apresenta algumas acepções modais desde a origem. Com base em Cunha (2010, p. 487), nota-se que o verbo *pensar*, originado do

latim, *pēnsāre* (século XIII), etimologicamente, significa “refletir”, “meditar”, “raciocinar”, “cuidar”, “tratar” e “curar”. Ao observar sua etimologia, é possível perceber que algumas acepções semânticas, tais como “cuidar”, “tratar” e “curar” foram apagados ao longo do tempo, isto é, não são reconhecidas nos usos que ocorrem no português atual. Ao apresentar uma classificação semântica dos verbos do português, Borba (1990) afirma que *pensar* sem complemento, significa “conceber pensamentos”, “refletir” e “raciocinar”. Observa-se que, embora o verbo *pensar* atue, desde a sua etimologia, no âmbito da cognição do falante, outros processos são desencadeados, por meio das acepções de sentido que compõe a matriz semântica de tal predicado. Algumas dessas acepções, tais como “raciocinar” e “meditar” mantém o verbo *pensar* arraigado à cognição, enquanto outras levam o verbo à expressão de uma atividade mental mais abstrata, que se relaciona à modalidade epistêmica.

Nota-se, a partir de Ferreira (2002) e Michaelis (2008), que a matriz semântica do verbo *pensar* contempla acepções que se distanciam do ato de raciocinar, e ligam-se à atitude do falante, permitindo, assim, a atuação do verbo em dois campos conceptuais distintos:

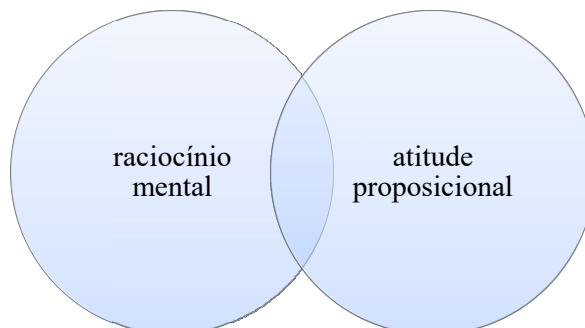
(i) *Pensar* no âmbito do raciocínio

raciocinar
meditar
formar/combinar ideias
trazer à lembrança
ter em mente
pretender
tencionar
delinear no pensamento
refletir
reflexionar (meditar)
fazer tenção
cismar (teimar/insistir)
imaginar
ser prudente

(ii) *Pensar* e a expressão de atitude proposicional

cogitar
emitir um parecer
desempenhar capacidade de julgar/deduzir
tino (capacidade de avaliar através do discernimento e bom senso)
avaliar pelo raciocínio
julgar
opinar

Observando as matrizes semânticas do verbo *pensar*, percebe-se a possibilidade desse verbo atuar em dois campos conceptuais distintos: o do raciocínio mental e o da expressão de atitude do falante ante a proposição:



Os dois contextos de uso do verbo *pensar* salientam dois diferentes conjuntos de acepções que se diferenciam em termos de especificidade. As atividades desempenhadas nos dois contextos referenciam atividades que ocorrem no âmbito da mente, dando origens a combinação de ideias, quando no âmbito da opinião do falante, expressa significados ligados à crença.

As ocorrências em (18) e (19) mostram que, ligado à cognição, o verbo *pensar* expressa significados bastante específicos do raciocínio mental:

- (18) Também questiono a definição trazida na matéria, que tem mais a ver com almofadinhas cobertos de roupas de grife. O “cozinha” original é outra coisa. O que é? Nem sei explicar muito bem, confesso, mas não é isso que falaram lá. Para entender, é só **pensar** no formato do quitute e transferir a ideia para definir um traço de personalidade. (3xtrinta.blogspot.com)
- (19) Não sei o que fazer, **penso** muito no meu filho que diversas vezes já presenciou ele me agredindo. (...elhamentoparacasal.wordpress.com)

O uso de *pensar*, na ocorrência em (18), expressa nuances ligadas a um processamento mental menos abstrato, no sentido de delinear raciocínio mental, ligado a acepções como “ter em mente” e “delinear no pensamento”. Na ocorrência em (19), nota-se a saliência de um raciocínio mental que recupera sentidos ligados a “preocupação” e “meditação”. Por meio da acepção relacionada à “preocupação”, recuperam-se nuances semânticas mais remotas, que nucleiam o campo semântico de cuidado. Para Bybee (2010), a presença de acepções menos abstratas em campos conceptuais mais abstratos se dá pelo fato de não haver campos semânticos estanques, ou seja, é natural uma expressão manter sentidos em situações menos abstratas da experiência humana.

Para além do uso mais cognitivo, as ocorrências (20), (21) e (22) apresentam o uso verbo *pensar* em contextos mais abstratos, ligados à expressão do que é próprio do locutor:

- (20) Foram poucas as vezes que tive coragem de me abrir sobre isso. **Penso** que não podemos "« culpar "» a assexualidade por nossas dificuldades afetivas. (a2forum.forumeiros.com)
- (21) Complementando a interpretação do Sérgio Soeiro...
Certa vez no programa 'Altas Horas' o Nando afirmou que esta música foi feita para uma ex-namorada ao qual ele tinha vacilado. Quanto ao trecho 'Amor eu sinto a sua falta /E a falta é a morte da esperança', **penso** que ele se refere ao fato de que ele tem certeza de que ela já está em outra, afinal de contas é como 'lembrar' e 'pensar', são sentimentos semelhantes... (almadepoeta.blogspot.com)
- (22) Tenho confiança de que continuarei "», afirmou Felipe. "« **Penso** que tenho grande chance de ficar na Ferrari, vamos ver. (amigosdavelocidade.uol.com.br)

A partir das ocorrências em (20), (21) e (22) percebe-se que, embora sintaticamente, o verbo *pensar* mantenha o estatuto de predicador verbal de dois argumentos, quando encaixado a uma oração completiva, evidencia acepções como “opinar”, “avaliar” e “cogitar”. Em (20) a oração encaixada “*não podemos culpar a assexualidade*” é uma inferência do falante, uma vez que o processo mental desenvolvido ocorre com base no conjunto de conhecimentos que ele tem acerca do assunto. O mesmo processo ocorre em (21), pois, na afirmação “*Nando se refere ao fato de que ele tem certeza de que ela já está em outra*”, o falante faz a afirmação com base no conhecimento acerca do ato de lembrar e pensar, uma vez que, para ele, quando um indivíduo pensa em alguma situação, automaticamente se lembra do fato ocorrido. O quinto uso, em (22), *pensar* desenvolve um processo análogo aos demais (20) e (21), uma vez que, por meio do mecanismo generalização de significados, o verbo passa a evidenciar acepções que se encontram mais distantes do eixo da cognição, porque o sentido já está ligado à demonstração de opinião.

Ao afirmar, em (22), “*Penso que tenho grande chance de ficar na Ferrari*” nuances de atitude e crença ganham destaque, já que o verbo *pensar* passa a referenciar significados ligados a “avaliar” e “cogitar”, ou seja, nuances que surgem da subjetividade e passam a expressar modalidade. Consoante Bybee (2010), a generalização de significado ocorre à medida que uma construção estende, gradualmente, sua distribuição para ocorrer com novos itens e em novos contextos, isto é, a generalização permite que o verbo *pensar* passe a atuar em um novo contexto, uma vez que são ampliadas suas funções semânticas.

Considerando que, uma vez subjetivado, o item tende a aumentar o grau de subjetividade (TRAUGOTT, 2010, p. 35), nota-se que, por meio da parentetização, ocorre a atuação de outros mecanismos de ordem sintática e semântica. Observem-se as ocorrências abaixo:

- (23) A fé, **penso**, deve ser aliada do estudo. (ceticismoaberto.com)
- (24) O vídeo termina com a significativa frase, com a qual, **penso**, concordaremos todos, de que esta é realmente a verdadeira amizade. (simecqcultura.blogspot.com)
- (25) Diziam, o Coritiba ainda não venceu fora de casa. Falavam, o Coxa sem Alex não vence partidas. Comentavam que o Coxa não possuía ou não possui elenco para brigar pelo título. Tudo isso, **penso** eu, é passado. Quem dizia que o Coritiba não venceria fora de casa, não pode dizer mais isso. (coxanautas.com.br)

Por meio das ocorrências acima, percebe-se que o verbo *pensar* deixa de encaixar oração completiva em posição de objeto, passando a fixar-se na primeira pessoa do singular. Além disso, a própria configuração da sentença permite a não utilização do complementarizador *que*. Tal processo permite, ainda, a interpretação de que o verbo *pensar* percorre uma trajetória de abstratização, uma vez que passa a funcionar como um advérbio modalizador epistêmico. Observa-se que na ocorrência (23), por meio do verbo *pensar* parentetizado, há uma quebra do tópico em curso “*A fé deve ser aliada do estudo*”, assim como ocorre em (24), com a quebra do tópico “*O vídeo termina com a significativa frase, com a qual concordaremos*” e com a suspensão do tópico “*Tudo isso é passado*”, na ocorrência em (25).

4.2.5 O verbo *imaginar*

Encontrado desde o século XIV, o verbo *imaginar* origina-se do latim *imaginatĭō*, cujas bases de significado constam dentro da entrada do substantivo *imagem*, do latim *ymagen*, datado no século XIII como portador das seguintes acepções “representação de um objeto pelo desenho, pintura, escultura etc.”, “reprodução mental de uma sensação na ausência da causa que a produziu”, “reflexo de um objeto no espelho ou na água”, e “figura, comparação, semelhança”. Nota-se que o verbo *imaginar* advém da noção de imagem, fato que explica a sua acepção definidora: “conceber na mente uma imagem de algo não real”, isto é, criar imagens mentais. Por meio de Ferreira (2002) e Michaelis (2008), foi possível recuperar as diferentes traços de significados do verbo *imaginar*, o que pode ser visto por meio de duas

matrizes semânticas que permitem a atuação do verbo em dois domínios: a cognição e o campo da modalidade epistêmica:

(i) *Imaginar* no âmbito da cognição

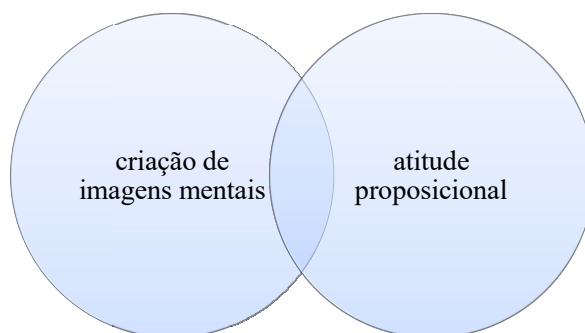
conceber na mente imagem de algo não real ou não presente
 excogitar (conceber pela imaginação, cogitar profundamente)
 idear
 ter/fazer ideia de algo ou alguém
 visualizar
 criar algo
 inventar
 construir ou conceber na imaginação
 representar na imaginação
 pensar
 pôr-se a imaginar (em sua vida)
 afigurar (se)

(ii) *Imaginar* e a expressão de atitude proposicional

fantasiar
 crer
 presumir (se)
 conjecturar
 supor (se)
 cismar (devanear)
 julgar (se)
 prefigurar (supor antecipadamente)

Com base nas características semânticas acima, é possível observar que, em (i), as acepções permitem a expressão de uma atividade mental estritamente cognitiva, pois se desenvolvem na mente do falante, por meio de acepções como “conceber imagem”, “excogitar”, “pensar” e “visualizar”. Por outro lado, por meio da segunda matriz semântica, é possível notar um processo bastante fluido, uma vez que a atividade mental desenvolvida se distancia do eixo da cognição e aproxima-se do eixo da modalidade epistêmica, pelo fato de referenciar acepções como “crer”, “presumir”, “julgar” e “supor”, atividades mentais que expressam o que é próprio de cada locutor.

Os dois eixos, embora norteiem a subjetividade, representam duas diferentes nuances, como se vê abaixo:



Com base nos dois campos semânticos acima, percebe-se que o verbo *imaginar* segue o mesmo percurso de abstratização dos verbos anteriores, porque, com a ativação dos sentidos da segunda matriz, são tocados processos mais ligados à postura epistêmica do que à cognição. Por meio da generalização de significados, ele atinge um maior alcance contextual, que é possível devido às acepções mais fluidas. Os usos em (26) e (27) além de apresentarem a configuração canônica de *imaginar*, evidenciam traços de significado menos abstratos, observe abaixo:

- (26) Olá! Estou respondendo com atraso porque fui operada e estive afastada. **Imagino** seu sofrimento. Especialmente pela falta de apoio familiar. (adordesermulher.blogspot.com)
- (27) Não tenho motivos ou razões que justifiquem um divórcio. Isso é compromisso com Deus, com você mesma, e com o seu marido. Qualquer coisa diferente disso, vai revelar um caráter deformado de sua parte. Fico **imaginando** quantas mulheres quem sabe não desejariam ter um homem simples, mas uma pessoa de bem, alguém de Deus, e isso você reconhece e te incomoda. (...elhamentoparacasal.wordpress.com)

Na ocorrência (26), o verbo *imaginar* expressa nuances semânticas ligadas a “ter ideia de”, “pensar” e “conceber imagem”. Quando o locutor afirma “*Imagino seu sofrimento*”, é possível recuperar o ato de conceber uma imagem de algo não presente, uma vez que, por meio do contexto, entende-se que, devido à falta de apoio familiar, uma situação torna-se mais difícil. Com a ocorrência (27) ocorre um processo semelhante, pois, em contexto de perífrase, o verbo *imaginar* referencia traços que expressam uma atividade mental bastante ligada ao campo da cognição. Ao afirmar “*Fico imaginando quantas mulheres quem sabe não desejariam ter um homem simples, mas uma pessoa do bem*”, o locutor expressa as nuances “devanear” e “visualizar na mente”. Ambos os usos, em (26) e (27), desenvolvem-se no campo conceptual da criação de imagens mentais.

Por outro lado, ao observar as ocorrências (28) e (29) é possível notar a existência de um processo ambíguo, uma vez que não é possível definir se a atividade mental que está sendo desenvolvida ocorre no campo da cognição ou no campo da modalidade epistêmica:

- (28) Na primeira vez em que escuta, você ri. Na segunda, você apenas sorri. Na terceira, você boceja. A partir da quarta, você manda sua televisão tomar no rabo. Eu não fiz isso, não costumo conversar com minha televisão, mas **imagino** que alguns tenham feito isso. Ou eu é que **imagino** que todos sejam chatos e mal humorados. - É, pode ser. (bandeiraverde.com.br)

Em (28), nota-se que as nuances semânticas expressas pelo verbo *imaginar* evidenciam acepções que permeiam dois campos conceptuais: criação de imagens e crenças. As orações “*imagino que alguns tenham feito isso*” e “*imagino que todos sejam chatos e mal humorados*” mostram que, para além dos significados “pensar” e “criar imagem”, outros como “crer”, “julgar”, “presumir” e “conjecturar” fazem-se presentes, uma vez que tais afirmações equivalem a dizer “creio/acredito/suponho que alguns tenham feito isso” e “creio/acredito/suponho que todos sejam chatos e mal humorados”. A ocorrência (29) apresenta o mesmo processo:

- (29) Muito em breve todos estaremos fazendo companhia às criancinhas que morreram de fome, aos velhos abandonados, aos que morreram nos corredores de hospitais, os que morreram precocemente porque não tinham plano de saúde e não havia hospital público. Daí conviveremos todos igualitariamente. Nossa carcaça fará a festa das minhocas. Perguntarão: Mas minha alma como fica? A conclusão é sua. **Imagino** que os justos terão privilégios e viverão plenamente. Os injustos ocuparão o andar de baixo ou a senzala. Talvez recebam o Bolsa Família. (atribunanet.com)

Nota-se, em (29), que o verbo *imaginar* apresenta ambiguidade, devido às nuances que expressa. Na afirmação “*Imagino que os justos terão privilégios e viverão plenamente*”, para além do significado inicial do verbo *imaginar*, há saliência semântica de acepções ligadas à atitude do falante.

Consoante Gonçalves *et al* (2007, p. 33), a transferência de um sentido ‘literal’ para outro ‘figurado’ e de um domínio de conceptualização para outro promovem o deslizamento de um sentido mais concreto para um sentido mais abstrato. Segundo os autores, para além da mudança semântica, ocorre, com alguns verbos cognitivos, uma alteração sintática, uma vez que, de pleno e encaixador de oração completiva, o verbo passa a configuração parentética, como se vê em (30) e (31):

- (30) Eu sou completamente apaixonada por todas as referências artísticas e históricas, que, **imagino** eu, sejam verdadeiras. (destemperados.com.br)
- (31) Eu ficava ali, ouvindo tudo, aprendendo tudo. Um aprendizado que, **imagino**, não tenha sido apenas musical. (galeriadosamba.com.br)

A partir das ocorrências em (30) e (31), é possível notar a breve suspensão do tópico discursivo, pois, em (30), ao dizer “*sou completamente apaixonada por todas as referências artísticas e históricas que sejam verdadeiras*”, o locutor interrompe a oração, anexando o verbo *imaginar* na primeira pessoa do tempo presente do indicativo, seguido do pronome pessoal do caso reto, a fim de marcar o seu posicionamento e relativizar a verdade da afirmação. Em (31) ocorre o mesmo funcionamento, pois, ao invés de o locutor dizer “*Imagino que tenha sido um aprendizado não apenas musical*”, ele afirma que foi, de fato, um aprendizado além do âmbito musical, interrompendo o tópico e introduzindo, em posição medial, o verbo *imaginar* parentetizado.

Como foi mostrado em alguns momentos desse trabalho, por trás desses usos inovadores, ocorre a atuação de alguns mecanismos cognitivos, aplicáveis ao conjunto. Observa-se, segundo Gonçalves *et al* (2007, p. 33), que, por meio da generalização de significados, ocorre o enfraquecimento de traços semânticos específicos, com consequente expansão de contextos apropriados para o uso. Com base nas ocorrências (30) e (31), pode-se notar que as acepções cognitivas mais concretas do verbo *imaginar* já não são ativadas, pois o verbo passa a se especializar na expressão de modalidade epistêmica.

Para além dos mecanismos semânticos, é possível observar a descategorização, pois, a medida que ocorre a parentetização, o verbo *imaginar* passa a apresentar um comportamento semelhante ao de advérbio modalizador. Esse mecanismo faz com que o verbo, quando parentetizado, perca privilégios da categoria fonte, como flexão de tempo, número e pessoa, visto que ele fixa-se na primeira pessoa do singular e no presente do indicativo.

Os mecanismos supracitados permitem que ocorra, para além da trajetória de abstratização, um processo de gramaticalização, pois, ao permitir a ampliação dos contextos semântico-pragmáticos, surge um novo comportamento que corresponde ao de advérbio modalizador. Considerando a existência de um segundo conjunto de verbos cognitivos parentéticos, a seguir, serão apresentados *achar*, *deduzir* e *calcular* que, via analogização, estão sendo recrutados para expressão de modalidade epistêmica.

4.2.6 O verbo *achar*

O segundo grupo de verbos analisados nesse trabalho é composto pelos predicados *achar*, *deduzir* e *calcular*. Observa-se que, por meio de uma trajetória bastante semelhante, os três itens apresentam um processo de gramaticalização bastante incipiente, pois, embora

pertencam ao rol de verbos cognitivos do português, não apresentam, em sua etimologia, acepções de significados ligadas a atitude do falante, como os demais predicados.

Com base nos sentidos mais remotos do verbo *achar*, do latim *affēāre*, observa-se que, etimologicamente, o sentido de “encontrar” e “descobrir” originaram-se de um uso ainda mais primitivo, que é “soprar”, “farejar” e “sentir a proximidade da caça pelo odor”, ações comumente realizadas pelos caçadores em busca do animal. Nota-se, em contextos atuais, que as acepções iniciais do verbo *achar* já não fazem referência a ações como “farejar”. *Achar* especializou-se como “encontrar” e, por meio de diversas generalizações de significados, passou a ser utilizado em contextos mais abstratos, em que o sentido inicial já não é recuperado.

Borba (1990), ao caracterizar o verbo *achar*, mostra que o predicado indica ação-processo, com sujeito paciente e com complemento expresso por nome, referenciando a ação de encontrar. Para além dessa forma, Borba também relata que o verbo em análise, na forma pronominal, com sujeito experimentador, significa identificar-se consigo mesmo, perceber-se, como se vê em “Maria se acha a melhor”. Com sujeito agente, *achar* indica ação, com complemento expresso por nome, cujas acepções semânticas relacionam-se a “*espere que vou achar uma bolsa para você*”. Nota-se que, com complemento da forma [de + infinitivo], *achar* significa “tomar a deliberação de”, “decidir”, “resolver”, como pode ser visto em “*Lia achou de enviar cartas para o namorado*”. Outra configuração apresentada é a de complemento expresso por oração conjuncional ou em discurso direto, que descreve um objeto, evento ou uma situação. Esse uso referencia as acepções semânticas “supor”, “calcular” e “presumir”, como em “*Acho que Deus já me perdoou*”.

Considerando as classificações semânticas atribuídas por Borba (1990) e a partir de Ferreira (2002) e Michaelis (2008), foi possível elaborar duas matrizes semânticas, que proporcionam o uso do verbo *achar* em dois diferentes campos cognitivos: descoberta e expressão de posicionamento ante a proposição.

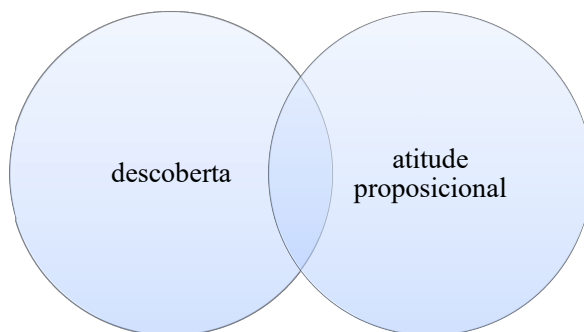
- (i) *Achar* no âmbito da descoberta
 - descobrir
 - encontrar (por acaso/por procura)
 - criar
 - inventar
 - deparar-se com
 - dar de cara com
 - ter como resultado/consequência
 - apontar

ser objeto de (ação/reação/procedimento)
 receber
 ter
 poder contar com
 esperar ajuda/favor
 resolver algo
 estar presente
 tornar a haver

(ii) *Achar* e a expressão de atitude proposicional

atinar (descobrir por indício ou conjectura)
 ter impressão/opinião
 acreditar (se)
 considerar (se)
 fazer referência a
 perceber
 reparar
 concluir (se)
 deduzir (se)
 deliberar algo (após consulta ou si mesmo)
 decidir
 supor
 julgar
 sentir
 experimentar
 reputar (se)

Observando as matrizes semânticas acima, é possível notar que há dois diferentes conjuntos de acepções semânticas: o primeiro que permite os sentidos de “encontrar” e “descobrir” e o segundo, que por conter traços de significado mais fluidos, permite a expressão de nuances semânticas ligadas a atitude e crença do falante. Ao considerar esses dois conjuntos, podem-se conceber dois campos semânticos distintos, como se vê abaixo:



Considerando o primeiro campo semântico do verbo *achar*, são encontradas as ocorrências abaixo:

- (32) Mas uma dúvida me assola. Quando o barraco desabou, e o barco se perdeu porque o Jorge **achou** um anel que tinha gravado "Só você e eu", a dor veio por ela ter deixado o anel que ele deu ou, ele **achou** um anel dado por outro cara? Contrariando o senso comum, eu acho que o "Eu" do anel não era o Jorge. (acervo.revistabula.com)
- (33) Os links porém conduzem a apenas um poema ou excerto de texto por autor. No entanto, há não poucos poetas e autores com mais de um poema ou texto traduzidos. A melhor forma de **achar** traduções de um determinado autor ou **achar** um tema é digitar o nome do autor ou o tema na caixa "Pesquisar este Blog", logo abaixo. (afetivagem.blogspot.com)

Em (32) e (33), o significado de *achar* evidencia o primeiro uso¹⁷ postulado em Casseb-Galvão (1999; 2000)¹⁸, uma vez que, enquanto verbo pleno, *achar* referencia ações como “descobrir” e “encontrar”, o que pode ser visto em “*ele achou um anel (...)*” e “*a melhor forma de achar traduções (...)*”.

De acordo com Casseb-Galvão (1999), a partir de um primeiro uso do verbo *achar*, ligado ao ato de encontrar, surge um novo funcionamento caracterizado como [SN achar SAdj], ou achar 2, que se encontra intimamente relacionado ao ato cognitivo de considerar e apreciar, como se vê nas ocorrências (34) e (35):

- (34) 99 % Dos pequenos e médios empresários (do simples) tem sérias dificuldades em entender esse cálculo e utilizar um sistema de equação por mais simples que seja, mata os coitados a pau, desta forma **acho** interessante que os entendidos no assunto procure definir o cálculo como POR DENTRO E POR FORA, os empresários costumam multiplicar o custo unitario da mercadoria pelo percentual. (acdematos.wordpress.com)
- (35) Eu não vejo motivos pra vc se culpar ao deparar com a dúvida. Eu sei que em famílias tradicionais a pressão é muito maior e blá blá blá... agradeço pela minha mãe desejar um neto imensamente por tanto amor que tem pra dar, ainda mais agora separada de meu pai. **Acho** esse sentimento lindo. (102fmnatal.com.br)

¹⁷ Segundo Casseb-Galvão (1999, p. 74), o primeiro uso de *achar* trata-se, provavelmente, da extensão mais imediata de *afflare* “soprar”, “farejar”, “descobrir a caça pelo cheiro”, devido a mesma natureza sintático-semântica.

¹⁸ Em Casseb-Galvão (1999) são apresentados quatro funcionamentos, que possibilitam a expressão de diferentes nuances semânticas, sendo eles: achar 1: encontrar > achar 2: apreciar – performativo modalizador > achar 2’: forma reduzida – performativo modalizador > achar 3: palpite – verbo modalizador epistêmico > achar 4: elemento modalizador com comportamento semelhante ao dos advérbios modalizadores epistêmicos quase asseverativos.

Na ocorrência (34), é possível observar uma atividade mental que se relaciona à experiência do falante com o conteúdo discutido, uma vez que ele aprecia o contexto, propondo, aos entendidos do assunto, que procurem definir o cálculo por dentro e por fora.

Em (35), observa-se um mesmo processo, pois o verbo *achar*, por meio de acepções como “considerar” e “perceber”, referencia uma atividade mental ligada à apreciação, visto que o falante avalia, como um sentimento lindo, o fato de sua mãe desejar ter um neto. Nota-se que, ligado à expressão de subjetividade, o verbo *achar* passa a evidenciar acepções semânticas que referenciam uma atividade mental mais fluida, no sentido de codificar atitudes e crenças que são próprias de cada falante, afastando-se da concretude de “encontrar alguma coisa”. Consoante Casseb-Galvão (1999, p. 89), achar 2 (apreciação) estaria em um estágio intermediário entre verbo pleno performativo e o modalizador¹⁹, uma vez que o falante apoia sua crença/certeza/precisão na evidência – experiência, resultando em absolutização.

Para Casseb-Galvão (1999), o terceiro uso de *achar* surge ligado à expressão de palpite. Assim, por operar no nível proposicional, a qualificação epistêmica incide sobre uma proposição, de modo que o falante, ao assumir o seu enunciado, posiciona-se em relação à avaliação do valor de verdade do que enuncia (CASSEB-GALVÃO, 1999, p. 90), como se observa na ocorrência em (36):

(36) Ele realizou um procedimento mais moderno que a nucleoplastia, **acho** que se chama econoplastia, mas passados 20 dias a dor continuou. (adoratual.wordpress.com)

Enquanto encaixador de oração completiva, o verbo *achar*, na ocorrência (36), salienta as acepções ligadas à dúvida/incerteza. Como encaixador de oração completiva, o verbo *achar* mostra-se ligado à expressão de posicionamento, como se vê nos usos em (37) e (38):

(37) Minha memória é falha, pensam que eu fui drogado e os tóxicos me levaram a capacidade de guardar. **Acho** que meu problema é falta de atenção. Não que eu não dê valor aos fatos, ou importância a eles mas o fato em questão é que eu não costumo guardar coisas, nomes, lugares e etc. (001pontodevista.zip.net)

(38) Nossa, **acho** que a Tereza escreveu a minha história...rs. Acabo de fazer 35 e me pergunto se quero ou não ter filhos. No fundo sempre existe uma vontade, mas quando paro pra pensar, desisto ao ver o quanto perderia da minha liberdade. Após minha separação, tinha dado por encerrado esse assunto de filho. Mas, há algum tempo também conheci um Antonio e esse veio com 3 filhos...aí penso, filho pra quê, tá de bom tamanho os dele. (3xtrinta.blogspot.com)

¹⁹ Para a autora, ainda que achar 2 seja mais recorrente na primeira pessoa, não se pode afirmar que ocorre exclusivamente nessa configuração.

Por meio das ocorrências (37) e (38), é possível notar, consoante a Casseb-Galvão (1999), o terceiro uso de *achar*. Enquanto encaixador de oração completiva, o verbo *achar*, nesses casos, desenvolve processos semânticos mais ligados ao eixo da modalidade epistêmica, devido à marca de posicionamento do falante. Em (37), quando o locutor afirma “*Acho que meu problema é falta de atenção*”, evidenciam-se acepções como “ter impressão”, “sentir” e “supor”, fato que se assemelha na ocorrência em (38), quando o locutor afirma “*acho que a Tereza escreveu a minha história...rs.*”, que poderia ser substituído por “tenho impressão de”, “suponho que” ou “sinto que”.

A partir de diferentes nuances semânticas, o verbo *achar* passa a apresentar um novo funcionamento. Enquanto verbo independente, evidencia-se o comportamento de advérbio epistêmico, uma vez que *achar* fixa-se, assim como os demais verbos aqui analisados, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, deixando de encaixar oração completiva em posição de objeto. Achar 4, como se vê em Casseb-Galvão (1999), apresenta-se fora de uma estrutura sentencial. Nota-se tal configuração por meio das ocorrências em (39) e (40):

(39) A organização propôs um recuo depois do seqüestro, só fazíamos panfletagem de propaganda, tínhamos ainda o dinheiro de um assalto que havíamos feito à casa de, **acho**, um candidato a vereador do MDB. ([19Or:Br:Intrv:ISP](#))

(40) Pergunta ótima mas complicada, e resposta idem. Não consigo pensar em um emprego que possa ser utilizado como paralelo real. A sugestão do jornalista é boa, mas acho que ainda muito distante. Regras meio gerais, como quantidade de horas trabalhada, ou potencialidade de lucro / perda de dinheiro não se aplicam, **acho**. ([blog.fabioseixas.com.br](#))

Observa-se, por meio das ocorrências (39) e (40), o uso do verbo *achar* em configuração parentética. Em (39), o tópico “*tínhamos ainda o dinheiro de um assalto que havíamos feito à casa de um candidato a vereador do MDB*” é rompido pelo verbo *achar*, que, enquanto predicado independente e fixado na primeira pessoa do singular, permite a expressão da modalidade epistêmica acerca do conteúdo proposicional “*um candidato a vereador do MDB*”. Em (40), ocorre um processo semelhante, no entanto, embora não ocorra um rompimento do tópico, o verbo *achar* é utilizado ao final²⁰ da oração, permitindo, assim, a expressão de dúvida e incerteza acerca da afirmação: “*Regras meio gerais, como quantidade*

²⁰ Em seu valor complexo, o escopo pode estar no enunciado ou na enunciação, e não mais no conteúdo proposicional, como ocorre em posições mediais (CASSEB-GALVÃO, 1999, p.95).

de horas trabalhada, ou potencialidade de lucro / perda de dinheiro não se aplicam”. De acordo com Casseb-Galvão (1999, p. 92), *achar*₄ não subcategoriza argumento interno e tem grande mobilidade na cadeia sintagmática, o que pode ser observado por meio dos usos mediais e finais²¹.

O uso parentético de *achar* evidencia a descategorização, por haver a possibilidade de o verbo funcionar como um item pertencente à classe de advérbios modalizadores capazes de expressar o comprometimento do falante com determinado conteúdo.

Em (41), é possível observar a presença do pronome pessoal do caso reto, que, conservado no uso parentético, parece ressaltar o falante como fonte das considerações:

- (41) Eu estava aqui na minha sala - sintonizei para o canal quatro - um programa da Elizeth Cardoso - Brasil Som Setenta e Seis - eu gosto muito da Elizeth Cardoso, e daí a pouco quem eu vejo - Marília Medalha - cantando umas músicas lindas e com uma presença extraordinária - eu **acho**.
(19Or.Br:LF:SP)

Na ocorrência em (42), embora o pronome pessoal do caso reto apareça posposto ao verbo *achar*, é possível recuperar um funcionamento análogo ao uso em (41):

- (42) Para o que aqui se está a discutir não é relevante o que eu sei ou não sei de direito negativo. Como aqui prima-se pelo rigor na utilização dos conceitos (**acho** eu), Direito Positivo é o DIREITO POSITIVADO. (agorasocial.wordpress.com)

Por meio das ocorrências apresentadas, percebe-se que o verbo *achar*, assim como os verbos *crer*, *acreditar*, *supor* e *pensar*, passa por metaforização, pois, antes, codificava conceitos concretos, como ‘achar um objeto’, entidades que são mais delimitadas conceptualmente. Nos usos mais abstratos, o verbo articula-se a proposições, ou seja, entidades mais abstratas conceptualmente. Isso ajuda a notar a generalização de significados, que permite o alcance da fluidez das acepções, à medida que tais verbos passam a atuar em diferentes contextos de uso.

Segundo Tavares e Freitag (2010, p. 104), os tipos de verbos podem ser relacionados às nuances de significado concreta, abstrata e genérica e, assim, servir de indício para o mapeamento de diferentes graus de gramaticalização. O verbo *achar*, por apresentar traços de significados ligados a uma atividade mental mais concreta, mantém sentidos mais remotos que referenciam a ação de encontrar/descobrir. No entanto, percebe-se que, via metaforização, ocorre extensão de significados do verbo em análise, pois acepções como “perceber”,

²¹ Casseb-Galvão (1999) menciona que o uso do verbo parentético *achar* pode aparecer anteposto, posposto ou interposto à sentença. No entanto, por meio da análise de ocorrências, nota-se que, embora a posição anteposta sugira a omissão da conjunção *que*, semântica e sintaticamente, recupera-se o funcionamento de predicador.

“atinar”, “opinar”, “concluir”, “supor” e “julgar” passam a se tornar mais evidentes, proporcionando, assim, a expressão de atitudes proposicionais, ou seja, atitudes que se constroem no campo da modalidade. A seguir, será apresentada uma análise do predicado *deduzir* que também pertence ao grupo de verbos, etimologicamente, não modais.

4.2.7 O verbo *deduzir*

De acordo com Cunha (2010, p. 202), etimologicamente, o verbo *deduzir* vem do latim *deducĕre*, do século XVI, com as seguintes acepções: “enumerar minuciosamente”, “tirar de fatos ou princípios”, “propor em juízo”, “diminuir”, “subtrair” e “inferir”. As primeiras acepções, por estarem ligadas a uma atividade mental bastante concreta, que é o ato de “abater” e “diminuir”, permitem que o verbo ainda seja utilizado em contextos restritos, como se vê nas ocorrências (43) e (44):

- (43) As empresas empregadoras que investem na educação de seus funcionários poderão **deduzir** o gasto comprovado do Imposto de Renda da Pessoa Jurídica. (blog.psdb-mg.org.br)
- (44) Antes de você escolher o método F.A.C.T., as despesas obrigatórias devem ser **deduzidas** de sua renda bruta. Disso resultará um valor menor que servirá de base para calcular e decidir quanto poderá dar. [Nota da tradutora: Recebo em média R\$2.300 mensais. Quando **deduzo** as despesas de Plano de Saúde, energia elétrica, telefone, Ministério, Condomínio, faxineira, prestações, etc. me sobram apenas R\$ 600,00 para alimentação, por isso entrego R\$ 60,00 à igreja, não como dízimo, mas como ajuda na construção do novo templo. (solascriptura-tt.org)

Observa-se que os usos do verbo *deduzir* na ocorrência (43) e (44), referenciam nuances semânticas bastante concretas, uma vez que, em (43), o falante, ao afirmar “*As empresas empregadoras que investem na educação de seus funcionários poderão deduzir o gasto comprovado do Imposto de Renda da Pessoa Jurídica*”, são evidenciadas acepções ligadas a “diminuir” e “abater”, assim como a afirmação na ocorrência (44), em que o falante diz “*Quando deduzo as despesas de Plano de Saúde, energia elétrica, telefone, Ministério, Condomínio, faxineira, prestações, etc. me sobram apenas R\$ 600,00 para alimentação*”, ou seja, quando ele subtrai/retira as despesas sobram apenas R\$ 600,00.

Ao revisitar Borba (1990), nota-se que o verbo *deduzir*, apresenta dois complementos: um expreso por nome quantificado e outro da forma [de + nome designativo de valor monetário], o verbo *deduzir* significa “abater” e “descontar”, como em “*O decreto permite deduzir 15% do valor monetário*”. Outra configuração expressa em Borba (1990), diz respeito

ao complemento expresso por oração completiva, oração infinitiva ou em discurso direto, deduzir significa “inferir”, “concluir”, como se vê em ocorrências como “*Deduzo que haverá uma festa*”. Para além das duas possibilidades semânticas citadas acima, tem-se, ainda, outra nuance, que se configura com dois complementos: um expresso por nome abstrato e outro da forma [de + nome abstrato], que significa “tirar” e “extrair”, como em “*O que se deduz desse episódio é a leviandade dos legisladores*”.

Considerando os usos supramencionados, e com base em Ferreira (2002) e Michaelis (2008), foram elaboradas duas matrizes semânticas do verbo *deduzir*:

(i) *Deduzir* no âmbito do cálculo matemático

abater
diminuir
reduzir
tirar/extrair
subtrair
descontar
enumerar

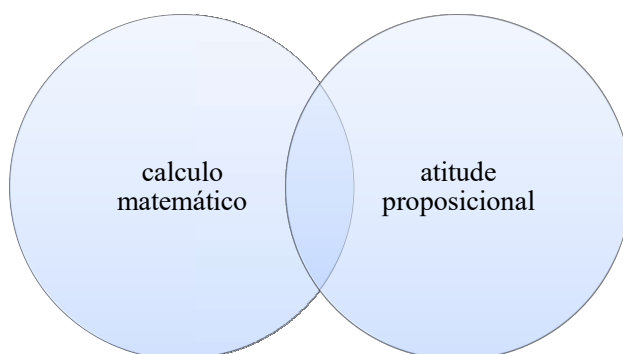
(ii) *Deduzir* e a expressão de atitude ante a proposição

tirar como consequência
tirar de fatos ou princípios
expor minuciosamente
tirar dedução
propor em juízo
presumir
concluir
inferir

Os dois conjuntos de acepções acima expressam sentidos cognitivos e modais, na medida em que são utilizados em contextos diversos. De acordo com a matriz semântica ligada à atitude proposicional, *deduzir* passa a destacar acepções como “presumir”, “concluir” e “inferir”, como se vê na ocorrência (45):

- (45) Acho criticável que este inquérito, que cobre com grande acuidade o vasto campo de questões centrais da política do ensino superior, a nível legislativo, não inclua o Estatuto da carreira docente. **Deduzo** que se vai manter a ideia de que é matéria de negociação exclusiva entre o Ministério e os sindicatos. Mas um estatuto de carreira e a sua gestão têm implicações institucionais muito importantes, que deviam ser discutidas também pelas instituições e pelos demais interessados. (jvcosta.net)

Percebe-se que a afirmação “*Deduzo que se vai manter a ideia de que é matéria de negociação exclusiva entre o Ministério e os sindicatos*”, na ocorrência (45), expressa a crença do próprio falante diante do conteúdo proposicional afirmado, pois, para mostrar o que ele pensa/acha/acredita acerca do fato “manter a ideia que é matéria de negociação”, faz uso do verbo *deduzir* na primeira pessoa do singular. Considerando as três matrizes semânticas do verbo em análise, percebe-se a possibilidade de atuação em três campos distintos:



Usos mais concretos do verbo *deduzir* ocorrem no campo da cognição do locutor, isto é, no eixo em que desenvolvem os processos mentais do indivíduo. *Deduzir*, quando utilizado em contextos que referenciam nuances de enumeração e abatimento, permite a recuperação de sentidos iniciais, que caracterizaram a semântica do predicado desde o século XVI. Com o encaixamento sintático, percebe-se que o verbo *deduzir* apresenta uma diluição dessas acepções mais concretas, o que proporciona a saliência de outros significados, que, embora também sejam mentais, ligam-se à expressão de uma postura de incerteza do locutor sobre o que é dito.

Para além da expressão de subjetividade, via encaixamento sintático, nota-se outro funcionamento do verbo *deduzir*, que é proporcionado pelo uso parentetizado, o que se vê por meio das ocorrências (46) e (47):

(46) Uso uma versão do Ubuntu anterior à 13.04 mas acho que esta trará também no livecd para instalação o gestor de partições GParted onde poderá fazer o redimensionamento do seu HD. Terá portanto que criar uma unidade (**deduzo**) NTFS para o conteúdo windows e mais 3 unidades (...) que serão ocupadas pelo Ubuntu; ora suponho que todas elas se poderão tornar unidades lógicas a introduzir numa unidade ou partição estendida. (forum.ubuntued.info)

(47) O Centro de Emprego é frequentado por desocupadas e desocupados por vontade própria ou sem ela. E pessoas que com 31 anos (**deduzo**) às 15h 18 minutos tem tempo para escrever um email deste teor. (...dinhosecalcoezinhos.blogspot.com)

Por meio da ocorrência em (46), pode-se notar que o verbo *deduzir* deixa de encaixar oração completiva e passa a funcionar como um verbo extraoracional que permite, ao locutor, fazer uma afirmação de um fato que julga ser verdadeiro, mas sem se comprometer com a veracidade do conteúdo afirmado, assim como os demais verbos analisados. Observa-se que, na afirmação “*Terá portanto que criar uma unidade (deduzo) NTFS para o conteúdo windows e mais 3 unidades*”, o falante quebra o fluxo da informação e, conseqüentemente, o conteúdo proposicional da sentença, a fim de expressar que é apenas a sua inferência a respeito do assunto. O mesmo ocorre em (47), uma vez que, por meio do verbo *deduzir* parentetizado, há um rompimento do tópico “*pessoas que com 31 anos às 15h 18 minutos tem tempo para escrever um email deste teor*”. Observe que, em (48), embora ocorra a suspensão do tópico discursivo, as marcas de pausa se diferenciam das ocorrências (46) e (47), pois, enquanto nas primeiras, *deduzo* aparece intercalado de parêntese, em (48), o verbo aparece entre vírgulas:

- (48) O compositor também se mostra competente em faixas como “Hammerpede” (dissonante e intensa), “A Planet” (épica e lírica) “Infected” (sinistra), e “Planting The Seed”, que com esse título soa como algo que qualquer um poderia esperar ouvir em um filme de Alien. Por fim o álbum encerra com a sinistramente evocativa “Birth” que, **deduzo**, acompanha a conclusão do filme e que provavelmente fará um gancho para uma continuação. (scifibr.wordpress.com)

Observa-se que o predicado *deduzir*, caracterizado pelas suas propriedades sintáticas (verbo transitivo direto/encaixador de oração completiva) e semânticas (codificador de calculo matemático), via metaforização, passa a ser utilizado em novos contextos, em que marcas de posicionamento e opinião fazem-se presentes.

O processo de metaforização permite que *deduzir*, a partir das acepções “presumir” e “inferir”, alcance um novo campo semântico, que expressa a modalidade epistêmica, assim, concomitantemente, ocorre a atuação do processo de generalização de significados, proporcionando ao verbo um grau ainda maior de abstratização, fato que possibilita o aumento de frequência com a expressão da modalidade epistêmica. Ao observar o processo de parentetização do verbo *deduzir*, percebe-se, para além da atuação do mecanismo de analogização, que permite o recrutamento de verbos mais concretos²² para a expressão de

²² Por meio do mecanismo analogização, verbos, tais como *crer*, *acreditar* e *achar*, que se encontram bastante abstratizados servem de base para o uso parentetizado de verbos como *imaginar*, *deduzir* e *calcular*. Nota-se, ainda, que há uma gradualidade de traços semânticos, pois há traços mais específicos que permitem a atuação desses verbos em contextos típicos de uma atividade cognitiva, e há traços bastante fluidos que permitem sua atuação no eixo da modalidade epistêmica.

atitude, mais uma vez a atuação da descategorização, uma vez que o verbo passa a funcionar como um advérbio modalizador epistêmico, devido à sua atuação em uma categoria diferente da original.

A tendência que se tem observado neste e em outros trabalhos, tais como o de Thompson e Mulac (1991), de Casseb-Galvão (1999) e de Gonçalves (2003)²³, que analisam, à luz da gramaticalização, é considerar que o processo permite que uma oração complexa torne-se mais simples após a parentetização. Tal configuração evidencia que há um processo de gramaticalização em curso, pois, além de os verbos candidatos comporem um pequeno conjunto, todos eles compartilham ao menos um traço modal que permite o intercâmbio entre a cognição e o campo da modalidade epistêmica.

A seguir, será apresentada a análise do verbo *calcular*, ultimo dentro dos conjuntos que compõem esse trabalho.

4.2.8 O verbo *calcular*

Originado por volta do século XVI, no latim, *calculāre* expressa as seguintes acepções de significado: “determinar por meio de cálculo”, “contar”, “avaliar”, “estimar”. *Calcular*, segundo Cunha (2010, p. 115), é considerado como relativo a cálculo, substantivo que expressa “operação ou combinação de operações sobre números ou símbolos algébricos”, “avaliação e conjectura”. Segundo Borba (1990), *calcular* indica ação com sujeito agente. Sem complemento, significa fazer cálculos matemáticos, como em “*Seu Miguelzinho sabe é comprar, vender, medir, calcular (...)*”.

Em Borba (1990), *calcular*, quando encaixado em um complemento expresso por nome designativo de algo passível de uma avaliação quantitativa, significa “computar”, “contar”, “medir”, como se vê na sentença “*Preciso calcular os meus gastos*”. Para além dessa configuração, *calcular* também tende a aparecer com dois complementos: um expresso por nome designativo de algo possível de avaliação quantitativa e outro da forma [em + nome designativo de cifra], significando “avaliar” e “estimar”, como em “*As bolsas foram calculadas em R\$ 180,00*”. Com complemento expresso por nome abstrato ou por oração conjuncional/infinitiva, *calcular* passa a significar “presumir”, “imaginar” e “avaliar”, o que se vê em “*Calculei mal as exigências do patrão*”, e com complemento expresso por nome

²³ Vale lembrar, neste ponto, que em Thompson e Mulac (1991) é analisada a parentetização dos verbos *think* e *guess*, no inglês; em Casseb-Galvão (1999), são investigados os usos do verbo *achar* no português, e, em Gonçalves (2003), são analisados os usos do verbo *parecer*, ambos sob a perspectiva da gramaticalização e dessentencialização da oração matriz em relação à subordinada.

abstrato de ação, o verbo passa a significar “prever” e “premeditar”, como visto em “*Não fui capaz de calcular o dano que causaria o meu descaso*”.

A partir da caracterização semântica exposta em Borba (1990), e com base em Ferreira (2002) e Michaelis (2008), foram estabelecidas duas matrizes semânticas que permitem a atuação do verbo *calcular* em dois campos semânticos: o da quantificação e o da avaliação epistêmica:

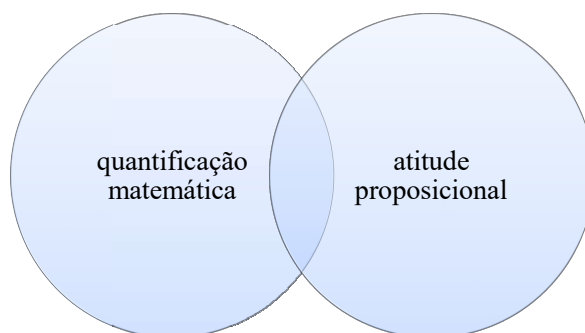
(i) *Calcular* no âmbito da quantificação

determinar valor
determinar por meio de cálculo
contar
fazer cálculo
computar
raciocinar
avaliar
estimar
medir
organizar visando lucros
planejar
esperar (no sentido de estar calculando/analizando)

(ii) *Calcular* e a expressão de atitude proposicional

aceitar como possibilidade real
prever
premeditar
fazer ideia de
conjecturar
imaginar
avaliar
presumir
supor

Com base nas acepções semânticas acima, foi possível perceber que o verbo *calcular* pode atuar não só no campo semântico da quantificação e lógica matemática, como também no campo da opinião do falante, permitindo a expressão de atitudes proposicionais:



Com base nas diferentes nuances semânticas do verbo em análise e por meio das ocorrências entre (49) a (64), serão apresentados os diversos usos de *calcular*, a fim de fortalecer a hipótese de que, embora alguns verbos sejam típicos de uma atividade mental bastante concreta, ocorre um recrutamento para a expressão da modalidade epistêmica, fato que pode ter motivação na analogia com outros verbos da mesma classe (cognitivos) que se prestam ao mesmo comportamento.

A partir da matriz semântica supracitada, observam-se as ocorrências abaixo:

- (49) É bem simples **calcular** o IMC. Faça a seguinte conta: $\text{PESO} \div \text{ALTURA} \times \text{ALTURA}$. (atrevida.uol.com.br)
- (50) Meus concorrentes vendem os produtos com um preço melhor que o meu... Eu **calculo** o preço dos produtos com 110 % de lucro em cima do que pago. (acdemos.wordpress.com)
- (51) Bom dia, estou abrindo uma empresa de aluguel de tablet como cardápio digital. Meu custo fixo ainda é muito peq. trabalho em casa. Pago apenas 46,00 de imposto MEI, site 29,00, e licença de uso do programa do cardápio 70,00./mês. O valor de compra pra mim do tablet é de 600,00. Como eu **calculo** o valor de locação dia/ mês? (acdemos.wordpress.com)

Ao observar esses casos, nota-se que os significados envolvidos nos usos de *calcular* referenciam atividades que se desenvolvem no âmbito da cognição, com expressão de quantificação e lógica matemática. Em (49), o locutor, ao afirmar “*é bem simples calcular o IMC*” sugerindo a resolução da conta ($\text{PESO} \div \text{ALTURA} \times \text{ALTURA}$), permite que sejam ativados processos semânticos que se conceptualizam computacionalmente, ou seja, por meio das regras de lógica matemática. Na ocorrência (50) há uma mesma significação, pois ao afirmar “*Eu calculo o preço dos produtos com 110 % de lucro em cima do que pago*”, recupera-se o cálculo matemático realizado pelo locutor, ao atribuir 110% de lucro em cima do valor que foi pago. Em (51) ocorre um processo análogo aos anteriores, pois a partir da sentença interrogativa “*Como eu calculo o valor de locação dia/ mês?*”, torna-se notório que o uso de *calcular* desenvolve processos semânticos no âmbito da quantificação lógica

matemática, uma vez que acepções como “fazer cálculo”, “computar” e “contar” nucleiam a significação expressa pelo verbo.

Usos como em (52), (53) e (54), embora estejam presentes na expressão de processo de cognição, evidencia, nuances semânticas de avaliação e estimação e não de um cálculo matemático propriamente dito:

(52) As prestações mensais são **calculadas** em percentuais sobre o valor atual do bem. (consorcio.santander.com.br)

(53) (Abraão viveu 175 anos); suas riquezas eram **calculadas** em termos de gado. (apazdosenhor.org.br)

(54) As dívidas da companhia são **calculadas** em mais de R\$ 1 bilhão. (gironews.com)

Nas três ocorrências acima, o processo cognitivo envolve ações ligadas à avaliação e estimação de valores. Em (52), a partir da sentença “*As prestações são calculadas em percentuais sobre o valor atual do bem*”, é possível recuperar nuances distintas das ocorrências analisadas em (49), (50) e (51), pois expressa as acepções “estimar” e “avaliar”. Processo semelhante ocorre em (49), a partir da afirmação “*suas riquezas eram calculadas em termos de gado*”, isto é, as riquezas eram avaliadas/estimadas de acordo com a quantidade de gados pertencentes. Assim como nas ocorrências em (52) e (53), o falante, ao afirmar “*As dívidas da companhia são calculadas em mais de R\$ 1 bilhão*”, há a expressão de avaliação, uma vez que são estimadas por meio de um levantamento das pendências financeiras.

Considerando que o campo da cognição e o campo da modalidade epistêmica constituem eixos limítrofes, pelo fato de ambos serem expressos por meio de processos mentais, notam-se, ainda, ocorrências em que há a possibilidade de recuperar, ao mesmo tempo, nuances cognitivas e nuances epistêmicas, fato que se vê entre as ocorrências (55) a (58):

(55) Para transferências internacionais **calculo** que isso possa demorar até 1 semana até teres o dinheiro no PayPal. (ivogomes.com)

(56) A concessionária de transporte coletivo do município realiza aproximadamente 180 mil transportes por mês. Considerando o valor das tarifas e o fato de que existem passageiros que são isentos total ou parcialmente do pagamento, R\$ 4 milhões de arrecadação da concessionária por ano. Se, desse valor, descontássemos os tributos embutidos e o lucro da empresa, **calculo** que esse valor caia para menos de R\$ 3 milhões. (portoferreirahoje.com.br)

(57) Ana não é a mulher da vida de ele. **Calculo** que estas palavras lhe caiam em cima como um tijolo.(amacadeeva.clix.pt)

(58) Quem é que se quer apaixonar por uma pessoa que não corresponde a esse amor, estando ainda a recompor-se de uma separação recente?? Ninguém, (**calculo** eu)...ninguém gosta de sofrer! (portaldoamor.com.br)

Por meio da sentença (56), é possível observar que, como encaixador de oração completiva, *calcular* passa a expressar nuances semânticas que oscilam entre o que é mais cognitivo (específico da quantificação) e o que é mais modal (ligado à opinião e crença), pois, ao observar a afirmação “*calculo que esse valor caia para menos de R\$ 3 milhões*”, recuperam-se sentidos menos abstratos, como “computar”, “contar”, “estimar”, e acepções semânticas mais fluidas, como “conjecturar” e “presumir”. Em relação às ocorrências (57) e (58), percebe-se que, por meio da extensão metafórica, o verbo *calcular* passa a distanciar-se dos processos de quantificação e estimação, aproximando-se do domínio conceptual ligado à atitude do locutor diante de um conteúdo proposicional. Em (57), nota-se que, ao afirmar “*Calculo que estas palavras lhe caiam em cima como um tijolo*”, é possível recuperar um processamento mental relacionado à conjectura. O mesmo processo ocorre em (58), pois, a partir da afirmação “ninguém gosta de sofrer”, recuperam-se traços de significados ligados a “conjecturar” e “supor”. De acordo com Heine *et al* (1991, p. 166), a transição metafórica ocorre por meio de um *continuum*, isto é, de uma gradualidade que permite a ocorrência de um estágio de ambiguidade semântica. Para os autores²⁴, ambos os componentes, metafórico e metonímico, coexistem no processo de gramaticalização, o que sugere, entre uma transição de uma entidade conceptual A para outra entidade conceptual B, um estágio intermediário (A, B)²⁵, como se vê abaixo:

$$A \rightarrow A, B \rightarrow B$$

(cf. HEINE *ET AL*, 1991, p. 166)

Abaixo, segue outra ocorrência com o uso do verbo *calcular*, no entanto, em (59), o processo ambíguo aparece sem o verbo estar flexionado na primeira pessoa do singular:

²⁴ “In spite of their differing nature, the metonymic and the metaphoric component both co-exist in the process of grammaticalization and have the following structure in common, which suggests that in transition from a conceptual entity A to B there is an intermediate stage (A,B) where the preceding and the succeeding entity co-exist side by side” (cf. TRAUGOTT; HEINE, 1991, p. 166)

²⁵ (tradução nossa)

- (59) Muitos neurocientistas especialistas no campo da computação tendem a **calcular** que a capacidade de armazenamento da mente humana se situa entre 10 e 100 terabytes, embora o espectro total de estimativas varie de 1 terabyte a 2,5 petabytes. Um terabyte é igual a mil gigabytes ou um milhão de megabytes; um petabyte equivale a mil terabytes. (ahduvido.com.br)

Presume-se que, para além de usos em primeira pessoa do singular, o processo de ambiguidade semântica é presente em outras construções, como a observada em (59), cujo verbo, embora se configure no infinitivo, por encaixar uma oração completiva em posição de objeto direto, referencia acepções que nucleiam dois diferentes eixos semânticos, uma vez que *calcular*, observado na ocorrência “*Muitos neurocientistas especialistas no campo da computação tendem a calcular que a capacidade de armazenamento da mente humana se situa entre 10 e 100 terabyte*”, também equivale a ações como “computar”, “estimar”, “presumir” e “supor”.

Abaixo, segue uma ocorrência com o verbo *calcular* no gerúndio expressando sentidos ambíguos, uma vez que dois processos semânticos podem ser recuperados: quantificação e atitude do falante:

- (60) A União Internacional de Telecomunicações divulgou um retrato do setor de TICs no planeta, **calculando** que há mais de 100 países com penetração da telefonia móvel superior a 100% – e em sete a densidade já ultrapassa os 200%. Nas contas da UIT, as receitas desse setor superam US\$ 1,5 trilhão por ano, ou 2,4% do PIB mundial. (convergenciadigital.uol.com.br)

Observa-se que, em (60), na afirmação “*A União Internacional de Telecomunicações divulgou um retrato do setor de TICs no planeta, calculando que há mais de 100 países com penetração da telefonia móvel superior a 100%*”, embora o verbo *calcular* encontra-se flexionado no gerúndio, é possível recuperar as diferentes nuances semânticas, que são relacionadas a “computar”, “estimar” e “presumir”, fato que evidencia a ambiguidade.

Para Neves (2013), a expressão de crença, opinião e posicionamento do falante pode aparecer, tanto de forma taxativa, quanto de forma relativizada, uma vez que os enunciados em que tais expressões ocorrem são situados entre o certo e o provável. Percebe-se que, em estruturas de encaixamento, é evidenciado o processo de perda da quantificação, permitindo que, em configuração parentética, sejam referenciados processos puramente modais.

Nas ocorrências em (61), (62) e (63), é possível observar o uso de *calculo* em configuração parentética. Nota-se que o verbo apresenta uma diluição das acepções de significados mais concretas, salientando, assim, sentidos modais epistêmicos:

(61) Poisoned Apple? Tão giiiro! – Sim, vai ser giríssimo, eu **calculo**. (amacadeeva.clix.pt)

Por meio da ocorrência em (61), percebe-se, a partir da sentença “*Sim, vai ser giríssimo, eu calculo*”, que o locutor faz uma afirmação e, em seguida, apresenta uma ressalva, a fim de relativizar a verdade do conteúdo afirmado. Ao analisar os traços polissêmicos do verbo *calcular*, Barbosa e Fortilli (2018) afirmam que, a depender do contexto, diferentes nuances semânticas de *calcular* podem ser tonificadas, fato que permite a atuação do verbo em dois domínios distintos: o da quantificação e o da atitude e crença do falante. Segundo as autoras:

A multifuncionalidade de *calcular*, pautada nas diferentes intensidades de seus traços semânticos, propicia a existência de duas atuações: verbo pleno e dotado de argumentos específicos ou não e outro mais “inovador”, como partícula que se assemelha a um advérbio modal (BARBOSA; FORTILLI, 2018, p. 414)

Considerando o verbo *calcular* em contextos de parentetização, nota-se, em Schneider (2007), que, embora a inserção não apresente vínculo sintático, ela mantém uma relação pragmática com a oração hospedeira, apresentando uma forte função interpessoal, uma vez que o parêntese ocorre para marcar ressalvas e fazer explicações acerca do conteúdo. Para além da função interpessoal, de parentético voltado ao falante (JUBRAN, 2006), nota-se, ainda, a saliência da oração que, tradicionalmente, caracterizaria-se como sentença subordinada, por encaixar-se na oração matriz “eu calculo”. Abaixo, seguem mais duas ocorrências com o verbo *calcular* parentetizado:

(62) Bento XVI vem a Portugal e bastou isto para provocar a fúria do laicismo indígena. Parece que o presidente da Câmara de Lisboa e, a seguir, o próprio Estado resolveram dar “tolerância de ponto” nos dias em que Ratzinger está em Lisboa e, **calculo**, no Porto e em Fátima, para os católicos o poderem ir ver. (contra-a-corrente.blogspot.com)

(63) Quem é que se quer apaixonar por uma pessoa que não corresponde a esse amor, estando ainda a recompor-se de uma separação recente?? Ninguém, (**calculo** eu)...ninguém gosta de sofrer! Eu faço aquele papel de parva que referi acima, pois ainda tenho esperanças de algum dia ter algo mais sério com a pessoa que amo, eu sonho muito alto, mas quanto mais alto sonhar, maior é a queda! (portaldoamor.com.br)

Em (62), pode-se observar que a oração “*O presidente da câmara de Lisboa e, a seguir, o próprio Estado resolveram dar “tolerância de ponto” nos dias em que Ratzinger está em Lisboa e no Porto e em Fátima*” é suspensa pelo verbo *calcular*, o que sugere uma leitura de preocupação do falante acerca da interpretação do ouvinte, o que também ocorre em

(63), a partir da quebra sintática da oração “*Ninguém, (calculo eu)...ninguém gosta de sofrer*”. Percebe-se que as marcas indicativas do perfil prosódico são bastante variadas, no que diz respeito à quebra da oração, pois podem aparecer intercaladas por sinais como vírgula, ponto, ponto e vírgula, reticências ou parêntese.

Por meio dos postulados de Bybee (2003), é possível observar a atuação de mecanismos como a metaforização, que proporciona a transferência conceptual, permitindo ao verbo *calcular* expressar acepções como “presumir” e “supor”, derivadas do processo mental de fazer um cálculo, uma vez que, de um domínio menos abstrato, *calcular* passa a funcionar como um parentético epistêmico, adquirindo maior mobilidade sintática, assim como o verbo *deduzir*, que, de um domínio ligado à quantificação, adquiriu um funcionamento mais abstrato. A partir desse primeiro mecanismo, é possível notar o processo de abstratização, pois, embora *calcular* ainda mantenha o pronome pessoal reto, e a desinência de primeira pessoa, algumas propriedades sintáticas, tal como a fixação na primeira pessoa do singular no presente do indicativo, e algumas propriedades semânticas, como os traços fonte são perdidos em decorrência da configuração parentética.

Com base nos dois primeiros processos, há a atuação de um terceiro mecanismo: a generalização de significados, uma vez que o verbo *calcular* passa a atuar em um maior número de contextos, devido à extensão metafórica. Para Barbosa e Fortilli (2018), reconhece-se que os usos do verbo *calcular* não pressupõem o encerramento de um sentido para o início de outro, mas a sobreposição de significados que se tonificam em contextos diversos.

A seguir, será apresentada uma comparação dos traços de significados dos verbos analisados, uma vez que, em configuração parentética, parece haver saliência da acepção epistêmica, que se considera presente em cada verbo.

4.3 Uma comparação das acepções dos verbos *crer*, *acreditar*, *supor*, *pensar*, *imaginar*, *achar*, *deduzir* e *calcular*.

A hipótese central desta seção é que alguns verbos, por apresentarem acepções semânticas mais fluidas, aproximam-se mais da modalidade epistêmica, favorecendo, assim, o intercâmbio entre o campo da cognição e o campo da atitude proposicional, enquanto outros, devido à concretude do processo que expressam, mostram-se mais distantes da expressão de avaliação.

Considerando que os verbos cognitivos selecionados para este trabalho possuem acepções que podem aproximá-los ou distanciá-los da expressão de modalidade epistêmica, faz-se necessário, aqui, retomar algumas considerações sobre modalização, visto que é por meio deste recurso, que, linguisticamente, o locutor é capaz de apresentar a sua atitude e crença diante de um conteúdo proposicional.

Dentre os elementos destinados a expressar aquilo que é de cunho avaliativo, encontram-se, na língua inglesa, verbos como *may*, *must*, *can*, *think*, *guess* e outros que funcionam ou podem funcionar como itens marcadores de subjetividade. Também se comportam de forma semelhante alguns marcadores discursivos que se desenvolvem a partir de advérbios e funcionam como uma espécie de hedge discursivo, pois são utilizados para suavizar o efeito do conteúdo expresso em determinada situação de conflito, como os marcadores *well*, *actually* e *indeed*, que já são bastante difundidos no inglês.

Para considerar o eixo do conhecimento no qual se baseiam opiniões, crenças e posicionamentos, parte-se, aqui, da definição postulada por Hengeveld (1988), que caracteriza dois tipos de modalidade: *objetiva* e *epistemológica*, sendo a segunda considerada para o desenvolvimento desta análise. O autor considera modalidade epistemológica como todos os recursos utilizados pelos locutores a fim de expressar o seu comprometimento com relação à verdade da proposição, subdividindo-a em modalidade epistemológica *subjetiva*, que apresenta nuances ligadas a dúvida ou certeza, e *evidencial*, pelo fato de tal evidência chegar ao locutor via inferência, citação ou experiência. Ao tratar sobre a relação entre *modalidade epistêmica* e *evidencialidade*, é preciso observar a fonte de conhecimento do locutor, pois, quando o posicionamento deste está ligado a uma evidência a partir da qual ele mesmo conclui, a responsabilidade assumida é estritamente pessoal e, portanto, subjetiva. Por outro lado, quando o locutor parte de um conhecimento comum aos participantes do evento comunicativo, assume-se uma qualificação intersubjetiva, por sugerir que os ouvintes podem concordar ou não com sua avaliação.

Em Traugott (1989), são apresentadas três tendências²⁶ de aumento de expressividade/subjetividade na língua. A primeira tendência postula que os significados baseados em situações externas passam a descrever significados avaliativos, perceptivos e cognitivos, ou seja, significados baseados no mundo biofísico tendem a expressarem

²⁶ “Tendency I: meanings based in the external described situation > meanings based in the internal (evaluative/perceptual/cognitive) described situation. Tendency II: meanings based in the external or internal described situation > meanings based in the textual and metalinguistic situation. Tendency III: meanings tend to become increasingly based in the speaker’s subjective belief state/attitude toward the proposition (TRAUGOTT, 1989, p. 34 - 35)”.

significados mentais. A segunda tendência afirma que significados baseados em situações externas ou externas podem passar a ser baseados na situação textual e metalinguística. A terceira tendência postulada por Traugott (1989) baseia-se no fato de que os significados tendem a se tornar cada vez mais ligados à crença e à atitude em relação à proposição. Para a autora, a terceira tendência pode ser considerada dominante, pois envolve subjetivação, que consiste, de acordo com Traugott, o maior tipo de mudança semântica.

De acordo com Tavares e Freitag (2010), os tipos de verbos podem ser associados às nuances de significado concreta, abstrata e genérica, o que possibilita uma observação dos diferentes graus de gramaticalização²⁷.

Ainda segundo as autoras:

Quanto maior o traço de atividade do verbo, mais ele sinalizará nuances concretas, referindo-se a ações físicas sobre o mundo exterior, isto é, o mundo das experiências básicas e intencionais. À medida que vai descendo os degraus da escala de atividade, mais o verbo expressa nuances abstratas/genéricas, perdendo pouco a pouco os elos com o mundo concreto e com a ação física intencional sobre esse mundo, chegando à expressão de operações cognitivas que não codificam ação física, mas sim mental. Por sua vez, os verbos que ocupam a ponta final da escala de atividade são bastante generalizados, pouco carregando de significado em si e servindo basicamente como elo de ligação para seus complementos. Relacionam-se, portanto, a nuances genéricas (TAVARES; FREITAG, 2010, p. 2).

Ao observar as nuances semânticas encontradas em cada tipo de verbo, constata-se que, embora eles façam parte de uma mesma categoria, apresentam traços semântico-pragmáticos que os diferem em muitos sentidos. Retomando a ideia elucidada anteriormente, e com base nas análises semânticas dos verbos *crer*, *acreditar*, *supor*, *imaginar*, *pensar*, *achar*, *deduzir* e *calcular*, pode-se notar que existem alguns verbos mais ligados a uma atividade mental concreta e outros que, por apresentarem acepções semânticas mais fluidas, estão se enveredando, com mais frequência, para o campo epistêmico.

A partir da semântica dos verbos *crer*, *acreditar*, *supor*, nota-se que tais verbos são expressivos de processos mentais mais fluidos, pois as acepções que nucleiam suas significações estão relacionados a uma atividade mental mais abstrata.

Crer, como foi apresentado em 4.2.1, etimologicamente, delineia significados ligados aos antigos fundamentos da fé católica, escopando entidades, fenômenos e emoções, tal como se vê em (64) e (65)²⁸:

²⁷ Como já fora afirmado em momentos anteriores, para este trabalho, parte-se da noção de GR com base em estudos como os de Hopper e Traugott (1993), que mostram a possibilidade de conceber este processo de modo mais amplo, não se restringindo aos moldes clássicos, em que ocorre mudança de categoria, mas como mudança de comportamento, e Himmelmann (2004), que apresenta a possibilidade de gramaticalização como expansão semântico-pragmática.

(64) Eu acima de tudo **creio** na misericórdia dele!! (adordesermulher.blogspot.com)

(65) **Creio** nos anjos que andam pelo mundo, **creio** na deusa com olhos de diamantes.. (almadepoeta.blogspot.com)

A partir dos usos acima, nota-se o processo inicial desempenhado pelo verbo *crer*, uma vez que se relaciona a crença religiosa. Presume-se que, pelo fato de esse verbo já surgir em um campo cognitivo ligado à crença e ser expressivo de processos mentais subjetivos, metaforicamente, surgem acepções mais abstratas que escopam qualquer conteúdo que necessite de um posicionamento por parte do falante.

Com o verbo *acreditar*, ocorre um processo bastante semelhante, pois, como foi mostrado em 4.2.2, tal predicado surge a partir do verbo *crer* e expressa nuances semânticas que referenciam, inicialmente, os mesmos processos, como pode ser visto em (66):

(66) Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena **acreditar** no sonho que se tem ou que seus planos nunca vão dar certo.. (14bisblog.com)

A primeira nuance semântica do verbo *acreditar*, expressa em (66), evidencia a ocorrência de um processo de abstratização análogo ao do verbo *crer*, pois ambos nascem em um campo ligado a crença religiosa e, a partir da atuação de mecanismos como metaforização, abstratização e generalização, atingem um campo semanticamente mais abstrato, que é a modalidade epistêmica. Em (67), o uso do verbo *acreditar* deixa de referenciar crença religiosa, devido à saliência da acepção “aceitar como verdadeiro” expresso na afirmação “o ex-secretário Geraldo Eugênio era uma pessoa esforçada”:

(67) Eu **acredito** que o ex-secretário Geraldo Eugênio era uma pessoa esforçada, um técnico bem intencionado. (19Or:Br:Intrv:Com - Manoel dos Santos, 1997)

(68) Eu estou lapidando, deixando o mais perfeito possível, mas **acredito** no potencial dela. (19Or:Br:Intrv:Cid - Simone Magalhaes, 1800)

No uso em (68), nota-se que *acreditar* também referencia o ato de aceitar como verdadeiro ou estar convencido da verdade, o que mostra uma aproximação maior ao eixo da modalidade epistêmica, uma vez que, para convencer-se de algo, é necessário posicionar-se epistemicamente. *Acreditar* é fortemente subjetivo e se encontra muito próximo da

²⁸ Algumas ocorrências dessa seção de análise já foram analisadas ao longo desse trabalho.

modalidade epistêmica, pelo fato de processar uma atividade mental mais ampla, que não especifica um processo cognitivo concreto, mas liga-se ao posicionamento e crença do falante diante de determinado conteúdo.

Dentre o conjunto de verbos que se originam de processos semânticos mais fluidos, encontra-se o predicado *supor*. Com base na análise em 4.2.3, nota-se que a semântica do verbo *supor*, inicialmente, faz referência à “hipótese” e “conjectura”, processos abstratos que, por meio da extensão metafórica, permite a utilização do verbo em qualquer contexto que apresente um conteúdo possível de ser verdadeiro.

- (69) As pessoas que usavam óculos eram apelidadas de “quatro olhos”. **Suponho** que, por causa disso, perdi os óculos na primeira semana. (libertas.com.br)

Em (69), observa-se que, em contextos mais gerais, há a saliência de acepções como “imaginar”, “aceitar como verdadeiro” e “presumir”, que referenciam o posicionamento do falante acerca da perda dos óculos. Observa-se que tais características semânticas relacionam-se às acepções de origem do predicado, à medida que expressam o que é hipotético/não comprovado.

Além dos três verbos citados acima, outro verbo que expressa um processo mental mais “fluido” é o predicado *pensar*, que se relaciona ao ato de combinar ideias, refletir e raciocinar por meio de conhecimentos prévios. *Pensar*, no âmbito do raciocínio (cf. 4.2.4), evidencia processos mentais que, embora abstratos, etimologicamente, não apresenta nuances relacionadas a crenças e opiniões, como os verbos *crer*, *acreditar* e *supor*. Na ocorrência abaixo, nota-se a especificidade do verbo *pensar*:

- (70) O que escrevi em O jogo (diário esportivo) e repeti no Sabiá (jornal da Casa do Brasil de Lisboa) é exatamente o que **penso** sobre a atitude desses dois ministros em relação à CPLP. (19Or.Br:Intrv:Com - Alípio de Freitas, 1997)

Na ocorrência em (70), observa-se que o predicado *pensar* apresenta acepções semânticas que codificam um processamento mental abstrato, pois, ao utilizá-lo, o locutor faz referência a sua subjetividade, visto que relaciona os conhecimentos prévios e experiências sobre o assunto, e expressando algo que acredita. O ato de pensar e raciocinar possibilita, por meio de extensão metafórica e generalização de significados, a expressão de julgamentos acerca de conteúdos proposicionais que estão sendo o cerne do pensamento, como se vê em (71):

- (71) Eu **penso** que deverão surgir medidas especiais para que esse uso da máquina administrativa não aconteça. ([19Or:Br:Intrv:Pov](#))

Com o verbo *imaginar* ocorre um processo bastante semelhante, pois, embora sua matriz semântica de origem (cf. 4.2.5) não apresente nuances que revelem crenças e posicionamentos, por ser repleta de acepções abstratas, tais como “criar algo”, “conceber imagens mentais” e “visualizar”, torna-se também propício a expressar nuances epistêmicas. Por meio da ocorrência em (72), recupera-se um uso menos abstrato do verbo *imaginar*, pois o locutor afirma que imagina o sofrimento, ou seja, ele visualiza mentalmente uma determinada situação ocorrida.

- (72) Ontem, Brasil de Farroupilha e Veranópolis carimbaram passaporte. Temos aí quatro equipes da Serra. # Rodada # Emocionante a rodada. Um gol aqui, outro ali e a cada instante tínhamos modificações na tabela. **Imagino** o sofrimento do pessoal de Vacaria: o time está fora dos pentagonais pelo saldo de gols. ([19N:Br:PA](#) - De Primeira/HiltorMombach, 1997)

Em (73), o falante faz uso do verbo *imaginar*, para evidenciar a sua opinião acerca da possível influência recebida de coreógrafos. Nesse sentido, não se faz referência a algo do imaginário, mas a uma situação que se constrói de acordo com os conhecimentos e experiências, contemplando atitudes de crença e posicionamento.

- (73) Mesmo tendo passado por um longo período de isolamento, **imagino** que você tenha sido influenciado por outros coreógrafos. ([19Or:Br:Intrv:ISP](#))

Como foi apresentado em 4.2.5, quando o falante imagina, há um processamento mental, mas a própria semântica do verbo se relaciona com aquilo que pode fugir ao real. *Imaginar* significa formar imagem mental de algo não presente, o que deixa espaço para o que não é um fato, mas uma criação subjetiva da mente.

Considerando a existência de dois conjuntos de verbos cognitivos nesse trabalho, para além dos verbos *crer*, *acreditar*, *supor*, *pensar* e *imaginar*, há outros três verbos, *achar*, *deduzir* e *calcular*, que, embora, quando parentetizados, apresentem comportamento de advérbio modalizador, apresentam acepções modais mais discretas em sua etimologia. Isso sugere que, de fato, a existência de ao menos um traço modal em um verbo cognitivo pode proporcionar sua trajetória rumo ao reforço da postura epistêmica, sendo a parentetização um recurso sintático que favorece tal caminho.

Portador das acepções semânticas “encontrar”, “descobrir” e “criar”, *achar* desenvolve processos mentais ligados a raciocínio, no entanto, por meio da metaforização, como foi

mostrado em 4.2.6, esse verbo passa a atuar em novos contextos, e adquire a possibilidade de expressar diferentes nuances semânticas que referenciam a atitude e crença do falante diante de um conteúdo. Nas ocorrências em (74) e (75), nota-se que o verbo *achar* apresenta dois processos semânticos distintos, pois, enquanto em (74) recupera-se a primeira acepção do verbo *achar*, que é ligada a “encontrar” e “descobrir”, em (75), há saliência de nuances epistêmicas, à medida que o verbo desenvolve processos ligados ao eixo da modalidade:

(74) Eis que há três anos venho procurar fruto em essa figueira e não o **acho**; corta-a; por que ocupa ainda a terra inutilmente? ([24.229.2.221](#))

(75) Eu tenho evitado escrever sobre o que anda rolando na mídia, porque eu **acho** que as informações estão repetidas demais pra eu vincular mais isso aqui nesse espaço. (<http://001pontodevista.zip.net/>)

Em relação ao verbo *calcular*, embora ele passe a apresentar um sentido mais abstrato, envolvendo a atitude do falante via metaforização, ainda encontra-se bastante ligado ao eixo cognitivo, pois faz referência a um sentido mais concreto, rígido, devido à especificidade do processo que expressa. Na ocorrência em (76), observa-se tal rigidez de significado, pois, ao desenvolver um processamento mental ligado ao ato de calcular, é referenciada uma atividade mais concreta, ou seja, distanciada do eixo epistêmico:

(76) Tudo o que for chamado de ativo ou recebível entra nesta história. **Calculo** R\$ 140 bilhões. Só de privatização, a expectativa é de arrecadar R\$ 68 bilhões. ([19Or:Br:Intrv:ISP](#) - Velloso, 1997)

Por outro lado, por meio da ocorrência (77), percebe-se que o verbo *calcular* faz referência a um processo mental ligado à quantificação, mas, ao mesmo tempo, ligado à inferência, devido aos seus conhecimentos e análise da proposição.

(77) É uma desilusão que eu tenho com o brasileiro. **Calculo** que só 20% dos brasileiros sejam gente como nós, gente que merece respeito e consideração. ([19Or:Pt:Intrv:Web](#) - Hélio GRacie)

Com base nas acepções semânticas mostradas em 4.2.8, observa-se que, quando o locutor calcula, semanticamente, é recuperado o ato de computar/fazer contas por meio de dispositivos como o próprio cérebro, além de artifícios como lápis e papel, fato que o distancia da expressão da modalidade epistêmica. Observa-se que usos mais gramaticalizados tendem a manifestar significados mais abstratos e usos menos gramaticalizados tendem a manifestar significados menos abstratos, ligados ao mundo físico, assim como ocorre com o

verbo *deduzir*, analisado em 4.1.7, que inicialmente apresenta acepções como “tirar de fatos ou princípios” e “propor em juízo”. Tais nuances, permitem identificar que, etimologicamente, *deduzir* não desenvolve processos situados no eixo modal, pois sua ação ocorre no cerne do pensamento via raciocínio lógico dedutivo e não com base em atitudes e crenças. Por meio da ocorrência em (78), observa-se o uso mais inicial do predicado *deduzir*:

(78) **Deduzo** pelas suas palavras que sua filhinha deve ser um amor. (euclaudio.clix.pt)

Deduzir, em (79), expressa um processo mental ligado a nuance “tirar de fatos ou princípios”, o que implica “tirar conclusões por meio de evidências”, uma vez que, por meio das palavras ditas por um dos pais, o falante concluiu que a filha deve ser um amor.²⁹ Como mostrado em 4.2.7, quando encaixador de oração completiva, *deduzir* evidencia processos semânticos que se distanciam do sentido mais concreto, e aproxima-se da expressão de posicionamento do falante, como observado em (80):

(79) Euler, entendo sua situação. **Deduzo** que você leciona Sociologia muito bem, mas não é o caso de muitos professores efetivos com habilitação em conteúdos afim (CAT). (arquivopessoa.net)

Considerando que, dos verbos cognitivos analisados, apenas os predicados *crer*, *acreditar*, *supor*, *pensar* e *imaginar* apresentam acepções que, desde a sua etimologia, os aproximam do eixo modal epistêmico, percebe-se que há uma trajetória de metaforização que desencadeia novas nuances semânticas em cada um desses predicados. Parece ser a abstratização um dos mecanismos determinantes para a ocorrência da analogização, visto que, partindo de verbos cognitivos como *crer*, *acreditar*, *supor*, *pensar* e *imaginar*, que são portadores de acepções semânticas mais fluidas, o falante faz uso de outros, como *achar*, *deduzir* e *calcular*, a fim de expressar o seu posicionamento, embora eles não sejam verbos modais desde a origem. Em Bybee (2010), pode-se notar que, ao tratar de verbos cognitivos do inglês, como *think*, *can*, *believe*, *imagine*, *understand* e outros, não há uma distinção entre o campo cognitivo e o campo epistêmico, fato que pode ser observado no modo como a autora caracteriza tais verbos logo no subtítulo do capítulo: cognitivos/epistêmicos.

²⁹ Usos mais remotos com verbo *deduzir*, bem como com outros verbos cognitivos, mostram expressões de evidencialidade, no entanto, para este trabalho, interessa investigar o percurso que leva o verbo a se tornar um parentético modal epistêmico.

Caracterização semelhante ocorre em Criscuolo (2011), que, ao analisar as orações subordinadas substantivas objetivas diretas e indiretas, caracteriza os verbos *achar*, *acreditar*, *imaginar*, *pensar*, *calcular*, *admitir*, e outros, como pertencentes à noção de julgamento, opinião e crença, isto é, sem a distinção das acepções de tais predicados, no entanto, nem todos estes verbos revelam, em magnitude, a atitude proposicional.

Ao analisar, nesta seção, as acepções dos verbos selecionados, foi possível constatar que, contrariamente aos trabalhos anteriores, há distinções entre o que é mais cognitivo e o que é mais epistêmico. Neste sentido, percebe-se a necessidade de pontuar tais acepções para melhor explicitar as nuances de significado expressas por cada predicado. Abaixo, segue uma tabela com os verbos analisados:

Tabela 1 – Traço de significado e processo mental.

VERBO	TRAÇO DE SIGNIFICADO	PROCESSO MENTAL
<i>Crer</i>	ter crença religiosa, ter fé, ter confiança, ser crente	Considerar algo digno de fé
<i>Acreditar</i>	ter fé ou crença, ter como verdadeiro ou provável	Considerar algo real
<i>Supor</i>	ter algo em perspectiva, trazer a ideia, atribuir, imaginar	Estabelecimento de hipóteses
<i>Pensar</i>	meditar, raciocinar, pretender, imaginar	Combinação de ideias
<i>Imaginar</i>	conceber na mente, idear, criar algo, visualizar	Criação de imagens
<i>Achar</i>	descobrir, encontrar, Inventar, criar	Busca baseada em conhecimentos
<i>Deduzir</i>	Reduzir, descontar, abater, subtrair	Raciocínio que processa quantidades
<i>Calcular</i>	determinar valor, Fazer cálculo, avaliar, raciocinar	Raciocínio que Processa quantidades

Fonte: a própria autora

Por meio da tabela acima, percebe-se que os traços de significados de cada verbo podem proporcionar ou não a expressão de crenças e atitudes, pois alguns verbos de cognição estão mais próximos da modalidade epistêmica, enquanto outros estão mais distantes, por

apresentarem sentidos mais específicos de um processamento mental. Com base nas acepções observadas, nota-se a existência de um *continuum*, em que os processos mentais são compreendidos como mapeamentos da trajetória destes verbos, no sentido de que todos eles passam por pontos semelhantes.

Tabela 2: A escala da abstratização dos verbos cognitivos parentéticos.

Campo cognitivo			Campo epistêmico		
<i>deduzir</i>					
<i>calcular</i>	<i>achar</i>	<i>pensar</i>	<i>supor</i>	<i>imaginar</i>	<i>acreditar</i> <i>crer</i>
[Processos mentais menos abstratos]		[Processos mentais mais fluidos]		[Processos ligados a atitude proposicional]	

Fonte: a própria autora.

Os verbos, aqui analisados, embora não tenham perdido traços de significados de origem, apresentam algumas mudanças relacionadas ao funcionamento na língua. Ao comparar as trajetórias dos oito verbos selecionados, percebe-se que *crer* e *acreditar* são bastante ligados a crença do falante, mostrando-se suscetíveis a expressão de modalidade epistêmica, fato que se assemelha aos verbos *supor*, *imaginar*, *pensar*, que, embora ainda expressem nuances de um processamento mental cognitivo, devido à fluidez de suas acepções, ligam-se a atitude e crença do falante, visto que referenciam atitudes e crenças sobre determinado conteúdo. Em relação aos verbos *achar*, *deduzir* e *calcular*, nota-se que, embora faça referências a ações mais concretas, expressas pelo ato de encontrar/descobrir, expor/enumerar e calcular/raciocinar, encontram-se em um nível além do *continuum*, visto que em alguns contextos, via metaforização, passam a apresentar nuances ambíguas, ora de raciocínio, ora de crença e opinião.

Nota-se que os verbos *crer*, *acreditar*, *supor*, *pensar* e *imaginar* são mais expressivos que os verbos *achar*, *deduzir* e *calcular*, devido as acepções que expressam estarem mais ligadas ao campo da modalidade epistêmica. A frequência de ocorrência é um dos fatores que parece demonstrar isso, já que verbos menos representativos de uma atividade mental específica são mais frequentes como modalizadores epistêmicos, o que será mostrado na seção 4.3.

Ao observar as matrizes semânticas de cada verbo, nota-se que, dentre as acepções modais, quatro são compartilhadas entre a maioria dos verbos analisados nesse trabalho, o que permite observar a existência de quatro acepções que proporcionam, fortemente, a expressão de atitude proposicional.

Observe o quadro abaixo:

Quadro 5 - Presença ou ausência de uma das quatro acepções que sustentam a expressão de postura epistêmica do falante.

Verbo	<i>Presumir</i>	<i>Supor</i>	<i>Julgar</i>	<i>Aceitar como verdadeiro</i>
<i>Crer</i>	*	*	*	*
<i>Acreditar</i>			*	*
<i>Supor</i>	*	*	*	*
<i>Pensar</i>			*	
<i>Imaginar</i>	*	*	*	
<i>Achar</i>		*	*	
<i>Calcular</i>	*	*		*
<i>Deduzir</i>	*			*

Fonte: a própria autora

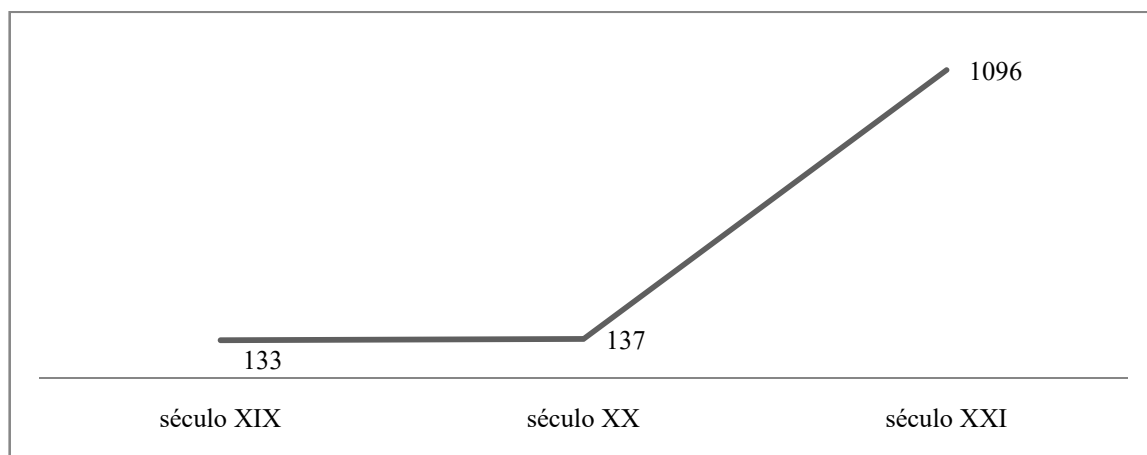
Com base no quadro acima, nota-se que seis, dos oito verbos analisados apresentam o traço modal “julgar”, que permite a expressão da opinião e crença do falante diante de uma proposição.

Os resultados demonstram que os verbos *crer*, *acreditar*, *pensar*, *supor* e *imaginar* apresentam acepções que codificam processos mentais mais fluidos e, por isso, permitem mais facilmente a expressão de avaliação do falante. As acepções semânticas dos verbos analisados atestam a gradualidade das nuances semânticas captadas no processo de parentetização, pois, verbos mais próximos do campo modal epistêmico tendem a se parentetizar com mais frequência, em relação aos que estão mais distantes, como é o caso do verbo *calcular* e *deduzir* que requerem sempre o assunto da proposição deduzida/calculada em uma evidência.

4.4 Uma análise da frequência dos usos com verbos cognitivos parentetizados entre os séculos XIX, XX e XXI.

A atuação de cada um dos mecanismos citados acima sugere que, assim como os verbos *crer*, *acreditar*, *pensar*, *achar*, *supor*, *imaginar*, os predicados verbais *deduzir* e *calcular* seguem, via analogização, uma mesma trajetória, embora um pouco mais incipiente. Nota-se que a diluição das propriedades sintáticas e o apagamento de acepções mais concretas são causados pela atuação dos mecanismos supracitados, uma vez que, por meio da frequência de uso é possível observar o aumento de ocorrências desses verbos em configuração parentética. Por meio o gráfico abaixo, é possível observar um aumento considerável de ocorrências parentéticas entre o século XIX ao XXI. De um total de 1366 ocorrências com verbos cognitivos parentéticos, 133 foram encontradas no século XIX, 137, no século XX e 1096 no século XXI. Abaixo, segue a representatividade dos dados encontrados em cada período:

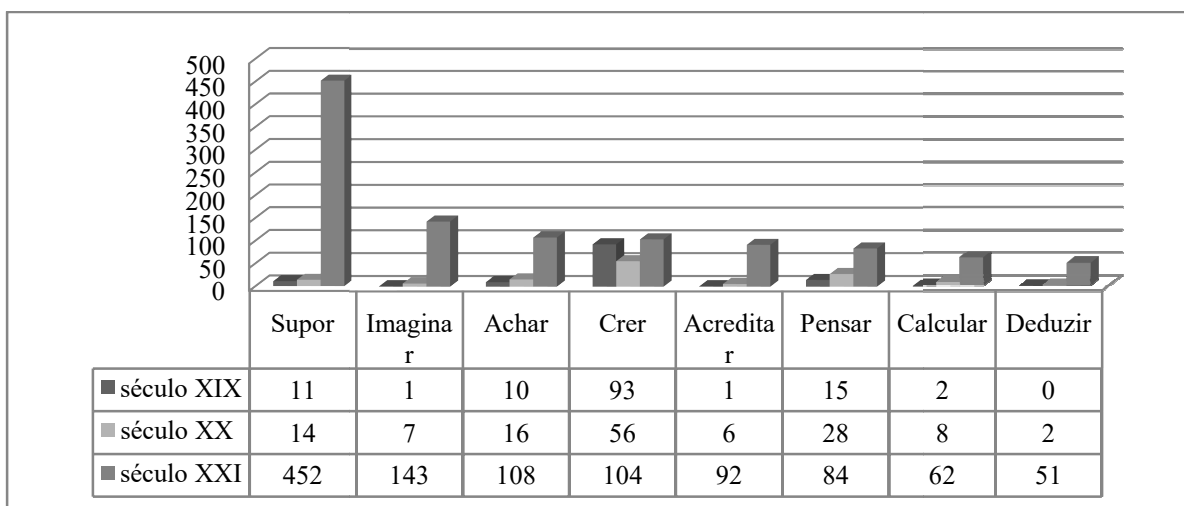
Figura 1: Aumento das ocorrências com verbos cognitivos parentéticos.



Fonte: a própria autora

Para melhor exemplificação dos dados encontrados, segue um segundo gráfico com a quantidade de ocorrências encontradas a partir de cada verbo entre os séculos XIX, XX e XXI:

Figura 2 – Quantidade de ocorrências de cada verbo cognitivo parentético entre os séculos XIX, XX e XXI, no *Corpus do Português*.

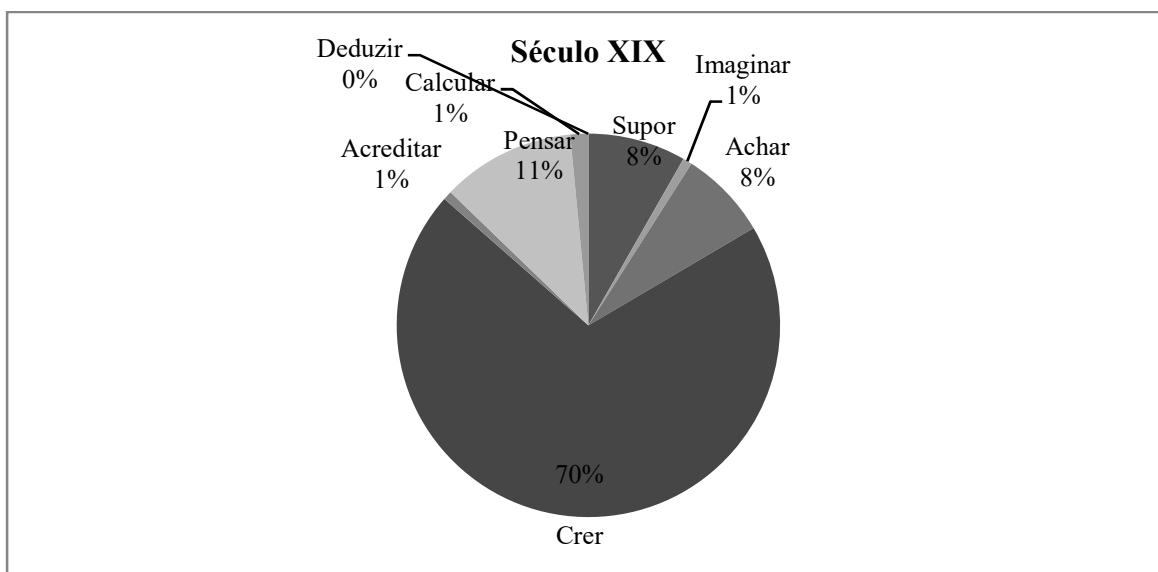


Fonte: a própria autora

Percebe-se, segundo os dados coletados no corpus do português, que, no século XIX, o verbo *crer* era o mais frequente em termos de número de ocorrências catalogadas. Presume-se que, pelo fato desse verbo ser representativo de uma atividade mental bastante fluida, no sentido de não ser tão específica, ele tenha servido de modelo a outros verbos como *acreditar* e *imaginar*, que se mostraram menos frequentes nos dois primeiros séculos e, posteriormente, nos séculos XX e XXI, apresentaram um aumento bastante significativo. Nota-se que, entre os dados do século XX, *crer* permanece mais frequente, apresentando 52 ocorrências, no entanto, no século XXI, outros verbos como o *supor*, *imaginar* e *achar*, passaram a ser utilizados com mais frequência, o que fez com que *crer* se tornasse o quarto verbo mais frequente do conjunto selecionado.

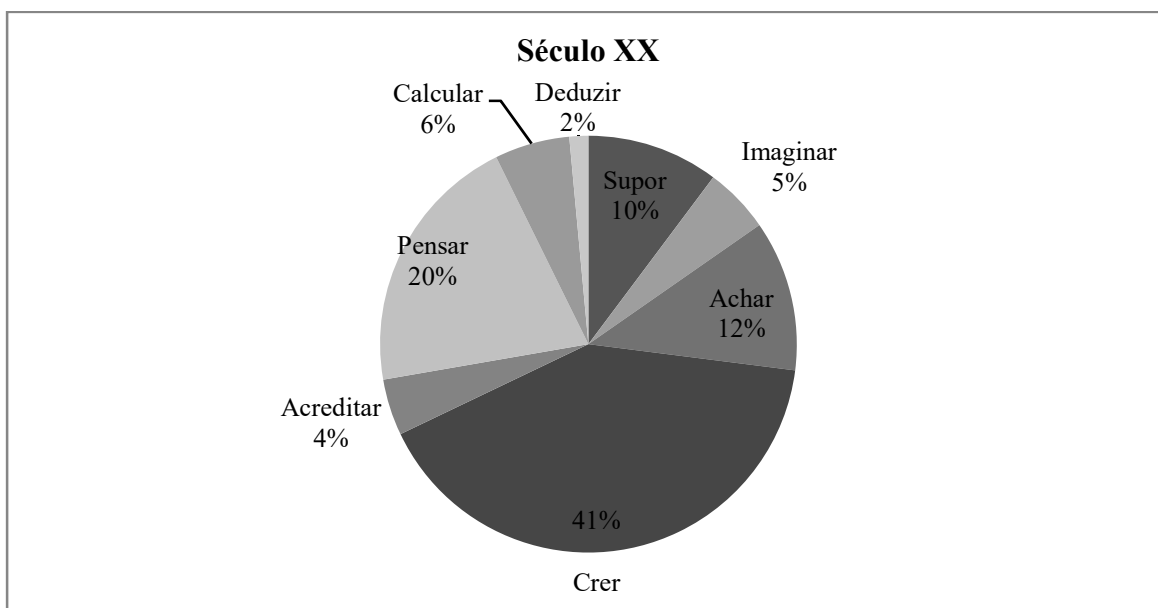
Abaixo, segue o aumento das ocorrências de cada verbo representado pelas suas porcentagens em cada século:

Figura 3: Porcentagens de ocorrências de cada verbo no século XIX.



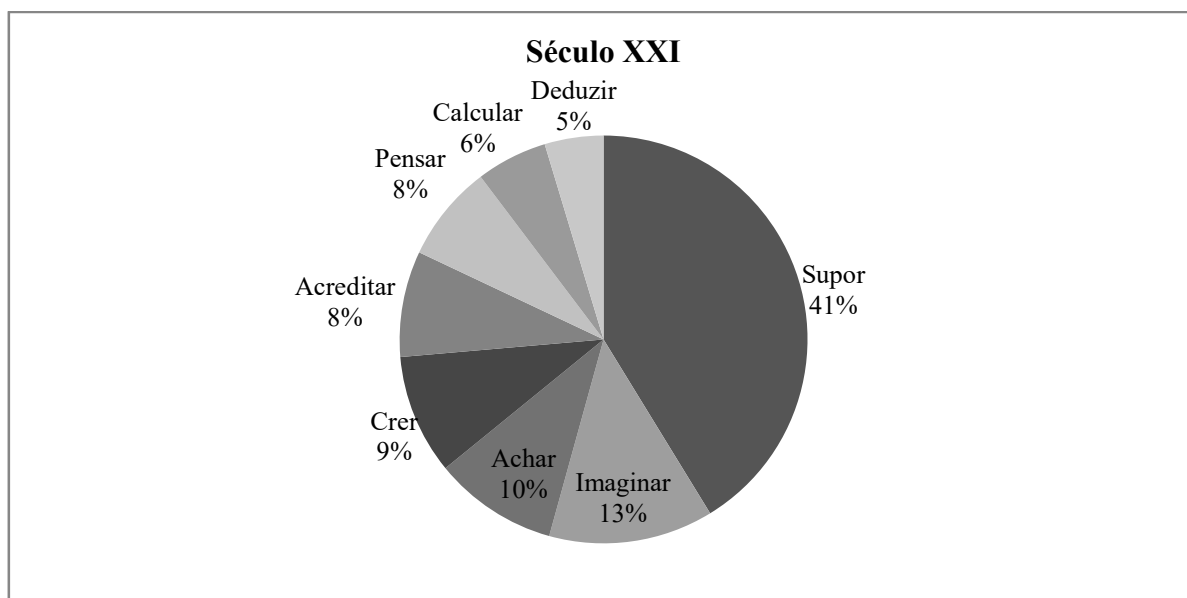
Fonte: a própria autora

Figura 4: Porcentagens de ocorrências de cada verbo no século XX.



Fonte: a própria autora

Figura 5: Porcentagens de ocorrências de cada verbo no século XXI.



Fonte: a própria autora

Em termos de porcentagens de ocorrências, nota-se que, no século XIX, encontraram-se verbos com uma porcentagem maior, como *crer* (70%), *pensar* (11%), *supor* (8%) e *achar* (8%), enquanto outros como *imaginar*, *acreditar* e *calcular* apresentaram um percentual de apenas 1%. Além dos verbos pouco frequentes no século XIX, encontra-se o verbo *deduzir*, que por ser representativo de acepções bastante concretas não apresentou usos parentetizados no século XIX.

Ao observar o século XX, percebe-se que houve um aumento em termos de percentuais de ocorrências. Nesse século, verbos como *pensar*, *achar* e *supor* apresentaram um aumento significativo, passando a compor 20% (*pensar*), 12% (*achar*) e 10% (*supor*) do total de ocorrências. No século XX, verbos como *imaginar*, *acreditar*, *deduzir* e *calcular* mostram um aumento de 1% a 5% (*imaginar*), 1% a 4% (*acreditar*), 0% a 2% (*deduzir*) e 1% a 6% (*calcular*); o verbo *crer*, embora permaneça com o maior percentual, começa a concorrer com os demais. Por outro lado, ao analisar o percentual de ocorrências no século XXI, observa-se que o verbo *supor* aumenta consideravelmente, apresentando 41% das ocorrências desse século. Houve, também, um razoável aumento de percentual com os verbos *imaginar* e *acreditar*, que passam de 5% a 13% (*imaginar*) e de 4% a 8% (*acreditar*). No entanto, em relação ao percentual do verbo parentético *crer*, nota-se uma queda, uma vez que nos dois primeiros séculos o verbo apresentava mais de 30% das ocorrências, e, no século XXI, representa apenas 9% do total de ocorrências. Presume-se que isso se deva ao aumento dos

demais usos com verbos cognitivos, visto que, por meio da analogização, outras formas passaram a ser concorrentes.

Por meio da frequência das ocorrências listadas acima, percebe-se que alguns verbos, como *crer* e *pensar*, devido à fluidez de suas acepções, serviram de base para o uso de outros predicados, como *calcular* e *deduzir*, que ainda apresentam acepções bastante arraigadas ao eixo da cognição. Nesse sentido, constata-se, por meio da frequência de ocorrências que, de fato, existem alguns verbos que se parentetizam mais, devido à fluidez de suas acepções, que permite a observação de uma gradualidade no processo da parentetização, pois verbos cognitivos mais próximos do eixo epistêmico se parentetizam com mais frequência, quando comparados aos que estão mais distantes.

CONCLUSÕES

Analisando as construções com verbos cognitivos no português, foi possível observar diferentes traços de significados que proporcionam a atuação de cada verbo para a expressão de um processamento cognitivo e de modalidade epistêmica, os quais, embora próximos, não se sobrepõem.

Ao investigar a etimologia dos dois conjuntos de verbos: *crer*, *acreditar*, *supor*, *pensar*, *imaginar* e *achar*, *deduzir* e *calcular* observou-se que, por meio de uma gradualidade das acepções semânticas, há a possibilidade de um intercâmbio entre o campo da cognição e o campo da modalidade epistêmica, uma vez que as atividades desenvolvidas por cada verbo, a depender do contexto em que estão, evidenciam diferentes nuances de significados, tais como “presumir”, “aceitar como verdadeiro”, “supor” e “julgar”. A partir dessas acepções, os verbos cognitivos passam a se enveredar para o eixo da modalidade epistêmica, aludindo de forma periférica, ou nem apresentando, a atividade mental específica que estava em sua origem. Assim, verbos como *pensar* e *imaginar*, codificadores de atividades ligadas a raciocínios mentais, em princípio, têm reforçadas as nuances que sustentam sua atuação como modalizadores epistêmicos.

Considerando as matrizes semânticas de cada verbo cognitivo, pode-se constatar que em média cinco verbos codificam e compartilham de duas a quatro acepções modais. Os demais verbos, portadores de menos traços relativos à postura epistêmica, podem, também, atuar como os anteriores, o que se explica pelo processo de analogização. Ao observar as diferentes nuances de cada verbo, nota-se que cinco dos oito verbos analisados compartilham a acepção “presumir”, sendo eles: *crer*, *supor*, *imaginar*, *calcular* e *deduzir*. Em relação à acepção “aceitar como verdadeiro”, é possível observá-la em verbos como *crer*, *acreditar*, *supor*, *calcular* e *deduzir*. Por meio da acepção modal “julgar”, pode-se notar a existência de seis verbos compartilhando esse traço, sendo eles: *crer*, *acreditar*, *supor*, *pensar*, *imaginar* e *achar*. Observando a quarta acepção, encontra-se o seu compartilhamento entre cinco verbos: *crer*, *supor*, *achar*, *imaginar* e *calcular*. A partir das quatro acepções semânticas mais compartilhadas entre os oito verbos analisados nesse trabalho, observa-se que apenas os verbos *crer* e *supor* apresentam todas as quatro acepções modais na matriz que compõe o seu significado.

Aliando essa premissa à análise da frequência de usos com verbos cognitivos parentéticos, percebe-se que o alto número de ocorrências encontradas com o verbo *crer*, entre os séculos XIX e XX, e ocorrências com o verbo *supor* a partir do século XXI, pode ser

explicada pela presença das quatro acepções semânticas “presumir”, “julgar”, “aceitar como verdadeiro” e “supor”, que permitem uma maior expressão de atitude e crença. Essa maior expressividade de posicionamento epistêmico é muito favorecida pela parentetização.

Consoante Tavares e Freitag (2010), na medida em que um verbo vai descendo os degraus da escala de atividade, passa a expressar nuances mais abstratas, perdendo, gradativamente, os elos com o mundo concreto. Assim, nota-se uma trajetória de abstratização, que é permitida por meio da atuação de alguns mecanismos cognitivos, como a metaforização, que permite a extensão de significados, levando esses verbos a se generalizar.

A partir da generalização, ocorre um maior alcance contextual e, conseqüentemente, maior frequência de usos desses verbos; com a automatização, esses verbos passam a atuar em diferentes contextos (cf. Bybee, 2003), com uma nova função inferida pelo contexto. O novo funcionamento, ligado ao comportamento de advérbio modalizador, permite que os significados mais diluídos desses verbos tornem-se evidenciados, ou seja, acepções modais passam a permitir uma restrição de significados, fazendo que esses verbos, quando parentetizados, liguem-se estritamente ao campo epistêmico, e tonifiquem muito suas características modais.

No processo de atuação desses mecanismos de ordem semântica, há, também, a atuação de mecanismos de ordem sintática, como descategorização, uma vez que acarreta, aos verbos analisados, perdas de alguns privilégios que são próprios da categoria verbo. Os parentéticos epistêmicos apresentam-se, invariavelmente, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e não encaixam o segundo argumento que, tradicionalmente (cf. Bechara, 2014), pode ser caracterizado como objeto ou oração completiva nominal a depender de cada ocorrência. Esses mecanismos atestam a hipótese de que os verbos analisados encontram-se em percurso de gramaticalização, observada pela diluição tanto do significado fonte quanto das propriedades sintáticas da categoria da qual fazem parte.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, L. A. Um estudo diacrônico dos verbos de atividade mental no português brasileiro. **Relatório Final de Pesquisa da UFMS** (Iniciação científica), Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPTL, 2016.
- BARBOSA, L. A.; FORTILLI, S. C. Traços polissêmicos do verbo calcular. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, maio/ag. 2018. p. 401-418.
- BECHARA, E. **Lições de português pela análise sintática**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- BORBA, F. S. **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.
- BUTLER, C. F. Functionalist approaches to language. In: _____. **Structure and Function: Guide to Three Major Structural-Functionalist Theories**. Part I Approaches to Simple Clause. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2003.
- BYBEE, J. Semantic substance vs. contrast in the development of grammatical meaning. **Berkeley Linguistic Society**. 1988a.14: 247-64.
- BYBEE, J. Cognitive Processes in Grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (ed.) **The New Psychology of Language**. Vol II. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003a.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAGLIARI, Luiz Carlos.; MASSINI-CAGLIARI, Gladis. O papel da tessitura dentro da prosódica portuguesa. In: **Razões e emoção. Miscelânea de estudos oferecidos a Maria Helena Mateus**. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.
- CASSEB-GALVAO, V.C. O 'achar' no Português do Brasil: um caso de gramaticalização. 1999. 167f. **Dissertação** (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CASSEB-GALVÃO, V. A atuação de mecanismos desencadeadores de processos de gramaticalização. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p.44-59, 2º sem. 2000.
- CASSEB-GALVÃO, V., GONÇALVES. Modalidade e gramaticalização: os casos de *achar* e *parecer*. **Revista Estudos Linguísticos**: São Paulo, 2001. n. 30.
- CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do Português Falado**. Vol. 22: Níveis de Análise Linguística. 2ª Edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. 1.ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

CHAFE, W. Linguistic Differences Produced by Differences between Speaking and Writing. *In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N.; HILLYARD, A. (eds.). Literacy, Language and Learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985a, p. 105-23.

CUNHA, A. F. Funcionalismo. *In: MARTELOTTA (Org.). Manual de linguística*. 2.ed., 3 reimpressão – São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4.ed. revista pela nova ortografia. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CRISCUOLO, A. C. S. Orações subordinadas substantivas sob uma perspectiva funcional-cognitivista: uma proposta de descrição e ensino. **Tese de doutoramento em Linguística**, UNESP – Araraquara, 2011.

CROFT, W. What (some) functionalists can learn from (some) formalists. *In: Darnell et al. (Eds.), 1999. p. 87–110.*

DALL'AGLIO-HATTNER, M. Uma análise funcional da modalidade epistêmica. **Alfa**, São Paulo, 40: 151-173.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. GASPARINI-BASTOS, S. D.; GONÇALVES, S. C. L.; CASSEB-GALVÃO, V. C. Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica. *In: NEVES, M. H. M. (org.). Descrição do português: definindo rumos de pesquisa*. Araraquara; São Paulo: FCL/UNESP; Cultura Acadêmica, 2001. (Série Trilhas Linguísticas, 1).

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s**, 2006. Disponível online em <http://www.corpusdoportugues.org>.

DIK, C. S. **The Theory of Functional Grammar**. Dordrecht- Holland Providence, RI: EUA: Floris Publications, 1989.

DU BOIS, John W. Competing motivations. *In: Haiman (ed.). Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1985. p. 343-365.

FERRARI, L. Linguística Cognitiva: pesquisas recentes e aplicações interdisciplinares. *In: Ferrari (org.). Espaços mentais e construções gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. Rio de Janeiro: Imprinta, 2009.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

FERREIRA, A. **O minidicionário da língua portuguesa**. 4ª edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio. 7ª impressão. Rio de Janeiro, 2002.

FILLMORE, C. The mechanisms of 'Construction Grammar'. **Berkeley Linguistics Society** 14, 1988. p. 35-55.

FONTAINE, J. **O círculo linguístico de Praga**. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 22.

FOLEY, W. A.; R. VALIN, D. V. **Functional Syntax and Universal Grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

FORTILLI, S. de C. Predicados matriciais adjetivais de orações subjetivas no português brasileiro: gramaticalização e dessentencialização. 2013. 163 f. **Tese de doutoramento** (Doutorado em Estudos Linguísticos). UNESP/IBILCE. São José do Rio Preto. 2013.

GIVÓN, T. Historical Syntax na Synchronic Morphology: an Archaeologist's Field Trip. **Papers from the 7th. Regional Meeting**. Chicago: Chicago Linguist Society, 1971.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVON, T. **Onunderstand in grammar**. London: Academic Press, 1979.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil. **Tese de doutoramento**, Unicamp, 2003.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO Vânia Cristina. **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the Functions of Language**. London: Edward Arnold, 1973.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning**. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual Framework**. Chicago: The University of Chicago. 1991a.

HENGEVELD, K. **Ilocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish**. J. Semantics, v. S, p. 227-269, 1988.

HIMMELMANN, N. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N; WIEMER, B. (Eds.). **What makes Grammaticalization?**. Berlim: De Gruyter Mouton, 2004, p. 21-42.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**, Vol. 56, n.2. (Jun.,1980),. p.251-299.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. **Emergent grammar**. Berkeley Linguistic Society, 1987.

HOPPER, P. J. On Some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B. (eds.) **Approaches to grammaticalization**. Amsterdã: John Benjamin, 1991, p. 17-35.

JAKOBSON, R. Linguística e poética. In: **Linguística e comunicação**. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix/Editora da USP, 1969, p.118-162.

JUBRAN, C. C. A. S. Parênteses: propriedades identificadoras. In: **Gramática do português falado**. DE CASTILHO, A. T.; BASILIO, M. (Orgs.). Campinas: Editora da UNICAMP. SP: FAÉSP, 1996b. v. 4: Estudos Descritivos, p. 411-421.

JUBRAN, C. C. A. S. Introdução – A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. V. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006a. vI: Construção do texto falado, p. 27-36.

JUBRAN, C. C. A. S. Parentetização. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006b. v. 1: Construção do texto falado, p.301-357.

JUBRAN, C. S. (Org). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015.

KINGLE, A. The impact of context on modal meaning in English and Danish. **Nordic Journal of Linguistics**, v. 19, p. 35-54, 1996.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KUNO, S. **Functional Syntax: Anaphora, Discourse and Empathy**. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON. M. **Metaphors we Live by**. Chicago: Chicago University Press, 1980.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chigaco: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago, US: The University of Chicago Press, 1986. Edição espanhola: **Metáforas de La vida cotidiana**. (Traducción de Carmen Gonzalez Marín. Spain: Cátedra teorema, 2017.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive Grammar: Theorical prerequisites**. Standford: Standford University Press, 1987.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

MICHAELIS. **Dicionário escolar língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

- NEVES, M. H. M. **Uma visão geral da gramática funcional**. Alfa, São Paulo, 38: 109-127, 1994.
- NEVES, M. H. M. In: KOCH, I.G.V. (Org). **Gramática do Português Falado IV – Desenvolvimentos**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.
- NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos de português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- NEVES, M. H. M. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. 2. ed. São Paulo: Contexto: 2013.
- NICHOLS, J. Functional Theories of Grammar. **Annual Review of Anthropology**, v. 43, 1984, p. 97-117.
- NUYTS, J. Subjectivity as an evidential dimension in epistemic modal expressions. **Journal of Pragmatics**, v. 33, 2001, p. 383-400.
- NUYTS, J. Cognitive Linguistics and Functional Linguistics. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. **The Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 543-565.
- PALMER, F. R. **Mood and Modality**. Cambridge: Cambridge University Press. 1986.
- PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à lingüística: fundamentos metodológicos**. 2004.
- RISSO, M. S. SILVA, G. M. O. URBANO, H. marcadores Discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. **Gramática do Português Falado**. Vol VI. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- ROSCH, E. Principles of categorization. In: Rosch, E. e Lloyd, B. (Eds.). **Cognition and Categorization**. Hillsdale, NJ; NY: Lawrence Erlbaum 1978.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- SCHNEIDER, S. **Reduced Parenthetical clauses as mitigators**. A corpus study of spoken French, Italian and Spanish. Amsterdam: John Benjamin Publishing Company, 2007.
- SCHLESINGER, I. M. **Cognitive Space and Linguistic Case: Semantic and Syntactic Categories in English**. Cambridge: Cambridge University Press. 1995.
- TAVARES, M. A.; FREITAG, R. M. K. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. **Revista Linguística**. Vol.6. – n. 1. Junho/2010.

THOMPSON, S. That-Deletion from a Discourse Perspective. **Berkeley Linguistics Society**, v.13, 1987.

THOMPSON, S. MULAC, A. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English. *In*: E. Traugott, B. Heine (Orgs.). **Approaches to grammaticalization**. Vol. 1. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAUGOTT, E. C. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. **Language**: 1989. p. 33-65.

TRAUGOTT, E. DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press: 2001.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and intersubjectification: a reassessment. *In*: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (Ed.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 29-71.

VAN VALIN, R. D. Variations on a functionalist theme. *In*: **Souvenir of the International Summer Institute of Functional Linguistics**, 1991, Hyderabad: Central Institute of English and Foreign Languages, 1991b.

VOTRE, S. Um paradigma para a linguística funcional. *In*: MARTELOTTA, M. E. VOTRE, S. J. CEZARIO, M. M. (Orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996. p. 15-23.